

# DEV O Y CURARE

*livro 3*

PAULA VENDRAMINI





**EDITORIA MODO – 2016**  
**SELO LUMUS**

**CURARE**

**PAULA VENDRAMINI**

*Copyright © 2016 by Paula Vendramini*

Título: Curare

Linha literária: Ficção Juvenil

[seriedevooy.com.br](http://seriedevooy.com.br)

[contato: celebriant@gmail.com](mailto:celebriant@gmail.com)

Designer da capa: André Siqueira

Revisão: Helen Bampi

Versão e-book: Lhaisa Andria

2ª edição em 2016

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE**  
**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

---

V569d

v. 3

Vendramini, Paula

Devoy curare / Paula Vendramini. - 1. ed. -Campo Grande, MS : MODO, 2016.

ISBN 978-85-8405-032-1

1. Ficção americana. I. Título. II. Série.

15-21156 CDD: 813

---

23/03/2015 25/03/2015

Todos direitos desta edição reservados à

MODO Editora - Rua Guatemala, 376, Jacy - Campo Grande - MS

e-mail: [comercial@modoeditora.com.br](mailto:comercial@modoeditora.com.br)

[www.modoeditora.com.br](http://www.modoeditora.com.br)

*Dedico esse livro a todos que de alguma maneira contribuíram para que ele estivesse aqui hoje:*

*A minha família, Rodrigo, Luna e Marilda, sem vocês eu nem teria conseguindo chegar onde cheguei.*

*Aos meus amigos, principalmente Lhaisa e Maíra, que estão sempre comigo para o que der e vier!*

*A todos os leitores e que acompanham essa série: sem vocês eu nem seria uma autora!*

*Tenham uma ótima leitura!*

# SUMÁRIO

Prólogo – Ano 613 da Era dos Justos

Capítulo 1 – A esquecida Lune

Capítulo 2 – A Iniciação

Capítulo 3 – A Vila Éfaso

Capítulo 4 – A pequena *Intueri*

Capítulo 5 – O herdeiro do Imperador

Capítulo 6 – O próximo passo

Capítulo 7 – A Base Tecnológica

Capítulo 8 – O grande desejo de Nicholas

Capítulo 9 – A nova morada

Capítulo 10 – A história de Phoebe

Capítulo 11 – A cura milagrosa

Capítulo 12 – Alguém com quem contar

## Prólogo – Ano 613 da Era dos Justos

Seu coração batia descompassado enquanto lia aqueles documentos antigos. Se não fosse pelo seu cuidado, nunca conseguiria lê-los antes que se desintegrassem. Com as mãos suadas e trêmulas, junto ao seu medo de destruir aquele fino pedaço de papel, puxou a manga das vestes para cobri-las.

Antes, achava que não eram nada demais. Quando os pegou após a morte dos seus pais, nem ao menos imaginava seu conteúdo. Sua intenção sempre fora agir dentro dos conformes, ser o *Curare* que sua família esperava que fosse. Não era um *Kassan* como seu irmão, não tinha tanta utilidade dentro dos Ocultos. Bem, era assim que pensava ser. Enganara-se terrivelmente ao aceitar estar naquele lugar.

Os papéis antigos cheiravam a produtos químicos. E o que estava escrito neles parecia um simples relato. Porém, aquela frase... Seria aquilo possível? Seria possível que sua tataravó...

Ouviu passos no corredor e, mesmo nervoso, tentou guardar delicadamente os



papéis que segurava em uma urna almofadada. No momento em que a escondeu, alguém bateu à sua porta. Já sabia quem deveria ser e seu corpo se retesou no mesmo instante.

Respirou fundo e caminhou com passos firmes, tentando conter a onda de informações que se juntavam em sua mente, fixando-se em apresentar uma expressão tranquila.

— Olá, tio. — ouviu, assim que ele abriu a porta.

Sua sobrinha, Lune, estava cada dia mais sombria. Não conseguia explicar como aquilo era possível de ser percebido, mas estava ali, a cada olhar ou sorriso dela. Suas roupas oficiais de Oculto deixavam isso ainda mais evidente.

— Olá, Lune. — murmurou, abrindo a porta e lhe dando a indicação para que entrasse.

Entretanto, ela balançou a cabeça, negando a intenção.

— Não ficarei muito tempo. Aproveitei para lhe cumprimentar.

— Oh, sim.

— E também para cobrá-lo. — de repente, o sorriso dela ficou ácido — Já descobriu uma forma de controle?

— Não. Ainda não.

— Seu prazo está terminando, tio.

— Semana que vem estará pronto.

Ela sorriu novamente, colocando a mão no ombro dele com certa pressão. Aquela não era uma menina da sua família, era uma Oculta. Seu irmão e a esposa sempre foram ambiciosos, mas sua ambição ia para a família. Lune não pensava em ninguém mais além dela mesma.

— Que bom.

Ao vê-la acenar e sair sem dizer mais uma palavra, fechou a porta e encostou-se nela. Aquilo era terrível. Teria que fazer o que fora solicitado e deixar suas pesquisas para depois. Olhou para onde guardara os papéis que modificariam a história de sua família. Ao contrário do que imaginara, os Devoy não permaneceram tão puros quanto sempre se orgulharam.

## Capítulo 1 – A esquecida Lune

*Alguns anos antes.*

O quarto estava todo organizado, exceto pela cama, onde a segunda filha dos Devoy estava deitada de bruços. Seus longos cabelos negros caíam em volta dela, fazendo com que não precisasse de algo para esconder seu rosto. Ela respirou fundo e grunhiu, fazendo um barulho abafado em seu travesseiro.

Aquilo não estava certo! Definitivamente! Era o cúmulo, a pior de todas as notícias!

**Por que?** Por que aquela idiota, e não ela?

Sua mãe tentara explicar o motivo da escolha, que, de acordo com ela, era óbvia. Celebriant era alguém diferente, pois, além do *Kassan*, tinha outro poder. Mas por que aquilo era importante para o Imperador? O que uma *Intueri* tinha de mais especial que uma *Kassan* legítima como ela era?

— Lune?

Sabia exatamente de quem era aquela voz, mesmo que usasse um tom baixo, portanto não se mexeu. Ao perceber que a pessoa entrara no quarto, fechando a porta, levantou os olhos e viu uma menina de cabelos castanhos até o ombro. Seus olhos eram bem mais claros

do que a cor castanha normal, brilhosos e interrogativos, o que lhe dava um ar de completa inocência. Parada no umbral da porta, Ceres parecia apenas esperar uma reação dela.

Lune fechou a cara, colocando a cabeça no travesseiro e escondendo seu rosto novamente.

— Posso entrar? – a prima perguntou.

Resmungou algo indefinido, que saiu com um som estranho por estar com a cabeça no travesseiro. Ouviu a visita se aproximar e parar ao lado dela, ainda completamente silenciosa. Não queria conversar, mas a prima ainda não sabia da *grande notícia* para entender o seu estado de ânimo.

— O que está acontecendo? – ela perguntou, sentando-se na cama ao lado de Lune – Sua mãe me disse que você está aqui o dia inteiro.

Lune levantou os olhos frios para a prima, sentindo todos os seus músculos se contraírem de raiva. Apoiou-se nos braços, ainda olhando para ela. Seu *Kassan* sibilou em suas costas e teve que se controlar para não usá-lo ali mesmo. Queria contar, colocar aquele ódio para fora, mas se fizesse isso estando a ponto de explosão, machucaria muito a prima. Tudo bem que foi Ceres quem provocou Celebriant e tudo aquilo só aconteceu por causa dela, mas diante de todas as opções que tinha, Ceres era a única que estava totalmente ao seu lado.

Percebendo a sua raiva, a prima se afastou um pouco, deixando claro que se incomodava em ser declarada um incômodo:

— Quer que eu vá embora?

— Sabe que grande parte disso tudo estar acontecendo é sua culpa, não sabe? – grunhiu, irada.

Entendendo do que se tratava, Ceres fechou a cara e resmungou:

— Isso não é verdade! – ela sentou-se ao seu lado, encarando-a. – Eu sempre provoco aquela inútil! Como eu ia saber que o *Kassan* dela ia aparecer justo agora?

Lune soltou um grunhido irritado e ergueu-se para sentar ao lado da prima. Aquilo não iria a lugar algum. Mesmo que descontasse sua raiva nela, sabia que era a única em que podia confiar. Naquele momento, seus pais decidiram investir na filha mais velha e ela não podia mais acreditar neles.

— Você não sabe do pior, Ceres. – suspirou e levantou-se, indo para frente do espelho.

Lune olhou para seu reflexo por alguns instantes. Havia recém-completado doze anos. Estava cada dia mais bonita e encorpada. Sabia que sua beleza não era exuberante a ponto de ser uma arma confiável, mas era algo. E estava longe de ser uma inútil sem poderes, como Saori. Tinha um poder maravilhoso dentro dela, mais desenvolvido do que

aquele que Celebriant acabara de desbloquear. Mesmo assim...

— Você acha que eu sou feia? – perguntou de repente, fazendo com que Ceres a encarasse.

— Ahn... Não, Lune. Você é bonita.

— Você acha que meu poder é inútil? – continuou, encarando a prima pelo espelho.

— Definitivamente não.

— **Então por que é aquela idiota da Celebriant que vai casar com o Nicholas Moringan?** – ela se voltou para a prima exigindo uma resposta.

Ceres abriu a boca, chocada, sem dizer nada.

Lune voltou a olhar novamente com raiva para o espelho. Seus braços estavam em brasa com seu *Kassan*. Mesmo com todo seu autocontrole, quando explodia sua raiva daquela forma não conseguia se manter estável. Apesar de jovem, tinha um controle fantástico e dificilmente agia sem pensar. Com certeza não causaria esse defeito a si mesma agora.

Voltou os olhos para a prima, que ainda parecia não acreditar, e fez com que seus braços voltassem ao normal.

— Eu sei que sou a mais nova e tenho que me contentar em ser a segunda... – falou, olhando-a pelo espelho – Mas eu fui a primeira até hoje! Eu sou a melhor! O que meus pais

querem com aquela idiota, afinal?

A prima levantou-se, aproximando-se de Lune no espelho.

— Nicholas Moringan? O que tem ele?

— Na minha festa, há duas noites, os nossos pais conversaram. E decidiram que Celebriant e Nicholas vão se casar. — contou, com desprezo.

A outra pareceu pensar alguns minutos. Então segurou seus ombros e a fez se voltar para ela.

— Você *gosta* dele? — perguntou Ceres, ainda sem compreender.

Lune encarou a prima com seriedade por alguns segundos e começou a rir. A única pessoa de quem ela realmente gostava naquela vida era ela mesma e seria difícil achar alguém que a superasse.

— A gente já conversou sobre isso, Ceres! — afastou-se, sentando-se na cama novamente — Não seja idiota! Eu não *gosto* dele... Mas ele definitivamente é o melhor. E eu não mereço o melhor?

— Ahhh, sim. Mas isso é... — Ceres deu alguns passos na frente do espelho, pensativa — É ridículo! O que você vai fazer agora?

Lune respirou fundo, traçando um plano em sua mente. Não tinha algo preparado para aquilo. Esperava que Celebriant conseguisse desbloquear seu *Kassan*, mas jamais

esperara que seus pais a colocassem à sua frente daquela forma. Seu *Kassan* tinha anos de atividade e treinamento, e por mais que Celebriant tentasse, seus poderes jamais seriam equivalentes.

— Nesse momento vou apenas ficar em silêncio. Não posso fazer muita coisa ainda. Tenho doze anos e não seria bem vista se fosse contra meus pais. Mas pode ter certeza de que não vou aceitar que fique por isso. — encarou seus próprios olhos negros no espelho e deu um sorriso perverso — Nunca!

\*\*\*

*Dois anos depois.*

Lune estava ao lado dos seus pais na plateia, de onde via sua irmã no salão de festas da casa dos Moringan, com um vestido muito elegante, que realçava seu corpo.

Apesar de ter apenas quinze anos, ela era muito bonita. A cada dia a beleza dela aumentava, apesar do forte desleixo com sua aparência. O fato só fazia com que Lune sentisse um ódio maior. Aquela festa deveria ser para ela, não para sua irmã!

Ao perceber que César Moringan se levantou, chamando a atenção de todos, parou de vigiar Celebriant e prestou atenção.



— Boa noite e bem-vindos à minha humilde casa! — ele deu um sorriso cativante, que fez Lune querer vomitar — Antes de mostrarmos os indicados sortudos que iniciarão o treinamento na semana que vem, há um comunicado a ser feito. Tenho o orgulho de dizer que meu filho, Nicholas, um Oculto já em treinamento, firmará hoje compromisso com a filha de uma família recente, mas estimada, os Devoy!

Nicholas levantou-se e segurou sua irmã pelo braço, caminhando até onde César falava. Lune encarou a cena que se desenrolava diante dos seus olhos com seu *Kassan* sibilando. Tinha que se segurar para não matá-los ali mesmo. Felizmente, já não era mais a menina de quando perdeu seu posto para Celebriant e seu desenvolvimento lhe permitia manter sua imagem impassível mesmo que um terremoto acontecesse dentro dela.

— Parabéns, então, aos jovens noivos, Nicholas e Celebriant! E vida longa aos Ocultos! — César Morigan levantou sua taça de cristal ao Imperador, ao passo que todos fizeram o mesmo, e então levantou a taça aos noivos.

Foi quando Lune simplesmente saiu do salão.

Aquilo era demais. Se não saísse logo dali, colocaria tudo a perder.

Ainda assim, olhou para trás antes de chegar à porta principal do salão: seus pais nem repararam em sua ausência entre os brindes da celebração.

Ao entrar em casa, Lune correu para o seu quarto sem se importar com nada. Seu *Kassan* pulsou e explodiu o espelho com seu poder. Sentia-se inútil! Aquela idiota da sua irmã, uma *Intueri* com um *Kassan* subdesenvolvido, roubara todo o crédito de sua vida! **Tudo!**

Sua raiva era imensa. Sua decisão de se mostrar mais competente não surtia efeito algum, uma vez que seus pais só tinham olhos para a irmã mais velha. Aquela festa era o seu limite.

Procurou se acalmar, respirando fundo. Olhou para os pedaços do que tinha sido o seu espelho no chão e viu várias vezes seu próprio rosto encarando-a. Controle. Por mais que aquilo fosse forte dentro dela, precisava se controlar. E pensar.

Saiu do quarto, descalça. O chão frio a fazia se prender no que era concreto. Desceu as escadas e andou pelos corredores da casa vazia, sem rumo. Quando chegou à sala de estar, parou para ver algo. Ali havia uma pintura do Imperador. Aquele que governava o mundo pelos bastidores. Que mantinha a ordem. Que era o mais poderoso.

Mesmo não sabendo exatamente o que faria, algo se formou em sua cabeça e a raiva deu lugar a um sorriso gélido e uma risada.

— Como eu não pensei nisso antes? — murmurou, ainda sorrindo.

Era a sua resposta: Celebriant não seria uma esposa ideal. Nicholas era o futuro Imperador e grandes feitos eram esperados dele. Ouvira seus pais conversando sobre isso e não era algo do conhecimento da sua irmã... Quem sabe? Sabia que a irmã não gostava do noivo e que não parecia muito feliz com a ideia do casamento. Se ela conseguisse descobrir exatamente como aquilo lhe seria útil... Tudo seria diferente.

\*\*\*

*Oito meses depois.*

— Lune, será que pode prestar atenção? Eu não vou repassar tudo de novo para você.

Ela encarou o ombro direito de Nicholas e arregalou os olhos. Estavam na casa dos Moringan, e, apesar de ser aniversário dele, Nicholas fez questão de ajudá-la pessoalmente. E, mesmo tendo a honra de ser instruída por ele, não cansava de olhar seu ombro, com admiração e raiva. Mesmo ela tendo começado seu treinamento logo depois, não sabia que Nicholas e Celebriant tinham recebido a marca. Apesar de seu talento natural, teve que fazer o treinamento básico e assim que completasse quinze anos poderia se juntar ao treinamento

oficial para o Exército Particular. Só então receberia a sua, assim como todos os Ocultos que não eram privilegiados.

Entrara no treinamento há quatro dias e Nicholas estava repassando para ela o que deveria ter em mente quando estivesse ali.

— Conte-me quem mais recebeu a marca. — exigiu, incomodada.

Nicholas suspirou, irritado, e revirou os olhos.

— Isso é tão importante? — ao ver a feição dela, ele fez uma careta — Você está indo para o Exército Particular, logo receberá a marca também.

— Como recebo antes?

— Prestando atenção ao que eu digo.

Lune respirou fundo e acenou, concordando. Nicholas começou a lhe passar suas novas funções. Mesmo sendo uma das melhores do treinamento básico, ele explicara que, a princípio, ela deveria ficar junto com os outros, treinando para defesa. Não era o que esperava ouvir, que seria um peão como outro iniciante qualquer.

Sua irmã era a culpada de estar ficando para trás, e a sua raiva quase transbordava com isso. Por que ela recebera a marca antes? Qual era o motivo? Nicholas era o herdeiro, com certeza era motivo suficiente. Mas ela? O *Kassan* de Celebriant era irrisório perto do seu! O que aquela inútil sabia sobre seu *Kassan*? Nada. Perto de Lune, ela não sabia nada!

Será que o Imperador não via que ela era muito mais importante do que uma idiota *Intueri*?!

\*\*\*

A notícia chegara para Lune de uma forma abrupta e apressada. A família logo correu para o hospital, às pressas, e quando se sentou na sala de espera, Lune se sentiu feliz pela primeira vez em anos. Aquela sim era a melhor notícia que recebera. Será que a idiota da *Intueri* morreria?

Estava sentada ao lado da mãe, que estava muito preocupada. Obviamente, Lune fingia também sentir o mesmo, enquanto Saori chorava sem parar.

O resultado foi que os médicos não puderam fazer muito e Celebriant estava em coma. Algo além do improvável, já que informaram que o máximo que ela sofrera foram alguns arranhões, nada fatal.

Mesmo sabendo que a possibilidade de ela morrer era mínima, Lune torcia por aquilo a cada segundo. Ou que ela nunca mais acordasse. Seria o suficiente.

Foi com essa esperança que voltou para casa.

Na noite seguinte, estava em seu quarto, quando alguém bateu na porta. Sem imaginar quem poderia ser, abriu-a e ficou frente a frente com César Moringan.

— Senhor Moringan? – ela perguntou, sem compreender.

— Lune, eu preciso de um favor.

— Obviamente, senhor! – acenou, tentando não parecer tão feliz com as possibilidades que aquilo indicava.

— Preciso que me ajude com aquele criado que salvou Celebriant.

— Ajudar?

— Você sabe usar seu *Kassan* muito bem. Eu já vi você no treinamento e Nicholas me disse que realmente é boa. Para eu conseguir ver a verdade através do *Imperi*, preciso que você o torture.

Lune deu um sorriso ao reconhecer nas atitudes de César Moringan algo com que ela compactuava.

— Será um prazer. – ela disse, sentindo seu *Kassan* sibilar.

\*\*\*

*Dois anos depois.*

Lune olhou para seu ombro direito e deu um sorriso, contente.

A marca reluzia e indicava o quão importante ela era agora. Depois de todos aqueles

anos treinando, finalmente era considerada uma Oculta. Alguém que todos os treinadores admiravam. Alguém que todos sabiam que era a melhor. Ainda admirava sua nova aquisição quando ouviu um barulho no portão de casa e correu para a janela.

Trocou sua expressão satisfeita por uma fechada ao ver Celebriant voltando com seu segurança pessoal da casa de Nicholas. Sim, todos os anos de treinamento, prática e esforço para evoluir seu *Kassan* a níveis que nem seus pais tinham, e sua irmã ainda era considerada melhor pelo Imperador. Faltava apenas um mês para o grande casamento, e ao pensar na ocasião deu um pequeno sorriso: apesar de tudo, havia alguma coisa muito curiosa acontecendo e ela iria descobrir o que era.

— O que acha, Lune? – perguntou Ceres, colocando um dos vestidos dela sobre o corpo.

— Roxo combina com você. – comentou, dando uma rápida olhada na prima.

Ceres estava cada vez mais encorpada. Passara o último treinamento dos Ocultos e também recebera a marca, portanto agora era finalmente considerada uma adulta. Desde então a prima decidira morar ali com eles. Não que fizesse muita diferença, Ceres sempre passou mais tempo na casa de Lune do que em sua própria casa. Entre ficar lá com os empregados, sozinha, ou ficar com Lune, sua escolha era simples.

Olhou novamente pela janela, mas a irmã já havia entrado. Desde que Otto tornara-

se sua segurança pessoal ela estava diferente. Eles se encontraram várias vezes no esconderijo preferido de Celebriant para treinar. Por mais que fosse interessante ver que ela tentava parecer uma boa Oculta, Lune via além. Ela nunca usava seu *Kassan* quando estava com ele. Seu treinamento se baseava em usar seu outro poder para prever os ataques do homem. E o homem usava o mesmo.

Quando descobriu que Otto tinha *Intueri* como poder, achou que seus pais ficariam muito interessados... Mas ao mesmo tempo aquilo seria uma bela vingança. Não tinha certeza de que o criado era realmente um Rebelde infiltrado, mas não havia mais *Intueris* no mundo, a não ser entre os grupos de Rebeldes. Afinal, não era aquilo que o Imperador mais desejava em Celebriant?

Percebeu que Ceres a encarava e voltou a olhar seu guarda-roupa, fingindo procurar algum vestido para o casamento.

— Está pensativa hoje. Algo que eu possa saber? – a prima perguntou.

— Não sei, Ceres. – resmungou, pegando um vestido azul – Não tenho muita certeza.

— É sobre o casamento?

Lune encarou a prima e deu um sorriso. Ceres não compreendia algumas coisas e preferia que ela não chegasse a tanto. Melhor ela não saber que seu problema com o casamento era porque queria ter a posição que a irmã teria. Era melhor ela ainda supor que



Lune era apaixonada por Nicholas.

— Não é nada disso. Prometo que lhe contarei assim que possível.

— Você anda muito cheia de segredos nesses últimos meses.

— Ando pesquisando e imaginando demais. – Lune falou, dando um sorriso –

Esqueça, por ora.

— Espero que me conte mesmo. Sabe que sou fiel a você.

— Eu sei disso, Ceres.

A prima deu um sorriso satisfeito e voltou a mexer em seu guarda-roupa, parecendo bem feliz com o comentário dela. Lune voltou os olhos para a janela, sentindo seu cérebro maquinar. Otto escondia seu poder de todos, o que dava a certeza de que o segurança de Celebriant era um Rebelde. O que ele queria, porém, não fazia ideia. Mas se tudo fosse uma encenação para destruir sua irmã, deixaria acontecer.

— Vai usar este vestido ou posso usá-lo no casamento? – Ceres segurava o vestido roxo com um sorriso.

— É todo seu.

Não achava que precisaria de um vestido para chamar atenção. Até porque sentia que o momento no qual a esquecida Lune passaria a ser lembrada estava chegando.

*Um mês depois.*

Olhou-se no espelho, admirando o que via. Nunca pensou que iria gostar de ver-se de noiva, mas ali havia um sentido além do que poderia sugerir: era enfim a sua vitória. O vestido era branco, como de praxe, mas ao contrário do que fora o de Celebriant, tinha pequenas flores negras e pedrarias trabalhadas na parte do busto. As costas tinham uma transparência até a cintura, toda com renda. Era um traje adequado para o início de sua nova vida.

Seus cabelos estavam presos em um coque, deixando alguns fios soltos. Não quisera usar um véu e a mãe de Nicholas lhe dera uma tiara de brilhantes verdes que pertencera à família Moringan. Parecia uma rainha. E logo seria uma.

Alguém bateu na porta e Lune pediu que entrasse. César Moringan, vestido com vestes de gala, entrou no quarto e parecia surpreso ao vê-la.

— Está muito bonita, Lune.

Deu um sorriso como se fosse sincero. O homem a encarou longamente, em silêncio, e Lune sabia o que ele pensava. Ao ver que ela o encarava também, César sorriu e se aproximou.

— Sabe, Lune, confesso que fiquei curioso para saber por que quis se casar com Nicholas. Sei que o próprio Imperador aprovou e não estou discordando dele, mas ainda não compreendo sua real intenção.

— Senhor Moringan... Nicholas é o sucessor do Imperador, alguém que será nosso governante. Apesar disso, sozinho não conseguirá assumir todo esse cargo. Pode achar que não, mas Nicholas está deprimido e fragilizado.

O homem pensou, olhando para um ponto na parede, e voltou a olhá-la.

— Eu percebi que ele anda abatido, mas nunca imaginei que perder aquela garota o faria sentir-se assim.

— Rejeição é algo com que seu filho não consegue lidar, senhor Moringan. Minha irmã rejeitou Nicholas desde sempre, mas a morte dela é algo que ele não conseguirá superar facilmente.

— Chame-me de César, Lune. – ele sorriu, mas o sorriso não alcançou seus olhos – Por isso decidiu casar-se com ele?

— É óbvio que não. – respirou fundo, segurando as mãos à frente de seu corpo e tentando se mostrar alguém ponderável – Esse casamento é algo fabuloso para uma filha de traidores e é algo que devo agradecer ao Imperador pela bondade e confiança.

César pareceu convencido de sua atuação e sorriu de verdade.

— Então vamos. Chegou o momento. Vou levá-la ao altar.

\*\*\*

*Quatro meses depois.*

Lune revirou os olhos ao ver que Nicholas a ignorava solenemente.

Desde que casaram, eles sempre conversavam esporadicamente a respeito do que o Imperador desejava ou intencionava, mas ela queria ter informações mais específicas. Estava tentando convencer o marido de que sua ideia seria genial, mas ele não parecia muito interessado em suas contribuições para os Ocultos.

— Colocar a culpa da destruição de uma vila nos Rebeldes é uma ótima ideia, mas eu acho que você deveria pensar na minha!

— Ah sim... Podemos pensar. — ele grunhiu, sentando-se em uma cadeira de seu escritório e não olhando para ela.

— Um espião. — insistiu ela — Sugira isso para o Imperador e verá o quanto você será recompensado por-

— **Eu já disse que vou pensar, Celebriant!** — ele gritou, encarando-a com raiva —

Agora suma do meu escritório!

Lune perdeu completamente o que iria falar na continuidade. Encarou Nicholas, chocada, e o homem encarou-a de volta sem compreender.

— O quê? Não gostou de me ver gritando?

— Você... – ela sentiu seu *Kassan* se pronunciar nas mãos, deixando-as fervendo em ódio – Você me chamou de *Celebriant*?

Nicholas a observou por alguns instantes, ainda com aquele olhar cínico, quando percebeu que ela estava falando sério. Lune notou que ele pensava, mas não conseguia compreender o que tinha feito. Sua ira subiu a níveis impossíveis e ele piscou, incomodado.

— Eu não chamei... – ele murmurou, incrédulo – Isso é ridículo!

Lune respirou fundo e virou as costas, saindo do escritório. Ao chegar à porta, porém, ouviu Nicholas chamá-la. Sentindo sua fúria aumentar, apenas parou, sabendo que poderia matá-lo com muito pouco agora.

— Acho que vou comentar essa ideia com o Imperador, Lune. Acho que... Que pode ser útil.

Sem esperar mais nada, ela simplesmente saiu dali, disposta a queimar uma floresta inteira com o ódio que sentia.

**Celebriant!**

Ela sabia o quão terrível fora para Nicholas perder sua irmã, mas aquela inútil nunca poderia ser comparada a ela. E qual era a razão para ele chamá-la daquela forma? Antes que alcançasse o seu quarto, porém, pensou em algo. Nunca havia pensando dessa forma... Talvez... Aquilo poderia ser verdade? Nicholas nunca demonstrara nada, mas poderia ser...

\*\*\*

*Oito meses depois.*

Lune respirou fundo e abriu os olhos. Nicholas estava na sala ao lado, resolvendo os últimos detalhes para o funeral do Imperador, nem um pouco interessado no que ela estava passando. E não pôde deixar de sorrir, apesar de tudo.

Tremendo, limpou a boca e sentou-se no chão do banheiro. Maldita gravidez. Seu corpo inteiro tremia e sentia que ia vomitar novamente em instantes. Aquilo era apenas uma tortura temporária para ter o controle absoluto.

O seu caminho fora trilhado com sucesso. Seu grande trunfo ainda não estava completo, mas estava próximo. Muito próximo.

## Capítulo 2 – A Iniciação

Apesar da proximidade do período das Grandes Chuvas, o dia mantinha-se morno e o sol refletia as superfícies brilhosas do Cemitério dos Imperadores.

Aquele local havia sido construído pelo primeiro Imperador, há muitos anos. Não era um cemitério exclusivo, mas uma parte especial com o propósito de receber os grandes guias dos Ocultos. A partir daquele ponto havia espaços dedicados aos demais, e, nessa proporção, o cemitério ia crescendo como um círculo infinito de túmulos. Todos os Imperadores do Oculto eram enterrados ali, como lembranças do quão importante foram para a sociedade.

Nicholas não conseguia entender se a população não percebia aquilo ou fingia não perceber, mas os Ocultos sempre foram reverenciados sem que ninguém soubesse quem eles eram de verdade. Olhou para o local onde se desenrolava o evento fúnebre e respirou fundo: obviamente, com Eurico Hoosfman, seu último Imperador, não seria diferente. Quando chegasse o seu momento, seria o mesmo.

Ele suspirou e resolveu olhar para outro lugar. A decoração estava muito bonita, e, como sempre, deviam aquilo à sua mãe, Yone. O local onde o falecido Imperador seria

enterrado estava repleto de flores brancas e arranjos claros, tudo muito bonito e formal. Apesar de todo esforço de sua mãe, não conseguia olhar para aquelas flores e apreciá-las, e sua esposa, Lune, parecia pensar a mesma coisa. Elas eram o sinônimo da morte de alguém que ele sempre admirou. E simples flores não pareciam ser o suficiente para representar esse alguém.

Tirou os olhos das flores e olhou em volta. As pessoas que vieram para o enterro estavam distribuídas em vários círculos, sendo que o primeiro deles era em frente ao caixão, composto pela elite do Oculto. Não havia muitas pessoas, pois não se tratava de algo que poderia ser do conhecimento geral. Mas os principais governantes do mundo estavam ali para prestar suas homenagens. Certamente, Nicholas e sua família estavam em frente ao túmulo, esperando o caixão com o corpo do Imperador chegar.

Sentiu que alguém apertava sua mão firmemente e olhou para o lado. Sua esposa, Lune, passara muito mal quando soube da morte do Imperador e ali, naquele cemitério, parecia mais pálida do que ele jamais vira. Apesar de compreender a situação, nunca havia visto a mulher demonstrar sentimentos a respeito do Imperador e tinha certeza de que ela estava escondendo alguma coisa.

Um burburinho chegou aos seus ouvidos e ele se levantou, sendo imitado por todos os presentes. Ainda não estava acostumado com aquele tipo de deferência, mas agora não



tinha escolha. Seria o novo Imperador e, assim que passasse pela Iniciação, na próxima noite, assumiria o cargo que lhe fora destinado.

Ao longe, pôde ver que o caixão se aproximava em uma marcha lenta, com os soldados do Oculto carregando-o com dignidade. Baixou a cabeça em sinal de respeito assim que o caixão chegou, e todos os presentes novamente o imitaram.

A celebração do enterro foi iniciada com o Presidente Lionel, um homem gordo e de péssima aparência, a figura solene que a população acreditava ser o responsável pelo seu mundo. Ele falou sobre o quão importante foram as ações de Eurico e o quanto sua falta seria sentida, enchendo tudo com floreios e dramaticidade. Nicholas desviou a atenção para o outro lado, entediado. Palavras vazias e decoradas, algo completamente insuficiente.

Assim que o homem parou de falar, o caixão foi aberto para que os familiares pudessem se despedir. Reparou, ao fundo, uma mulher loira, com olhos fundos e azuis e uma roupa negra: a esposa do Imperador. Ela aproximou-se do caixão com uma expressão estranha de alívio e jogou uma rosa branca, voltando rapidamente ao seu lugar e se sentando. Nicholas fez o mesmo e passou a observar a viúva, que não parecia nem um pouco triste ao ver seu marido morto. Apesar de tê-la visto poucas vezes, sabia que o casamento deles fora arranjado e que o Imperador só se casara com uma esposa tão jovem para ter certeza de que era realmente ele que não podia ter filhos. Depois da morte de sua

primeira esposa com uma doença rara, ele havia escolhido outra mulher para gerar herdeiros. Mas depois que nomeou Nicholas como seu sucessor, colocou sua segunda esposa em uma casa confortável e luxuosa, próximo de sua própria mansão no terreno dos Moringan, deixando claro que ela não deveria se aproximar. Portanto, era compreensível que a mulher não demonstrasse afeto algum ao marido.

Após todos apresentarem suas condolências, o caixão foi fechado e começou a descer lentamente, enquanto os coveiros o cobriam com terra. Nicholas olhou fixamente para o caixão, pensando em tudo o que viria a partir daquilo.

\*\*\*

Assim que o enterro terminou e não restava mais ninguém além da família Moringan no cemitério, Lune sentiu um leve enjoo. Apesar de tudo, aquela gravidez estava incomodando-a mais do que o esperado. Os enjoos matinais eram os piores e, mesmo se esforçando para fazê-los diminuir, parecia estar fora do seu controle.

— Está tudo bem? – Nicholas perguntou ao vê-la empalidecer.

— Sim, vamos logo para casa.

O marido concordou com um aceno e fez sinal para que o coche se aproximasse. Os

dois entraram em um veículo separado dos pais de Nicholas e Lune rapidamente se acomodou ao lado da janela, abrindo-a instantes antes de o deslocamento começar.

— O que está acontecendo? – ele perguntou, provavelmente percebendo seu incômodo.

Olhou para Nicholas e suspirou, irritada. Não havia contado sobre sua gravidez a ninguém. Resolvera que o melhor era esperar até que todos esquecessem a morte do Imperador. Entretanto, ao ver o rosto preocupado e triste do marido, percebeu que aquilo seria um bom motivo para que houvesse comemoração. E isso faria com que todo o luto por aquele idiota fosse esquecido.

— Bom, Nicholas, eu não queria lhe incomodar. – ela falou, mas sentiu seu estômago revirar.

— O que está havendo? – ele murmurou, aproximando-se dela e sentando-se ao seu lado – Você passou mal quando descobriu a morte do Imperador e desde então tem estado pálida e incomodada. Você está doente? O que está escondendo?

Lune ficou um pouco surpresa com a sinceridade e a percepção de Nicholas. Nem todos haviam reparado, ou, se sim, atribuíram isso àquela notícia triste para o mundo dos Ocultos.

Respirou fundo e encarou-o, séria.

— Eu estou grávida.

O homem abriu a boca, em choque.

Então era aquela a reação que ela merecia? Contava a notícia e a preocupação dava lugar ao desespero? Ao ver o rosto perdido de Nicholas, sentiu vontade de bater nele e fazê-lo sumir. Até porque aquilo tudo que estava passando era culpa dele e seu sucessor. Controlou-se e olhou pela janela, sentindo o enjoo incômodo aumentar.

— Desde quando... – ele resmungou, fechando a boca e encarando-a – Desde quando sabe?

— Desconfiei quando passei tão mal após saber da morte do Imperador e procurei um *Curare*. Ele confirmou minhas suspeitas e eu pedi que não contasse a ninguém... Não achei que era um bom momento. Estou de quase dois meses.

Ele acenou com a cabeça, sugerindo estar satisfeito com a explicação. Mas ainda parecia meio aéreo.

— Bom... Pelo menos conseguimos. Agora que serei o Imperador, já tenho um herdeiro a caminho.

Lune respirou fundo e olhou para Nicholas. Apesar de saber de sua futura responsabilidade desde muito cedo, o marido se mostrava um pouco desconfortável com o fardo. O que não deixava de ser algo propício.

— Sim, é claro. — encarou-o e perguntou, curiosa — E você, está bem?

Nicholas baixou a cabeça, parecendo triste. Lune se arrependeu instantaneamente de ter perguntado. Não era uma boa ouvinte e desde que os hormônios daquela gravidez começaram a aparecer, havia se tornado completamente instável. Há dois dias quase matara uma criada por ela se esquecer de trazer um guardanapo limpo. Porém, antes que pudesse usar seu *Kassan* para tal fim, teve que correr para o banheiro mais próximo para vomitar. Pelo menos ninguém além das duas viu aquela cena e Lune instantaneamente se desculpou com a criada, que prometeu não contar a ninguém sobre seu estado. Não gostava também de ouvir lamentos, mas precisava se controlar. Seu marido não fazia ideia de suas verdadeiras intenções e não era um bom momento para revelar-se.

— Estou, sim. — ele finalmente falou, olhando para o nada — Acho que estou mais preocupado se eu vou ser um bom Imperador como ele... Como ele foi.

— E por que não seria?

— Obviamente eu não sei. — ele grunhiu e olhou pela janela, logo voltando a encará-la — Deveríamos dar a notícia logo ou esperar a Iniciação passar?

Lune fingiu pensar por alguns instantes, mas já havia tomado a decisão. Melhor contar logo sobre a novidade e ela passaria a ser o centro das atenções.

— Acho melhor falar logo, Nicholas. Pelo menos teremos algo para... *Animar*.

— Ah, sim. *Ânimo*. — ele suspirou — Amanhã à noite teremos um jantar antes de a Iniciação começar. Revelaremos a boa notícia a todos.

Lune acenou e virou-se novamente para a janela, sentindo seu estômago doer. Mal podia esperar para se livrar daquele pequeno fardo. Enquanto estivesse naquele estado, não conseguiria pensar muito bem. Só lhe restava ser paciente. Seriam no máximo mais sete meses e tudo estaria resolvido.

\*\*\*

O salão de festas da casa dos Moringan foi decorado com tons de negro e cinza, provavelmente por conta do luto e respeito a Eurico. Contudo, as pessoas presentes não pareciam estar de luto: as mulheres trajavam vestidos coloridos e os homens se apresentavam com suas roupas de gala. Era o jantar no qual os principais Ocultos compareceriam e dariam início ao processo da Iniciação, algo que Nicholas esperara que demorasse mais para acontecer. Quando conversara com o antigo Imperador sobre aquilo, ele disse que lhe explicaria no momento certo. Agora ele morrera e bastava a Nicholas acreditar que tudo ficaria bem.

Assim que pisou no salão com Lune ao seu lado, todos os presentes bateram palmas.

Sentindo-se inquieto por tudo aquilo, mas ao mesmo tempo orgulhoso, ele apenas acenou e caminhou entre os presentes, recebendo apertos de mão e sorrisos. Procurou onde seu pai estava e o viu próximo à mesa principal, dando as últimas ordens aos criados. Puxando Lune o mais gentilmente que pôde, tentou se aproximar, ainda parando várias vezes no meio do caminho para cumprimentar algumas pessoas.

— Nicholas! – falou seu pai, feliz, assim que o viu – Chegou o grande dia!

— Oh, sim. Chegou. – ele resmungou – É, pai... Antes de começarmos os preparativos da Iniciação, quero fazer um anúncio.

— Um anúncio? – ele encarou o filho, curioso – E qual seria?

Nicholas simplesmente olhou para Lune significativamente e seu pai abriu um sorriso enorme, compreendendo.

— Ora, ora! Que rapidez! Acho que é uma ótima notícia! Depois de tanta tristeza, algo assim é maravilhoso!

— É... – ele apenas concordou e voltou os olhos para qualquer lugar.

— Muito bem. – seu pai pareceu perceber seu incômodo – Vou dar início ao jantar.

A noite correu mais rápido do que Nicholas esperava. Depois do anúncio de que Lune esperava um herdeiro, a festa ficou mais animada do que já estava. Apesar da morte do Imperador e de seu enterro no dia anterior, aquelas pessoas já não pareciam preocupadas

ou tristes. E foi inevitável sentir um pouco de raiva com a situação. Chegou a comentar aquilo com o pai, que apenas deu de ombros e sorriu estranhamente.

— Você está aqui, Nicholas. Eles não estão sem um Imperador.

Após a sobremesa, os principais Ocultos, aqueles que serviriam ao novo Imperador diretamente, levaram Nicholas para a biblioteca, deixando a festa para que as outras pessoas aproveitassem.

Assim que entraram no local e a porta foi fechada, abafando o som de fora, ele sentiu seu corpo tremer com o nervosismo. Seu pai deu um sorriso e mostrou as pessoas na sala.

— Nicholas... — falou seu pai, assim que as cinco pessoas presentes além dele se aproximaram — Esses são seus maiores aliados. São os Ocultos que o Imperador mais confiava... E que estarão sob seu comando a partir de amanhã. Eu, César Moringan, sou seu conselheiro do país Peline. — ele deu um sorriso e apontou para um homem negro, com quase dois metros de altura — Esse é Gahiji, acho que já o conhece. Ele veio do país de Selene e é seu conselheiro de lá.

Nicholas assentiu. Lembrava-se perfeitamente do homem que havia dito que ele tinha uma marca de *Imperi* em sua mente... Que alguém havia usado seu próprio poder contra ele. Ainda não tinham descoberto se fora mesmo sua cunhada Saori que fizera aquilo.



Mas esperava que, agora que seria o Imperador, conseguisse mais informações sobre como encontrá-la.

— Esse aqui é Faruk Alijga, um representante do país de Tresur e regente de Molokinu.

O homem lembrava muito Saori. Os olhos eram amendoados, mas, ao contrário de sua cunhada, sua pele era escura e seus olhos, acinzentados. Vestia uma túnica azul com detalhes em verde, provavelmente uma roupa típica de seu país, e se aproximou de Nicholas ao ser apresentado, esticando a mão.

— *Ssenhor!* – ele disse, com um leve sotaque, apertando a mão de Nicholas – Um prazer *imensso* estar aqui.

— Muito bem, Faruk. – César disse, sorrindo – Esses dois homens são os gêmeos Kalipur, Cairu e Caiubi. – os dois acenaram com um sorriso idêntico, fazendo Nicholas sentir um frio na espinha – Eles são de uma tribo da cidade de Gortur, em Cliop.

— Muito prazer. – falou Nicholas, ao que os dois homens acenaram sem compreender.

Eles eram carecas, bronzeados e tinham profundos olhos escuros. Apesar da aparência jovem e tranquila, os dois pareciam ser duas cobras prontas para dar o bote. Isso fez Nicholas ficar um pouco incomodado com eles.

— Eles não falam a nossa língua. — seu pai explicou, sorrindo — Apesar disso, serão seus seguranças. Mesmo que não os compreenda, eles sabem que a missão deles é cuidar de você. Achamos que você, sendo um Imperador, precisa de mais segurança. Eurico nunca permitiu seguranças que o seguissem. Mas, sendo seu pai, eu lhe oriento a aceitar.

— Certo. — resmungou, ainda temeroso demais para falar.

— Essa é sua General de Guerra, Naiara Dale. — ele continuou, apontando para a única mulher presente — Ela compreende a língua dos gêmeos, portanto se precisar passar ordens diretas, pode pedir a ela.

Ao olhar para a mulher, Nicholas sentiu o poder que ela emanava. Tinha os cabelos curtos e castanhos, era alta e forte e vestia-se como um soldado. Com certeza, para chegar a essa posição, deveria ter mesmo muita força e destreza, ou o Imperador não confiaria suas tropas e soldados a uma simples mulher. Ela tinha o mesmo olhar de Lune, de superioridade e domínio. Só que, ao contrário de sua esposa, Naiara Dale não parecia ambicionar mais do que o cargo que já ocupava.

— Senhor... — ela se aproximou, fazendo uma pequena reverência — Pode contar comigo. Estou aqui para lhe servir!

Os gêmeos falaram algo em sua língua estranha, que Nicholas nunca havia escutado. Lembrava muito o silvo de uma cobra, mas era um pouco mais carregado.

— E os gêmeos Kalipur também oferecem seu apoio. — traduziu ela, ao que os dois homens fizeram uma reverência também.

Seu pai olhou-o rapidamente e Nicholas percebeu que esperavam que falasse alguma coisa. Pigarreou, incomodado, mas encarou os presentes com fervor.

— Agradeço o apoio e deferência que vocês me dedicam. Podem ter certeza de que, sendo Imperador, irei honrá-los da melhor forma que me permitirem.

Os seis presentes deram acenos de aprovação e sorrisos, o que fez com que Nicholas se sentisse melhor, mas ao mesmo tempo ansioso. E o que viria agora? Começou a sentir um formigamento em seu estômago e a ansiedade lhe corroeu no mesmo instante. Seu pai se aproximou e segurou-o pelo braço.

— Venha, meu filho... Vou prepará-lo para sua Iniciação.

\*\*\*

Já fazia quase uma hora que seu pai estava preparando-o. Suas roupas foram tiradas, seu corpo pintado com várias imagens de batalhas e símbolos referentes ao Oculto. Uma túnica negra foi colocada sobre seu corpo. Seus cabelos foram cobertos pelo capuz negro e tudo o que podiam enxergar dele eram seus pés.

— Está quase pronto. — murmurou seu pai, orgulhoso.

Nicholas foi, então, conduzido por ele, sem fazer ideia de para onde estava indo.

Parecia que seu coração ia saltar pela boca. Não era medo, só ansiedade. Queria ser um bom Imperador e para aquilo acontecer precisava passar pela Iniciação. Mas não saber o que esperar o deixava ansioso.

Continuou sendo guiado por alguns corredores, até que sentiu que seu pai parou. Uma porta foi aberta e eles entraram, porém seu capuz não lhe permitia ver muito além do que lhe estava perto.

Ouviu, então, alguém entoando o cântico que nunca escutara daquela forma antes: a Canção do Imperador.

O primeiro Imperador, aquele que colocou os Ocultos acima de qualquer outra forma de governo, recebeu como honra em sua Iniciação uma canção feita por uma jovem, que acabou se tornando sua esposa. A Canção era em uma língua antiga e sombria, mas algo lhe dizia que aquilo era a demonstração do que um Imperador tinha pela frente.

Assim que a canção acabou, tiraram seu capuz e ele pôde enxergar. Estavam no salão de festas e tudo era escuridão. A festa havia terminado e o espaço fora limpo. Apenas velas iluminavam alguns pontos e Nicholas parecia estar no meio de tudo.

— Somos aqueles que trazem o Imperador... Aqueles que fazem o Imperador nascer.

– falou um dos presentes, parecendo um senhor de idade, aproximando-se com a vela que segurava para mais perto dele – Nicholas Augusto Moringan, está preparado?

Não queria que pensassem que seu nervosismo era temor, então se empertigou e levantou o queixo, dizendo em voz alta e firme:

— Sim.

— Então começaremos a Iniciação.

Os outros quatro Ocultos que seguravam velas se aproximaram também, fazendo um círculo à sua volta, enquanto o senhor de mais idade ficava a distância, apenas observando. Recomeçaram a entoar a canção do Imperador, mas dessa vez eles dançavam no ritmo, fazendo com que suas velas balançassem e suas chamas tremulassem, dando um ar sombrio e bonito à coreografia. Novamente, assim que a música cessou, eles pararam e deram um passo para trás, abrindo o círculo.

— Nicholas... – murmurou a voz do velho – Está ciente de suas obrigações como Imperador?

— Sim.

— Jura que fará somente o melhor para os seus e não pensará duas vezes em ajudá-los?

— Sim.

— Jura que defenderá todos aqueles que são chamados de Ocultos e destruirá os traidores, assim como seus inimigos?

— Sim.

— Então, que comecem o chamado! – terminou o senhor, encarando seus companheiros.

Todos eles pegaram algo às suas costas e deixaram suas velas no chão, voltando-se para Nicholas, sorrindo.

— Que o espírito do Imperador desça sobre Nicholas e que ele seja abençoado com um Império forte e poderoso! – disse um deles, espirrando água nele.

— Que os outros Imperadores, já falecidos, ajudem o novo a se erguer e se proclamar! – outro falou, passando o que parecia ser um vento forte sobre ele.

— Que aqueles aqui presentes se tornem dignos e fiéis de seu senhor! – disse uma voz de mulher, jogando o que parecia ser terra nele.

— E que todos os seus inimigos pereçam na dor e no terror de seu poder! – falou a voz do seu pai, passando por ele com a vela.

— Que o novo Imperador nasça! – proclamou novamente o senhor, abrindo o círculo para mostrar algo atrás dele e lhe entregando uma faca – Faça as honras, Imperador.

Em cima do que parecia ser um palanque de madeira, estava um jovem,

provavelmente um prisioneiro Rebelde, acordado e amordaçado, totalmente imóvel pelas cordas que o prendiam. Parecia desesperado e perdido, tentando se soltar das amarras firmes.

— A consagração... — murmurou seu pai, aproximando-se dele — Deve consagrar seu novo espírito Imperador derramando o sangue de um inimigo.

Nicholas se aproximou do Rebelde, sentindo seu corpo se retesar. Nunca havia matado alguém daquela forma. O máximo que havia feito com seu poder era destruir algumas mentes fúteis ou em alguma luta, na qual ele nunca se lembrava do rosto do seu inimigo. Aquilo era completamente diferente. Os olhos do homem procuraram os dele, implorando por sua vida. Nicholas respirou fundo e encarou o pai. Ele apenas assentiu levemente, como se entendesse a pergunta do filho. Olhou novamente para o Rebelde e respirou fundo. Aquele era o caminho. Portanto, ergueu a faca e segurou a respiração, descendo-a rapidamente, direto no coração.

O sangue jorrou. Nicholas sentiu suas mãos se molharem com ele e parecia que um brilho esverdeado saía junto com o sangue, dominando-o completamente. Sem compreender, soltou a faca, que permaneceu no peito do homem e olhou em volta: todos os presentes haviam se curvado em sua presença.

— Oh, Grande Imperador. Honre-nos com sua sabedoria e liderança!

Sentiu como se uma grande força o dominasse e sorriu, envaidecido.

— É para isso que estou aqui.

Algumas poucas luzes se acenderam e Nicholas pôde finalmente enxergar: a mesa principal estava repleta de comidas e bebidas dignas de um Imperador. O trono de ouro, onde o antigo Imperador sentava, estava na ponta da mesa e com alguns adornos a mais. Os cinco Ocultos, agora revelados como seu pai, sua mãe, mais dois Ocultos que ele conhecia de vista por serem da primeira classe e o senhor de idade como o Sacerdote do Imperador, estavam se sentando em volta da mesa, lançando olhares felizes para ele. Seu pai se aproximara dele, limpando suas mãos com um pano úmido, tirando-lhe o sangue do Rebelde. Os seus conselheiros também estavam ali, em silêncio, e se juntaram assim que as luzes acenderam.

Apesar de sempre ter ouvido falar do Sacerdote, nunca o havia visto. O velho nunca aparecia, a não ser quando o Imperador necessitava de conselhos espirituais ou no caso de um evento com importância, como a Iniciação. Mesmo velho, ele carregava a pose de um homem extremamente poderoso, até porque devia ter iniciado pelo menos dois Imperadores antes dele. Ele se aproximou, com uma capa negra com adornos dourados, e prendeu em Nicholas com um broche dourado contendo o símbolo dos Ocultos: o broche do Imperador.

Quando todos eles estavam finalmente sentados em volta da mesa, juntos com os



outros cinco que lhe foram apresentados anteriormente, Nicholas ficou um pouco perdido sobre qual seria sua ação.

— Sente-se, Imperador. — o Sacerdote indicou o trono com um sorriso triunfante.

Nicholas sentou-se e encarou todos aqueles rostos. Sem saber o que fazer, olhou seu pai, que apontou levemente para o banquete.

— Que se inicie o banquete. — ele murmurou, e todos começaram a comer, sorrindo.

Acabara. Agora ele era o Imperador dos Ocultos, um *Imperi* poderoso e com uma posição gigante dentro da sociedade. Sentindo-se instantaneamente aliviado e faminto, Nicholas começou a comer também, sabendo que a primeira etapa de sua jornada estava concluída. Apesar de tudo, ainda tinha algumas necessidades antes de a noite terminar e pretendia terminar de comer o mais rápido que pudesse.

\*\*\*

Assim que Nicholas terminou de jantar, Lune fechou a pequena porta de acesso lateral ao saguão com cuidado e voltou-se para o segurança, que parecia tenso. O homem era responsável pela guarda e para que ninguém atrapalhasse o ritual, portanto ela compreendia que, mesmo sendo a esposa do Imperador, ele estava ajudando-a a burlar

ordens.

— Obrigada, Pietro. – ela disse, lançando um sorriso afetado para ele.

— É um prazer imenso, minha senhora. – o segurança deu um sorriso, um pouco mais relaxado – Quanto ao nosso acordo?

— Falarei com o Imperador e seu cargo estará garantido. Agradeço pela ajuda.

— Obrigado, senhora. É muito gentil.

Ela sorriu e virou-se, esgueirando-se pelo corredor e sentindo as entranhas darem um salto. Havia sido proibida de ver o ritual de Iniciação, apesar de ser a esposa do Imperador. Mas quem disse que precisava estar convidada para ver? Como se ninguém fosse corrupto naquele lugar. Era fácil corromper as pessoas quando uma mulher grávida fingia que queria ver seu marido desesperadamente.

Caminhou apressada pelo corredor, indo direto para o seu quarto. Mas antes que pudesse alcançá-lo, ouviu uma movimentação e se escondeu atrás de uma cortina. Nicholas passou como um furacão, subindo as escadarias que levavam ao terceiro andar da casa logo à frente.

Sentindo-se curiosa, Lune seguiu o marido. Sabia que ali em cima eram guardados os tesouros da família em vários quartos fechados. Ninguém, além dos Moringan, tinha acesso àquela parte da casa. Mas havia algum tempo que ela se tornara um deles e sua

subida não foi impedida pelo guarda, que não fez nenhuma pergunta ao vê-la ali naquela hora da noite logo atrás do marido.

Alcançou o corredor principal e percebeu que Nicholas estava na frente de uma tapeçaria antiga. Espiou da escada mesmo, não querendo ser notada, quando viu que o marido puxou a peça e entrou por ela, desaparecendo. Sem compreender muito bem, esperou alguns minutos e então se aproximou. Puxou a tapeçaria, mas não havia nada. Nenhuma porta ou passagem.

Colocou a tapeçaria novamente no lugar e desceu as escadas, pensativa. O que o marido fora fazer ali? Rapidamente, entrou em seu quarto, mas se esqueceu do que havia visto ao perceber que sua criada a esperava, com uma bandeja lacrada em mãos. Agradeceu a criada e a dispensou. Então, o mais rápido que pôde, retirou a carta de dentro do recipiente e a leu vorazmente.

Assim que terminou, queimou o papel. Os Rebeldes ainda estavam no mesmo lugar, mas pareciam um pouco mais preocupados desde a saída de Celebriant. Contudo, não era aquilo que deixava Lune irritada. O espião fora sigiloso a respeito de sua irmã na Base, mas em uma das cartas recebera uma notícia bombástica: o Escolhido que Eurico jurava ter exterminado há quatorze anos estava vivo.

Sabia sobre o assunto por ter lido o Manuscrito às escondidas, mas precisava lê-lo

novamente para ver se suas suposições estavam certas. Porém, a sua grande irritação era que ele, juntamente com sua irmã, tinha saído à procura de Saori. A ideia inicial de Lune era outra, e agora não haveria alternativas. Sabia que Celebriant iria até o fim do mundo atrás da pequena irmã... Portanto, teria que encontrar Saori antes. Quem sabe assim encontrava os dois de uma vez?

Respirou fundo e pegou uma caneta e um pedaço de papel. Não tinha notícias de sua seguidora desde o desaparecimento de Saori e sabia que havia algo errado naquilo. Iria escrever naquele instante e sabia que não iria decepcioná-la. E logo a irmã estaria em suas mãos.

\*\*\*

Na noite seguinte, outro jantar fabuloso foi servido e dessa vez Lune estava ao lado direito de Nicholas e seu trono de ouro. O salão estava repleto de Ocultos; provavelmente todos os já marcados deveriam estar ali. O anúncio do novo Imperador fora dado formalmente e Lune fingia divertir-se.

Após algumas horas de festa, porém, Nicholas puxou-a pelo braço e seguiu aos seus aposentos. Apesar de não dividirem o mesmo leito, os dois ainda dormiam no mesmo

quarto. Silenciosamente, o marido entrou, fechando a porta, jogou-se em sua cama e ali ficou, imóvel e de olhos fechados.

— Nicholas? – perguntou, irritada.

O homem parecia completamente exausto. Olheiras enormes emolduravam seu rosto, fruto de uma noite maldormida e de um dia tenso. Quando ia chamá-lo novamente, viu que ele abriu os olhos.

— Lune, venha cá. – ele apontou para sua cama e ela retesou-se.

Nicholas levantou a cabeça ao vê-la ainda parada e, parecendo compreender o que se passava em sua mente, deu um suspiro irritado.

— Não seja idiota! – ele grunhiu, ao ver que ela não compreendera – Eu só quero conversar.

Dando de ombros, mas subitamente interessada, Lune sentou-se e encarou o marido. Nicholas passara o dia em reunião com seus principais Ocultos, resolvendo assuntos de máxima urgência. Esperava, sinceramente, que fosse sobre os tópicos da reunião que ele queria conversar.

— Só estou cansado.

— Estou vendo.

Ele respirou fundo, massageando o rosto com as mãos, e ergueu-se, sentando-se ao

lado dela.

— Sabe que passei o dia em reunião com os outros Ocultos.

— Sim, você me disse. – tentou não parecer tão ansiosa.

— Recebi ontem uma nova mensagem do nosso espião.

Lune fingiu surpresa.

— Algo novo?

— Novidade? – ele balançou a cabeça – Eles ainda estão no mesmo lugar, sem saber que temos um espião infiltrado. Esperamos tempo demais para atacá-los, Lune, e vamos organizar isso da forma mais rápida e eficiente possível. Daqui a quatro meses iremos atacá-los. Nossas tropas vão seguir aos poucos para uma vila aliada aos Ocultos, em Eututre. Quando todos estiverem lá, irei para comandar as tropas ao lado da General Dale.

Ela encarou-o alguns segundos, tentando absorver o que o marido dissera. Atacar a Base! Aquilo seria um grande passo para destruir os Rebeldes. Agora que sua irmã não estava mais lá, seria interessante. Sentindo a adrenalina percorrer-lhe o corpo, olhou-o com firmeza.

— E eu?

— O que tem você? – ele balançou a cabeça, sem compreender.

— Onde eu fico nessa história?

— Como assim, Lune? – ele pareceu chocado – Você fica aqui, é claro.

— Eu quero lutar! – grunhiu, sentindo sua raiva crescer em proporções imensas – Vai me largar aqui?

— Obviamente! – ele falou, apontando para a barriga dela – Você carrega o meu herdeiro. Jamais deixaria que se arriscasse... Pelo menos até ele nascer.

Ela abriu a boca e fechou-a no mesmo instante. Sentia uma irritação tão profunda, que estava sendo muito difícil se controlar. Seus braços começaram a formigar e ela sentiu que seu *Kassan* agitava-se de uma maneira incontrolável. Até que em sua mente uma lembrança surgiu. Instantaneamente, Lune se acalmou. Conseguira se controlar e naquele momento tinha o poder de conseguir algo que sempre desejara.

— Muito bem. – ela disse, fazendo uma careta de desprezo – Se assim o Imperador deseja...

— Lune... – ele revirou os olhos, incomodado – O que espera que eu faça?

— Me deixe ajudar! – ela falou, encarando-o com exasperação.

— Como? Lutando? De forma alguma, não quero que... – ele parou de falar quando Lune colocou o dedo em sua boca.

— Realmente, não poderei lutar. Mas nada me impede de pensar.

— Lune... – ele murmurou, cansado – Eu não estou entendendo.

— Nicholas... O que você fez com o Manuscrito? – perguntou com seriedade.

— Está no mesmo lugar. Não mexi nele desde que Eurico morreu.

— O que pretende fazer com ele? Onde pretende escondê-lo?

Nicholas balançou a cabeça e deitou-se novamente.

— Mais isso! – ele grunhiu, irritado – Eu não tenho tempo de pensar nisso com tudo o que está acontecendo!

— Então me deixe pensar, meu marido.

Ele a olhou sem compreender.

— Como? O que pode fazer?

— Deixe comigo a tarefa de esconder o Manuscrito de forma adequada. Isso eu posso fazer, não posso?

O homem sentou-se novamente, encarando-a com seriedade.

— Sabe o quanto Eurico achava o Manuscrito importante... – ele encarou-a, desconfiado – Bom... Cuide bem dele, Lune. Esconda-o. Mas me informe de seus movimentos. Quero saber o que foi feito.

— Irei deixá-lo informado.

— Muito bem... Agora eu preciso descansar. – ele largou-se na cama de qualquer jeito.



Lune deu um sorriso e levantou, indo para o banheiro. Sentia, naquele instante, um formigamento em seu estômago que nada tinha a ver com a gravidez: era algo como júbilo.

## Capítulo 3 – A Vila Éfaso

*Quatro meses depois.*

A noite estava chuvosa e fria. Lune se revirava em sua cama, tentando encontrar uma posição confortável. Sua barriga crescera muito nos últimos meses, e, de acordo com o *Curare* que a acompanhava, mesmo estando com seis meses, ele tinha certeza de que o bebê seria grande. Suspirou, irritada, e levantou-se. Precisava de um copo de água.

Colocou seu robe e desceu as escadas, indo diretamente para a cozinha. Sabia que Nicholas não gostava que ela andasse sozinha à noite, principalmente em sua condição. Mas sentia-se irritada com a sede e a jarra em seu quarto já havia secado. Aquela barriga pesava bastante e ainda faltavam meses para o neném nascer. Não gostava nem de imaginar o tamanho que iria ficar no final.

Tomou sua água lentamente e percebeu uma iluminação anormal perto da cozinha. Curiosa, deixou seu copo na bancada e aproximou-se. A luz vinha da biblioteca e parecia haver alguém ali. Lembrando-se de que naquela noite Nicholas ainda não fora deitar, passou perto da porta e o viu recebendo informações sobre como estava a vila onde sua tropa se

alojava.

— Está tudo pronto, senhor. – falou a General de Guerra, Dale.

— Partiremos amanhã ao nascer do sol. – ele disse, e então percebeu que Lune estava na porta – Dispensados.

Dale e os dois gêmeos estranhos passaram por Lune, cumprimentando-a discretamente com a cabeça, enquanto Nicholas fazia um sinal para que ela entrasse.

— Então, amanhã? – murmurou assim que ficou perto dele.

— Estava ouvindo? – ele perguntou, preocupado e um pouco irritado.

— Só ouvi isso. Algum problema?

— Nenhum problema, Lune. – ele pegou os papéis em cima da mesa e então voltou os olhos para ela, levantando-se – O que está fazendo aqui embaixo? – ele subitamente encarou-a, preocupado – Está se sentindo bem?

— Água. – apontou para a cozinha, revirando os olhos – Sinto muita sede.

— Ah... Certo. – ele grunhiu e saiu da biblioteca, segurando o braço dela – Vamos subir. Preciso descansar.

— Tem ideia de quanto tempo vai ficar fora? – perguntou, assim que eles começaram a subir as escadas.

— Não faço ideia, Lune. Pode ser rápido e simples, como pode demorar dias para

tomarmos a Base Rebelde. – ele encarou-a por alguns instantes e voltou-se para sua barriga – Qualquer coisa que precisar, o *Curare* estará à sua disposição. Pedi que ele ficasse aqui em casa. Não quero que nada aconteça com esse herdeiro.

Lune fez uma careta de desgosto. Desde que engravidara, Nicholas ficou insuportável com ela, a cada minuto perguntando se estava tudo bem ou se sentia algo diferente. E então ele pedira para o *Curare* ficar na casa! Como se precisasse de mais uma babá. Finalmente alcançaram o quarto e ele soltou-a delicadamente na porta.

— Eu já volto. – ele falou, colocando-a para dentro do quarto – Só preciso falar com meu pai.

— Certo. – concordou, entrando enquanto Nicholas voltava pelo caminho.

Sem que o marido visse, deixou uma fresta da porta aberta e ficou espionando. Por que estava fazendo aquilo? Não fazia sentido. Mas, no fundo, pensou que talvez... E ela estava certa de novo! No meio do caminho, Nicholas parou, olhou em volta no corredor e voltou, subindo as escadas para o terceiro andar.

Lune fechou a porta assim que ele sumiu escadaria acima e encarou o espelho, pensativa. Nos últimos meses aquilo se tornara frequente. Nicholas sempre achava um meio de escapar para o terceiro andar e se esconder atrás da tapeçaria. Ela ainda não encontrara um meio de entrar naquele lugar, mas sua curiosidade era grande. O que havia ali dentro?

Tesouros? Algo que o Imperador deixou somente para ele ver? Como Nicholas não comentara nada a respeito daquilo, não deveria querer que ela visse. Mas, com certeza, iria achar um meio de descobrir... Assim que se livrasse daquele pequeno estorvo em sua barriga.

\*\*\*

Amanhecia o quarto dia após o início da viagem quando finalmente Nicholas encontrou a Vila de Éfaso, onde suas tropas estavam alojadas. Toda a vila parecia um campo de guerra. Barracas, espadas e roupas de batalha estavam por todo o lugar. A vila em si era pequena, mas parecia grande com tudo aquilo.

Assim que chegou, não pensou em descansar. Chamou Naiara e pediu que ela lhe levasse até as tropas. Deveria ser o Imperador delas, orientá-las e ajudá-las. Sabia que seus soldados ficariam animados ao vê-lo ali, no meio das tropas, e logo ele estava cercado de bajuladores, todos tentando pelo menos estar um pouco perto dele.

Passou por várias barracas montadas, sem ver o tempo passar. Percebeu que Naiara estava preocupada com ele, mas ignorou-a no primeiro momento. Logo sentiu fome e cedeu à mulher, encarando-a com certo divertimento.

— Tudo bem, Dale, você venceu.

— Senhor, eu só acho que seria bom o senhor descansar. – ela mostrou uma pequena casa no final da vila – Preparamos aquela casa para o senhor.

— Obrigado, Naiara. Atenção, soldados! – ele falou em voz alta, fazendo com que todos ficassem em silêncio – Descansem! Pois à noite iremos nos reunir... E atacar!

O grito dos soldados fez com que a ansiedade em seu corpo aumentasse. Aquela seria uma ótima luta. Destruir uma Base Rebelde... Eurico ficaria orgulhoso.

\*\*\*

O dia estava mais frio do que o costume. A neve não estava tão abundante como sempre era, mas o vento era impassível.

Ivan olhou para a entrada Norte e deu um sorriso de triunfo. Já estava quase anoitecendo. As sombras escuras vinham, ao longe, se aproximando e junto com elas vinha a destruição daquela Base. Recebera o aviso há poucos dias e estava esperando aquela noite por tempo demais. Não aguentava mais ficar ali, tendo que se fingir de morto, usando roupas de algodão cru e fingindo ser completamente inútil.

Os últimos meses foram horríveis. A única coisa que fizera de decente foi descobrir

como tirar Celebriant Devoy de lá e matar aquele prisioneiro Oculto que os Rebeldes capturaram. Não conseguiria salvá-lo sem que se revelasse, portanto fez o que fora mandado: fingiu que o homem se suicidara. Os Rebeldes não pareceram desconfiar de nada, pelo menos. Depois disso, inutilidade. Mandava correspondência para sua superior, aguardando o momento em que agiria. E aquele momento finalmente chegara.

Estava tão concentrado em seus pensamentos, que não percebeu que alguém se aproximou e parou ao seu lado. Com um susto, encarou os olhos azuis de Zandra Petry e deu um sorriso.

— Tudo bem com você? – ela sorriu também.

A mulher se aproximara muito dele nos últimos meses. Desde a saída de Celebriant Devoy da Base, ela parecia se sentir mais leve e contente, o que deixava Ivan despreocupado. Ela nunca percebera quem ele realmente era. Zandra era uma idiota! A anciã Aaminah Ollest não parecia gostar dele e ele fazia o possível para não vê-la, para não criar mais suspeitas. Mas até aquele momento, ninguém o associara à sua origem por ser um ótimo mentiroso.

— Sim, estou bem. E você? – respondeu, finalmente.

— Bem também. – ela encarou-o e levantou as sobrancelhas – E o que faz aqui?

— Vim admirar o pôr do sol. Não é lindo?

— É... Eu sempre gostei de admirar o pôr do sol.

Ele encarou-a profundamente, sentindo uma risada se formar em seu peito. Queria rir. Sim, ele adorava destruir as pessoas, e aquela mulher merecia ser destruída. Antes que ela descobrisse quem ele realmente era, faria com que ela ficasse confusa em relação aos seus sentimentos. Aproximou-se e ficou a um palmo de seu rosto, dando um sorriso de invejar qualquer paquerador.

— Zandra, eu não aguento mais! – declarou, ainda olhando-a profundamente.

— Não... – ela engoliu em seco, fazendo com que suas bochechas avermelhassem –  
Do que está falando?

— Eu estou apaixonado por você! – puxou-a pela cintura e segurou seu pescoço –  
Está fora do meu controle.

E sem deixar que ela falasse mais nada, ele puxou-a e beijou-a. No princípio, ela correspondeu ao beijo. Mas então pareceu perceber o que estava fazendo e se afastou, horrorizada.

— Não, eu... Oh, céus, Ivan! – ela encarou-o, balançando a cabeça.

— Você não... Não gosta de mim? – disse, fazendo o possível para parecer triste e chateado.

— Eu... Eu preciso ir. Nos falamos depois.



Sem esperar, ela virou-se e correu para dentro da Base. Ivan esperou que ela estivesse bem longe para começar a rir. Sim, ela era uma imbecil. Seria a primeira que morreria naquela noite. Ivan começaria com ela.

\*\*\*

Dentro de casa, Aaminah andava de um lado para o outro havia algum tempo. Sabia que algo estava errado, mas sua *Intueri* não lhe dava informações suficientes ou precisas. Estava ficando velha e seu poder a cada dia ficava mais lento e incerto. Aquilo era um sério problema, principalmente quando todos dependiam dela para avisá-los com antecedência sobre qualquer coisa. Naquele momento, sentia que era aquilo que deveria fazer. Mas avisá-los sobre *o quê*?

Aahbran entrou e, ao ver o rosto da irmã, fechou a porta e aproximou-se, preocupado:

— O que aconteceu?

— Eu... Eu não sei, Aahbran. – ela murmurou, aflita – Isso está me consumindo.

— Algo vai acontecer? – ele perguntou novamente, encarando-a com profundidade.

— Acho que sim. Não sei o quê, mas... É algo grande e perigoso.

Aaminah olhou para o lado de fora. Anoitecera, e a ruela da Base já era iluminada pela luz de tochas. Então fechou os olhos, respirando fundo. Precisava se concentrar mais... Precisava ver. E então, ela finalmente viu e gritou com horror.

— Aaminah! Aaminah! – seu irmão a segurava no chão da sala.

Como ela havia parado no chão, não fazia ideia. Mas sabia o que viria. E estava tão próximo, que podia sentir o chão tremer.

— Aahbran... Temos que correr! – ela murmurou, e então se sentou, ainda trêmula – Temos que correr e tirar todos daqui!

— Como? – murmurou seu irmão, sem entender – Tirar todos quem?

— Os Ocultos... Um exército gigante! Não temos chance!

Aahbran encarou-a, incrédulo, e levantou-se em um pulo.

— Vou avisar Jean!

Fechou os olhos, procurando a energia de Jean.

— Ele está próximo da Saída Sul... Tenho que ver se conseguimos aumentá-la. – falou, sentindo sua *Intueri* começar a formigar seu corpo.

— Aaminah... – Aahbran parou na porta, encarando-a com o que parecia ódio – Quanto tempo nós temos?

Respirou fundo, tentando alcançar um tempo plausível, e então os abriu.

— Duas horas... No máximo.

\*\*\*

Jean estava próximo à Saída Oeste, perto de onde ficavam os estábulos. Eles tinham um pequeno espaço para os poucos cavalos, onde eles podiam se aquecer e se alimentar. Sua *Intueri* estava agitada e sentiu que precisava ir ver Hagen.

Ao entrar no lugar, percebeu que todos os animais estavam agitados. Não eram muitos, cinco com Hagen, mas relinchavam e se remexiam, incomodados. Ao olhar para Hagen, porém, se assustou. O cavalo quase saltava, tentando se libertar de suas amarras e sair dali. Sem compreender muito bem, aproximou-se, tentando acalmá-lo com palavras e fazendo carinho em seu focinho, mas ele não parecia satisfeito. Ao ver que ele parou um pouco de se remexer, resolveu levá-lo dar uma volta pela Base. Antes conseguia fazer isso com frequência, agora mal tinha tempo para vê-lo.

Mesmo parecendo relutante, Hagen se acalmou assim que se afastaram da Saída Oeste. Jean levou-o pelas amarras, sentindo uma inquietação nada natural dominá-lo novamente. Porém, não conseguia se atentar exatamente a que se tratava.

Quando chegou ao lado da Saída Sul, percebeu que caminhara demais e seria bom

levar o cavalo de volta. Entretanto, Hagen fincou os cascos no chão e não se mexeu.

— Vamos, *garoto*!

O cavalo relinchou, incomodado, puxando as amarras de forma decidida. Sem compreender, encarou o animal, pronto para perguntar o que estava acontecendo, quando viu que duas pessoas se aproximavam dele.

— *Aahbrran*? Aaminah?

— Jean, temos um problema! – a voz de Aaminah estava ofegante pela corrida até ali.

— Os Ocultos vão atacar a Base! – Aahbran anunciou, sério – Precisamos evacuar os nossos o quanto antes.

Jean abriu a boca em choque e sentiu que as amarras de Hagen se soltaram. Ao se sentir livre, o cavalo instantaneamente correu até a Saída Sul, parando assim que a alcançou e olhando Jean com o que parecia veemência.

— Pensei em usarmos a Saída Sul. – Aaminah falou, ao ver que Hagen estava ali – E parece que eu estava certa.

— Muito bem. – Jean aproximou-se de Hagen, acariciando o focinho dele – Nos *encontrramos* depois, *garoto*. *Agorra vá!*

O cavalo compreendeu e então seguiu para dentro da saída e Jean correu para o lado

oposto com Aahbran, tentando salvar todos que podiam.

\*\*\*

As tropas estavam dispostas e descansadas. Apesar de quase duas horas de caminhada, Nicholas sabia que aquilo não seria difícil. Seu espião estava ciente da chegada deles e estaria esperando-os na divisa da Base com o “bloqueio” de proteção. De acordo com ele, um dos Rebeldes tinha o poder de tornar a Base invisível. Não era à toa que os Ocultos passaram todos aqueles anos procurando e nunca encontraram, pois a Base era fechada para quem não a conhecia ou sabia de sua existência naquele local.

Estavam se aproximando do ponto de encontro e perceberam um homem parado alguns metros à frente deles. Nicholas olhou para o lado e os gêmeos Kalipur entenderam o recado, seguindo o Imperador de perto. Vestia uma roupa de algodão cru e um casaco grosso de pele por cima, mas sorria ao vê-los se aproximar. Quando Nicholas chegou perto o suficiente, o homem tirou o casaco e mostrou, em seu braço direito, a marca dos Ocultos.

— Senhor Imperador, uma honra. – ele disse, ajoelhando-se.

— Ivan Krapp? – perguntou, e o homem assentiu – Será honrado pela sua ajuda. Vai se juntar a nós?

— Sim, senhor. — ele deu um sorriso e apontou para uma pedra não muito longe —

Ali é a entrada Norte. Mas temos um problema: os Rebeldes estão evacuando, senhor.

— Como? — Naiara perguntou, ao lado de Nicholas.

— Eles têm uma anciã com o poder de *Intueri*. Parece que ela percebeu nossa chegada há poucas horas e avisou para que os Rebeldes fugissem. Poucos efetivamente conseguiram, mas temos que ser rápidos. Vou na frente para tentar distraí-los.

— Muito bem. — Nicholas virou-se para suas tropas assim que o espião correu de volta para a Base, chamando-as — Aquela é a entrada da Base Rebelde. Matem todos. Eu escolherei se quero algum deles vivo. E silêncio. Não queremos alarde.

Os soldados murmuraram, excitados. Se pudessem, estariam gritando, mas Nicholas não queria deixar uma chance de defesa. Com um sorriso nos lábios, avançou. Estava na hora.

\*\*\*

Zandra e Ulisses estavam ajudando as crianças, suas mães e os mais velhos a passarem pela saída Sul, fazendo o possível para apressá-los. Não tinha ideia de quanto tempo teriam, mas precisavam ser rápidos se não queriam ninguém ferido.

Terminou de ajudar mais uma família a passar, quando sentiu que alguém estava ao seu lado. Assustada, virou-se e viu que era Ivan. Sentindo-se mal, tentou dar um sorriso, mas não deve ter se saído muito bem. Apesar de ele tê-la beijado, sabia que seus sentimentos por Ulisses eram muito mais fortes. O que sentia pelo homem era apenas amizade. Então, pediu que Ulisses continuasse com o trabalho e virou-se para falar com ele.

— Olá. – ele disse, aproximando-se dela.

— Ivan... Sei que não é um momento apropriado, mas... Sobre o que aconteceu... – ela respirou fundo e encarou-o – Eu não gosto de você assim.

O homem pareceu pensar alguns instantes e deu um sorriso estranho, que fez com que os pelos de seu braço arrepiassem. E então ela ouviu o que parecia ser um choque: o chão da Base tremeu e o barulho de uma luta grandiosa começou. Seu coração se apertou e viu, ao longe, uma movimentação. Precisavam ser rápidos. Virou-se para falar com Ulisses, mas Ivan segurou seu braço.

— Tudo bem, Zandra. Não vejo problemas quanto a isso. Eu estava pensando... Lembra-se de tudo aquilo que lhe contei sobre Erik?

Sem compreender, ela olhou-o com desconfiança, tentando se soltar.

— Não é hora para conversarmos, Ivan! Os Ocultos estão aqui!

— Sim, eu sei. – ele deu um sorriso maior ainda e soltou-a, tirando seu casaco – E

como acha que eles acharam essa Base, inútil?

Zandra encarou horrorizada a marca dos Ocultos no braço direito do homem, sentindo algo como culpa crescer-lhe no peito. Seu coração se apertou e ela baqueou, sem saber o que fazer.

— Sim, a tal Celebriant era culpada pela morte do Erik... Mas você a expulsou daqui injustamente! Aquela maldita era um dos seus!

Sem pensar, ela atacou. Surpreso pela raiva repentina da mulher, Ivan se embaralhou e não conseguiu se defender.

Zandra atacou o homem tão ferozmente, que sabia que iria matá-lo, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, ele a empurrou e saiu correndo, fugindo. Olhou para trás e viu que Ulisses tinha se aproximando e provavelmente isso afugentara o espião.

— Covarde! – ela grunhiu, mas o homem nem olhou para trás.

— Zandra? – murmurou Ulisses, aparecendo do seu lado – Vim assim que vi você lutando!

Assentiu, sentindo lágrimas escorrerem em seu rosto sem autorização. Ela era a culpada.

— Era o espião. – murmurou.

Percebeu que Ulisses não compreendera totalmente e olhou em volta, vendo a Base



em guerra. Sentiu seu corpo se retesar. Era culpa dela. Tudo aquilo... Era uma inútil mesmo!

— Vamos, Ulisses. — falou, sentindo que não conseguiria parar de chorar —  
Precisamos ajudar.

O homem assentiu e os dois correram, tentando ajudar os Rebeldes que ficaram para trás.

\*\*\*

Aaminah estava perto da saída Sul quando ouviu. O estouro foi tão grande, que tremeu o chão da Base. O *Bloqueio* de Aahbran estava quebrado. O irmão lhe avisara que quando o exército chegasse iria propositalmente fazer aquilo. Era o sinal de que os Ocultos estavam dentro. Se era do conhecimento deles a posição em que estavam, ao seu escudo só restava a função de alarme.

O mais rápido que pôde, correu para a entrada Norte, apressando os moradores a correrem. Logo a Base se tornou um pandemônio. Havia fogo e gritos por onde passava. Sentindo o coração apertar, percebeu que suas mãos brilhavam em prateado. Sua *Intueri* estava se espalhando por seu corpo. Não tinha aptidão para a batalha, mas sua mente ainda conseguia manejar alguns truques. Também não eram suficientes para um embate corpo a

corpo, mas poderia se defender e de alguma forma ajudar.

Logo viu um Oculto e concentrou-se, fazendo com que o homem voasse longe, algo que há tempo não fazia. Seu corpo formigava por completo e sabia que aquele era o momento. Ao chegar à entrada Norte, seu coração se apertou: os Rebeldes mais fortes tentavam conter uma massa de Ocultos, que, aos poucos, conseguiam passar pelas barreiras e invadir a Base. Aqueles que passavam, matavam quem aparecia em sua frente, sem nem piscar. Olhou para trás e viu os moradores em pânico, correndo para a saída Sul, revelando aos Ocultos a rota de fuga.

— Aahbran! – ela aproximou-se do irmão o mais rápido que conseguiu – Deixe-os entrar!

— O que está dizendo? – ele grunhiu, desviando sua atenção para ela.

— Aqui dentro iremos controlá-los melhor!

— Mas... Os moradores...

— Só podemos esperar que já estejam longe. Presos nessa entrada não conseguiremos salvá-los!

Finalmente compreendendo, ele fez um sinal para Jean, que passou o recado adiante. Quando todos estavam cientes, abriram a entrada Norte, correndo na direção contrária.

O exército era gigantesco. Aaminah sentiu seu corpo inteiro formigar. Estava mais

longe da entrada e resolveu que iria usar seu poder de uma forma não muito conhecida. Pediu ajuda a Jean, que se juntara a ela, dando-lhe as mãos. Com o poder de dois *Intueris*, sendo um de batalha, conseguiria fazer o que fosse preciso. Respirou fundo e, quando sentiu seus olhos brilharem, abriu os braços repentinamente.

Uma onda de vento enorme atingiu o lado de fora da Base, onde a neve ainda se acumulava. E então uma avalanche de neve começou a descer na direção do exército dos Ocultos. Sentindo o poder diminuir, olhou em volta: Jean estava esperando, ainda segurando sua mão. Os dois então correram em direção à saída Sul, ajudando os seus. Só podia torcer para que todos a alcançassem a tempo, pois assim que os dois passassem, Aaminah iria fechá-la.

\*\*\*

Nicholas puxou sua espada assim que entraram na Base. Seu coração batia descompassado, mas ao mesmo tempo sentia a adrenalina subir em seu corpo. As pequenas batalhas que tivera quando era apenas um Oculto em treinamento não eram comparáveis a essa em particular. Viu, ao longe, os Rebeldes fugindo na direção oposta e mandou seus soldados pegá-los.

Correu também, ajudando seus soldados, quando percebeu que a metade deles estava parada. Sem compreender, viu, ao longe, um Rebelde que parecia uma criança, com os cabelos brancos e os olhos azuis. Os Ocultos viraram seus olhos desfocados para ele e correram em sua direção para atacá-lo. Nicholas desviou-se deles e correu. Precisava alcançar aquele Rebelde e destruí-lo. Foi quando ouviu a gritaria do lado de fora. Parando no mesmo instante, voltou-se para trás para ver o que acontecia, mas Naiara veio em sua direção e o parou, impedindo-o de continuar.

— Senhor! – gritou Naiara, tentando ser ouvida – Não vá até lá!

— O que houve?

— Parece ser uma avalanche, não tenho certeza.

— Mande-os recuar! – ele grunhiu, irritado.

Ouviu a mulher dando ordens para os que estavam do lado de fora recuar, mas não tinha tempo de ver se havia funcionado. Virou-se e correu até a criança, fazendo o possível para não encará-la nos olhos. Não sabia como funcionava o poder dele, mas algo lhe dizia que se evitasse seus olhos poderia impedi-lo.

O alvo percebeu a aproximação e, antes que Nicholas pudesse se defender, lançou-se em cima dele. Conseguiu segurar o ataque com sua espada, mas com isso ela voou longe. Sentindo seu *Imperi* crescer, lançou o primeiro golpe que lhe veio à mente: o que parecia

ser uma lança vermelha quase acertou o Rebelde e então ele se transformou em um homem.

Sem se abater, Nicholas continuou jogando golpes de seu *Imperi* sem parar, enquanto o homem se defendia naturalmente, mas não o atacava. Parecia que ele não tinha brechas para usar seu poder contra o Imperador.

Quando finalmente conseguiu atacá-lo, o homem desviou-se e desapareceu. Sem compreender, olhou em volta e percebeu que quase todos os Rebeldes também desapareceram no ar.

— **Achem eles!** – gritou, irritado, e começou a procurar para onde vira os Rebeldes correndo.

Seu coração pulava aos saltos, mas quando finalmente alcançou o outro lado, percebeu que chegaram tarde demais. A saída estava coberta de pedras, algo que havia acabado de desmoronar. Naiara chegou ao seu lado, ofegante, e ele a encarou.

— Descubra aonde isso vai dar! – grunhiu, irritado, e a mulher assentiu.

Respirou fundo e olhou para trás. Assim que sentiu a adrenalina baixar, pôde notar como era a Base dos Rebeldes: a montanha era toda oca, e várias casas feitas de pedra dominavam toda a parte. Eles provavelmente já viviam há um bom tempo ali, escondidos pelo poder daquele homem. E agora que eles haviam achado seu esconderijo, deveria procurar qualquer coisa que entregasse a posição dos outros.

— **Atenção!** — ele gritou, fazendo com que os que estavam mais próximos o ouvissem — Vasculhem o lugar. Qualquer pessoa viva ou qualquer documento que encontrarem, tragam a mim! Passem o recado adiante!

Enquanto seus soldados se mobilizaram para atender ao pedido do Imperador, Nicholas sentiu uma frustração sem limites invadi-lo. Todo o plano, cuidadosamente organizado, havia levado poucas horas para ser destruído. Mais da metade de suas tropas estava do lado de fora, presas por uma avalanche de neve, e a outra metade estava desnorтеada pela luta ter demorado tão pouco tempo para acabar. Ao olhar em volta, percebeu que mesmo com o pouco tempo muitos Rebeldes morreram na investida. Teria que se livrar daqueles corpos.

— Senhor? — murmurou Naiara, e ele olhou-a.

— Conseguiu descobrir?

— A princípio, estamos nas Montanhas Azuis. Acredito que a saída deve dar em alguma parte do país de Selene.

— Então avise nossos aliados no país Selene que procurem esses Rebeldes! Nós iremos atrás deles assim que conseguirmos desbloquear essa saída. Usaremos essa Base como acampamento de guerra.

— Sim, senhor.

E sem dizer mais nada, Nicholas respirou fundo, sentindo sua raiva crescer no peito. Aquilo era algo que ele não esperara e, na função de primeira batalha como Imperador, sentia-se completamente incompetente.

## Capítulo 4 – A pequena *Intueri*

Nicholas passou o restante da noite contabilizando seus mortos e tentando buscar uma forma de abrir a saída bloqueada. Apesar da avalanche de neve, não chegou a perder muitos soldados, pois a maioria recuou a tempo. E mesmo sabendo que seria impossível seguir os Rebeldes na mesma velocidade, ele tinha certeza de que iria encontrá-los.

Estava quase amanhecendo quando ouviu uma algazarra de gritos estridentes. Sem compreender muito bem, aproximou-se e finalmente pôde ver o que se passava: dois soldados seguravam uma menina, que parecia ter no máximo oito anos, enquanto esta se debatia e gritava, tentando morder os soldados a qualquer custo.

— Senhor! – falou um deles, tentando tampar a boca da menina com a mão – A encontramos escondida em uma das casas.

Aproximou-se dela, que finalmente parou de se debater, cansada, e encarou-o com olhos raivosos. Ela vestia uma roupa de algodão cru com pele e estava muito suja. Deveria ter tentado fugir junto com os seus, mas ficara para trás. Deu um sorriso e se posicionou à sua frente.

— Qual é o seu nome, menina?



Ela simplesmente virou os olhos e voltou a se debater, fazendo com que os soldados quase não conseguissem segurá-la.

— Muito bem, então. Soldados! – ele ordenou, encarando os dois homens que a seguravam – Amarrem-na. Conversarei com ela depois.

Os dois homens saíram com a garota esbravejando. Não sabia se conseguiria algo com ela, mas era um começo. Enquanto seus soldados tentavam abrir a passagem para poder encontrar os Rebeldes, ele iria interrogar a menina. Do seu jeito, obviamente.

— Dale. – chamou, ao ver sua General se aproximando – Eu vou descansar. Sugiro que faça o mesmo com nossos homens, e assim que possível continuamos com nossas tarefas.

— E a garota?

— Pode deixar que eu cuido dela mais tarde.

E fazendo um aceno com a cabeça, dirigiu-se à sua barraca, montada não muito longe dali.

\*\*\*

Apesar de ter usado algumas vezes a passagem e saber quão escondida era, passar

com aquele contingente de pessoas e despercebido seria difícil. Enquanto eles organizavam uma forma de sair pelo país de Selene sem chamar atenção, resolveram que dormiriam aquela noite no final da passagem.

Depois de todos acomodados, Aaminah, Aahbran, Jean, os outros anciões e mais alguns Guerreiros, somando quase vinte pessoas, se reuniram para discutir o que acontecera. A primeira pergunta era a mais óbvia: quem era o espião? Como ele conseguira se infiltrar tão bem entre eles?

— Bom... — murmurou uma voz conhecida na multidão, e Aaminah encarou Zandra — Eu posso lhes responder isso.

— Como assim, Zandra? — Aahbran aproximou-se, sem compreender.

— Eu... — ela respirou fundo — Eu tive uma grande parcela de culpa nisso. Veja bem... O espião era Ivan Krapp. Ele veio juntamente com o grupo da Vila Sol Poente, infiltrado. Cheguei a vê-lo muitas vezes, conversar com ele, mas... — ela engoliu em seco — Nunca reparei. Acreditei em sua história. Talvez isso o tenha ajudado a se fixar melhor na Base.

Enquanto Zandra falava, Aaminah conseguia visualizar o que ela dizia. O rosto do espião não era mesmo muito diferente deles, algo que passaria imperceptível se ele soubesse se esconder. Acabou recordando que o vira apenas uma vez; não gostara dele, mas

não associou aquilo a nenhum tipo de problema. Foi esse espião que fizera Celebriant ser expulsa da Base, e sentiu, estranhamente, que havia algo errado com essa informação.

— Não foi culpa sua. – murmurou Ulisses, ao lado dela.

— Com certeza não foi sua culpa a entrada dele na Base. – falou Aaminah, encarando-a finalmente.

— Não, mas sua permanência, talvez. – ela suspirou e encarou os presentes – De qualquer forma, ele se revelou para mim assim que os Ocultos entraram na Base. Tentei impedi-lo, mas ele fugiu.

— Muito bem. – murmurou Aahbran – Devemos ter muito mais cuidado agora. Os Ocultos que nos atacaram essa noite estarão nos procurando. E o país de Selene nunca foi muito a favor dos Rebeldes...

— Para onde vamos? – murmurou Relinde, o ancião mais velho.

— *Parra* a Base *Guerreirra*, obviamente. – falou Jean – É a mais *prróxima* e a mais *segurra*.

— O problema é: como faremos para atravessar Ígalo e chegar até as Montanhas Vermelhas? – perguntou Naara, outra anciã, parecendo muito cansada.

— Devemos nos separar. – sugeriu Ulisses de repente, fazendo com que todos o encarassem – É... Bem... – ele pigarreou e enrubescceu ao ver todos olhando diretamente

para ele – Alguns devem distrair os perseguidores assim que eles aparecerem, enquanto a maior contingência vai para a Base.

Aaminah deu um sorriso ao ver o rosto pasmo dos presentes ao olhar para Ulisses. Percebeu que Jean abria a boca para expor sua opinião e falou:

— Nem sempre as grandes ideias vêm de grandes líderes, mas sim de grandes guerreiros. – e encarou Ulisses, sorrindo – Ele está certo. Temos que distrair os Ocultos em sua busca.

— Sim. – concordou Aahbran, pensativo – Devemos também dividir os nossos em vários grupos, fazendo-os alternar caminhos. Assim não serão pegos.

— Acho que devemos *sairr* na *frrente*, *Aahbrran*. – falou Jean – Vamos fazendo *alarrde*, *parra* que nos vejam, e ao *anoitecerr*, os *outrros* saem.

— Muito bem. – Aahbran assentiu, olhando para os presentes – Quem se propõe a ir comigo para chamar atenção?

— Eu vou. – Aaminah se colocou, dando um sorriso.

Jean levantou a mão, seguido de Ulisses e Phoebe.

— Cinco serão suficientes para distrair os Ocultos? – Relinde perguntou, cético.

— Junte-se a nós, então. – grunhiu Aahbran, voltando sua atenção para os outros e fazendo o outro cruzar os braços, irritado – Precisaremos de alguém que comande os grupos

a sair de hora em hora em direção à Base Guerreira.

— Eu faço isso. – falou Zandra, levantando a mão – É o mínimo que posso fazer.

— Muito bem. Relinde e Naara sabem onde a Base Guerreira fica e cada um irá com um grupo. Zandra, oriente mais alguns que estão aqui para comandarem seus grupos e chegarem a salvo.

— Sim, farei isso. – ela disse, colocando-se de pé.

— Aqui nos despedimos. – Aahbran levantou-se também – Pela manhã, iremos partir na direção da Base Tecnológica para despistar.

Zandra aproximou-se dos anciões e dos outros que iriam ajudá-la a coordenar a ida à Base Guerreira e Aaminah chegou até o irmão.

— Vamos descansar. Teremos uma longa viagem pela manhã.

Ao se deitar, Aaminah respirou fundo, tentando acalmar sua *Intueri*. Naquele momento, ela continuava a lhe mandar mensagens desconexas. Por alguma razão, não conseguia obter mais informações e aquilo estava deixando-a incomodada. Olhou para o lado e viu o irmão, arrumando-se para dormir, e sentiu um aperto no peito. Ela pensou que poderia não estar mais com ele tanto tempo e balançou a cabeça, irritando-se. Não gostava de pensamentos negativos. Deveria acreditar. E, pensando nisso, fechou os olhos, tentando dormir.

\*\*\*

Parecia que havia deitado há alguns minutos quando sua General o acordou. Sentindo os ossos doerem, mas renovado, Nicholas levantou-se. Já estava quase anoitecendo e ele reclamou que deveriam tê-lo acordado antes.

— O senhor precisava descansar. — ela murmurou, séria — Está tudo em ordem. Os nossos Ocultos mais fortes estão abrindo a passagem, mas ainda não tivemos muito sucesso e os corpos já foram colocados do lado de fora. Pretendemos queimá-los assim que o tempo melhorar.

— Muitas perdas?

— Do nosso lado poucos. A maioria eram Rebeldes.

— Continue com o bom trabalho. — disse, espreguiçando-se — Eu vou comer alguma coisa. Enquanto isso, ache algum lugar para podermos... *Conversar* com a criança.

— Sim, senhor.

A mulher saiu e Nicholas foi até onde seus soldados haviam montado uma cozinha improvisada. Para o Imperador, uma mesa fora montada à parte, tendo já comida e água servidas.

Enquanto comia, seus pensamentos voaram para aquela criança que ele iria interrogar. Certamente ela não falaria nada por conta própria, pois estava com muito medo. Mas Nicholas tinha seu *Imperi*, que resolveria esse pequeno problema. Apesar de nunca ter usado seu poder na mente de uma criança, sabia que não seria fácil. Elas não prestam atenção em reuniões ou em algo relevante, mas talvez ela houvesse visto algo que pudesse ajudá-lo.

Quanto mais pensava naquilo, mais sua ansiedade aumentava e comeu o mais rápido que pôde. Assim que terminou de jantar – já havia anoitecido lá fora – levantou-se e procurou Naiara. Ela estava a alguns metros dali, aguardando-o.

— Senhor.

— Encontraram algum lugar discreto?

— Ao norte há uma pequena prisão. Acho que lá é o lugar ideal.

— Vamos para lá, então.

A pequena prisão tinha algumas celas malcheirosas e parecia há muito abandonada. Os Rebeldes não deveriam ter muitos prisioneiros, o que deixava Nicholas contente: aquilo era um sinal de que aqueles inúteis não faziam Ocultos prisioneiros. A menina estava em uma das celas, parecendo incrivelmente terrificada. Tinha sido amarrada fortemente em uma cadeira e sua boca estava amordaçada.

— Tirem a mordação dela.

Um dos soldados seguiu a ordem, fazendo com que a menina tossisse e o encarasse com ódio.

— Então, pequena. Vai me dizer o seu nome? – falou Nicholas, abaixando-se na altura dela.

— Você é um Oculto nojento! Eu não vou falar nada para você! – ela grunhiu, voltando a se debater na cadeira, mas não conseguindo mexer muita coisa.

— Ah, não. Não sou um Oculto nojento. – sentiu seu poder se mexer, inquieto – Sou o Imperador dos Ocultos. Alguém muito importante.

— Então você é o pior deles! – ela exclamou, cuspiando nele.

Por sorte, Nicholas se levantou a tempo e o cuspe da menina acertou o chão. Sem se importar com aquilo, ela apenas continuava tentando se mexer na cadeira, e ele soube que nunca teria cooperação daquela forma.

— Muito bem. Deixem-me só com a criança.

O soldado e Naiara saíram.

Ele podia sentir que a menina estava com medo, mas lutava para não demonstrar. Apesar de ser uma Rebelde, era muito forte.

Sem que ela pudesse se defender, Nicholas fez seu poder crescer e então seus olhos



se abriram para a mente dela, conectando-o com seus impulsos cerebrais. No momento em que isso aconteceu, ela começou a se fechar.

*Intueri*, ele pensou. A menina tinha como poder a *Intueri*.

Sentindo algo como ódio roçar-lhe o corpo, congelou o cérebro da menina, que instantaneamente parou de se mexer. Usou seus poderes para acalmar o medo, mas ela incrivelmente conseguira desviar. Sendo jovem, seu poder ainda era fraco, mas conseguia manobrar o *Imperi* da mesma forma que ele já vira antes. Precisava desviar a atenção dela e, sem pensar duas vezes, pegou sua espada e fez um corte no braço da menina.

Instantaneamente a menina gritou, mas Nicholas retomou o comando e, desta vez, ela deixou ser levada pelo *Imperi*. Os pensamentos de uma criança eram muito difíceis de encontrar. Buscava qualquer reunião, conversa ou algo que ela poderia ter escutado sem querer, ou mesmo participado e prestado atenção. Porém, a mente dela vagava rapidamente, não deixando que ele encontrasse o que procurava. Fechou os olhos, desconectando-se do cérebro da menina, fazendo com que ela começasse a gritar novamente.

— Sabe que eu posso ser muito mais malvado do que isso. — ele resmungou, encarando os olhos castanhos dela — Você sabe para onde seus colegas foram?

A menina começou a chorar, mas não respondeu à pergunta dele.

— Eu estou falando com você, sua inútil! — grunhiu, pegando sua espada novamente

e fazendo outro corte no braço.

— **Aiiii!** – ela gritou, mexendo as pernas e conseguindo libertar uma delas, acertando em cheio no peito de Nicholas.

Quando percebeu, estava sentado no chão, encarando a menina com um ódio tremendo. Sua mão se levantou automaticamente e ele deu um tapa no rosto dela, tão forte, que quase fez a cadeira tombar. E então ela voltou os olhos para ele, fazendo-o sentir seu coração parar. Ali, sentada em sua frente, ele via Celebriant Devoy.

— Eu já disse que não vou lhe falar nada!

— Ahhh, sim. – ele falou, entre dentes, aproximando-se – Vamos ver se alguns dias presa aqui não faz você mudar de ideia!

— **Me deixa em paz!** – ela gritou, ainda se debatendo.

Nicholas deu um sorriso irônico e saiu, ordenando que seus soldados deixassem a menina presa. Ela iria cooperar... Por bem ou por mal.

\*\*\*

O sol estava a pino quando Aaminah e os outros atingiram a base da Montanha. Suas roupas de inverno tiveram que ser substituídas por outras mais leves. Apesar de ainda

carregá-las em sua mochila, sentia que não seriam mais necessárias tão cedo. O país de Selene ficava entre as duas montanhas e sempre soubera que ali era um lugar quente e abafado, apesar de o vento ainda persegui-los.

A saída daquela passagem dava exatamente na divisa do país de Jaker e Ígalo. Enquanto o grupo em que ela estava iria para Jaker, em direção à Base Tecnológica, os outros iriam para Ígalo, onde ficava a Base Guerreira. Jean era o único que estava com seu cavalo, pois o animal o esperara mesmo com toda a movimentação.

A primeira parada para eles seria na Vila de Éster, onde os Rebeldes tinham aliados e poderiam ajudá-los a se mostrar para os Ocultos. Apesar de tudo, eles faziam o possível para não serem notados ainda, pois queriam desviar a atenção para a saída da passagem. Jean aproveitou e foi à frente, verificando se eles poderiam seguir pelo caminho.

Quando o sol se posicionou acima deles, pararam para se alimentar. O grupo estava silencioso e faminto, mas assim que terminaram de comer, Aahbran levantou-se, decidido.

— Há uma vila aqui ao lado. Vou comprar cavalos e suprimentos para começarmos o trabalho. A partir de agora, fiquem atentos. Poderemos ser atacados a qualquer instante.

— Eu vou com você. — Aaminah seguiu o irmão.

A vila ficava muito próximo de onde eles estavam. Assim que entrou nela, pôde ter certeza de que iriam ser reconhecidos. Os olhares os seguiam a cada passada. Talvez

eles não atacassem, mas os Ocultos seriam informados imediatamente. Encarou o irmão e ele deu um sorriso.

— Vou informá-los de que mais pessoas virão por esse caminho para ao menos despistar. – ele falou – Acho que será suficiente por hoje.

— Cuidado.

Aaminah foi para a pequena feira, no que parecia ser o centro da Vila, e fingiu estar interessada em algumas frutas. Várias pessoas perguntavam de onde ela era e para onde estava indo. Mentia sempre seu nome, mas não a direção. Sabia que as informações chegariam rápido e eles precisavam ficar um bom tempo por ali.

Logo seu irmão voltou e os dois seguiram para onde o grupo ficara, agora com cavalos descansados para cada um deles. Depois de um dia inteiro, Aaminah sentia-se ainda mais esgotada. Sua *Intueri* não deixara que ela descansasse à noite. Sua mente trabalhava furiosamente, como há muito não fazia. As informações eram esparsas e continuavam sem sentido. Mas havia uma constante compreensível: precisavam seguir em frente. Se aquilo daria certo, ela não conseguira descobrir.

Ao anoitecer, eles finalmente alcançaram um local mais escondido na vegetação e poderiam descansar. Ela foi a primeira que se deitou, mas não conseguia dormir. Virou-se alguns minutos onde deitara, até desistir e levantar. Sua *Intueri* exigia que ela fizesse algo.

Sentou-se, pegando papel e caneta, e começou a escrever.

\*\*\*

*Um mês depois.*

Nicholas acordou e levantou-se em um salto. Arrumou-se e logo saiu de sua barraca, indo comer alguma coisa. Começou a tomar seu desjejum e sorriu. Andava acordando de muito bom humor nas últimas semanas e tinha uma ideia do porquê.

Nada de relevante fora encontrado na Base no último mês. Metade de suas tropas seguiu com um líder de confiança para tentar alcançar os Rebeldes pelo outro lado. Os Ocultos reviraram todas as casas e recintos e a única descoberta fora a menina Rebelde. Desde então, Nicholas tentava encontrar algo sobre qualquer coisa útil que aquela criança pudesse ter visto e tinha certeza de que naquele dia iria encontrar.

Assim que a capturaram, ele percebeu que a menina seria difícil de controlar. Mesmo usando seu *Imperi* e torturando-a, ela conseguia evadir-se. E, então, a garota decidiu que queria morrer. Parou de comer, deixou-se enfraquecer com a tortura que Nicholas aplicava nela. E quanto mais ela resistia, mais satisfeito ele ficava.

Nunca havia reparado o quão estressado estava nos últimos meses graças à pressão

de ser Imperador. Entretanto, no momento em que começou a tentar retirar alguma coisa da cabeça daquela criança, sentiu-se vivo. Usar seu poder da forma original, dominando o cérebro e buscando informações, lhe dava uma nova energia. Obviamente, fazer a menina sentir dor era muito relaxante também.

Terminou de comer e levantou-se, seguindo na direção da pequena prisão. A menina ainda estava lá, na mesma posição em que a havia deixado e nunca mais sairia daquilo. Pela primeira vez desde que começou a treinar em mentes mais difíceis, ele havia conseguido usar seu poder de forma plena. O cérebro de uma pessoa é movido por energia, e para que seu poder funcionasse naquele sentido, ele precisava congelar esses impulsos, fazendo com que pudesse desvendar os pensamentos e manipulá-los. E, por conta disso, o que via na sua frente agora era um corpo inerte, vivendo por conta da energia que ele transmitia para ela durante as suas buscas. Um cérebro congelado, que só funcionava quando seu *Imperi* agia nele.

A menina estava muito magra. Havia cortes pelo seu corpo, pois enquanto ela ainda estava consciente, ele só conseguia manipulá-la enquanto sentisse dor. E toda vez que se lembrava disso, sentia um ódio muito grande de Celebriant aflorar. Aquela menina fazia com que ele se lembrasse do olhar enojado da falecida ex-noiva e aquilo era o suficiente para instigá-lo a continuar.

Aproximou-se e a menina abriu os olhos. Sua conexão com ela ainda estava ativa, mas sabia que ela não iria durar muito. Fazia uma semana que a garota não se alimentava e apenas bebia um pouco de água. Concentrou-se e adentrou no cérebro dela. As conexões, totalmente disponíveis para ele, estavam ali. Faltava apenas uma pequena parte dos pensamentos mais recentes daquela criança para avaliar. Se ele não encontrasse nada de relevante, não precisaria mais dela.

E então começou a ver.

A menina estava do lado de fora de uma casa mais antiga, mas ainda naquela Base. Pensava que não deveria estar ali, que seus amigos iriam achá-la facilmente. Ela olhou rapidamente pela janela dos fundos onde estava escondida e viu uma mulher com longos cabelos brancos trançados encarando em silêncio uma pintura de uma estrela de cinco pontas. Quando estava concentrada olhando para a mulher, percebeu que seu amigo se aproximava e iria achá-la. Rapidamente se escondeu e, brevemente, olhou para trás de volta. Viu um vislumbre de alguma coisa na mão da mulher, mas não teve tempo para entender melhor, pois teve que correr para não ser pega na brincadeira. Foi o suficiente para Nicholas compreender do que se tratava.

Sem cuidado nenhum, desconectou-se, sabendo que aquilo com certeza havia danificado sua conexão com a garota. Mas já não importava mais. Saiu do local sem se

importar com ela e procurou por um soldado. Descreveu a casa que procurava, e ele apontou mais acima. Nicholas correu, sentindo seu coração apertar, e assim que alcançou o lugar, entrou como um furacão. Ali estava o quadro, já em outro lugar, mas era o mesmo que ele vira. Para a sua satisfação, a casa era aquela.

Procurou por tudo, não encontrando nada. Não havia um pedaço de papel ali dentro. Sentindo uma fúria súbita, empurrou um espelho que estava ali para o chão, quebrando-o em pedaços.

O que aquilo significava? O Imperador lhe dissera que seus ancestrais haviam salvado o Manuscrito. Apesar de ser apenas um vislumbre, o que a mulher de longos cabelos brancos segurava era muito parecido com o Manuscrito que ele guardava em Lander. Poderia aquela mulher ter uma cópia?

Ainda sentindo seu peito arder, voltou para a pequena prisão. O corpo da menina estava largado na cadeira, imóvel. Ao se aproximar, ela não deu nenhum sinal de vida. Ainda respirava e seu corpo fazia suas funções básicas, mas seu cérebro estava desconectado para sempre. Por alguns instantes, sua visão ficou turva e ele lembrou-se de como a menina ficara parecida com Celebriant e agora estava ali, completamente inútil. Imediatamente, chamou seus soldados.

— Senhor? — murmurou um deles, ereto.



— Não preciso mais dela. — declarou, saindo da cela.

— Ahn... Senhor, não entendi.

— Eu não preciso mais dela. — repetiu, encarando-os com um sorriso irônico —

Livrem-se da garota.

Os dois homens assentiram, não parecendo muito satisfeitos com a ordem. O que eles iriam fazer Nicholas não tinha certeza, mas tinha uma ideia. Não esperava que eles virassem babá de um peso praticamente morto. Portanto, o mais sensato que ele esperava que os homens fizessem era livrar-se do corpo adequadamente.

Caminhou até a saída por onde os Rebeldes passaram. Suas informações mais recentes eram que os seus homens, que estavam no país de Selene, perseguiram um pequeno grupo dos fugitivos. Não encontraram o rastro de todos eles, o que significava que a grande maioria conseguira fugir para outro lugar.

Ao chegar ao local por onde os Rebeldes fugiram, porém, animou-se um pouco. Seus soldados fizeram um progresso efetivo e havia um grande túnel já aberto.

— Imperador. — murmurou um deles ao vê-lo próximo.

— Olá, soldado. Como estamos?

— Acredito que no máximo em três semanas alcançamos o ponto onde não há mais desmoronamento. Tivemos problemas no começo, pois ao retirar as pedras outras caíam.

Acredito que logo teremos boas notícias.

— Muito bem. Mantenha-me informado.

O homem acenou, feliz, e voltou ao seu trabalho. Nicholas olhou para aquilo e suspirou. Apesar de estar empolgado com a ideia de perseguir os Rebeldes, sabia que não seria fácil alcançá-los. Sua grande preocupação naquele momento era descobrir o que realmente era aquele pergaminho que a mulher segurava e se ele realmente era algo como o Manuscrito. E para descobrir teria que pesquisar assim que voltasse a Lander.

\*\*\*

*Um mês depois.*

Suas tropas estavam descansadas e alinhadas. Assim que todos estivessem em posição, sua General passaria cada soldado pela saída até Selene, onde eles perseguiriam os Rebeldes e tentariam encontrar rastros dos outros fugitivos. Só depois se juntariam aos que saíram tempos antes. Um grupo de poucos Rebeldes foi capturado em Selene, mas a grande maioria era de crianças e mulheres. E, pelo que seu informante lhe passou, não havia nenhuma notícia relevante além disso. Com isso, Nicholas decidiu que iria para a vila

Marluza assim que possível, buscar os prisioneiros. Estava ao lado da saída, aguardando esse momento, quando viu uma movimentação logo à frente.

Preocupado, aproximou-se e pôde notar que um homem, vestido com roupas oficiais do Oculto, seguido por dois vassalos de acompanhantes, discutia ferozmente com alguns soldados. Seus seguranças, os gêmeos Kalipur, aproximaram-se instantaneamente dele, lançando olhares ameaçadores.

— Eu exijo falar com o Imperador! É um assunto de extremo interesse dele!

— E quem ousa exigir falar comigo? – falou Nicholas, aproximando-se do homem com seus seguranças.

— Imperador! – murmurou o homem, abaixando-se numa reverência, ao que seus acompanhantes fizeram o mesmo – Não queria incomodá-lo, mas tenho uma mensagem urgente de Lander para entregar ao senhor.

— Muito bem. Acompanhe-me. – falou, apontando para uma pequena casa de pedras.

Ele o seguiu, não parecendo se importar com a hostilidade dos gêmeos. Assim que ficaram a sós, o homem entregou-lhe uma carta oficial e Nicholas abriu-a, preocupado.

A carta era de seu pai. Mesmo sendo anormal, Nicholas assustou-se ao ler o que ele escrevera: Lune estava internada há quase um mês tentando segurar o bebê, mas não parecia

que aguentaria muito tempo. Seu filho, seu herdeiro, poderia nascer a qualquer momento. E era muito importante que Nicholas estivesse lá.

Respirando fundo, sem saber exatamente como agir, Nicholas agradeceu ao seu mensageiro e pediu que ele aguardasse, pois provavelmente voltaria para Lander com ele. Achou Naiara ainda organizando os soldados e chamou-a.

— Naiara, eu não poderei levar os soldados a Selene. Lune vai dar à luz a qualquer momento e eu preciso estar lá. Quero que você organize as tropas e explique para elas o porquê da minha partida. Assim que a criança nascer e tudo estiver certo, encontro você na vila Marluza.

— Sim, senhor, Imperador. – ela assentiu com uma pequena reverência.

— Os gêmeos Kalipur irão comigo. – continuou ele, dando um sorriso – Se encontrar algum Rebelde interessante, capture-o. Eu adoraria vasculhar a mente de mais alguns para descobrir onde os outros se escondem.

— Sim, senhor!

Nicholas acenou e saiu, sentindo suas pernas tremerem. Seriam três dias de viagem e ele esperava que Lune conseguisse segurar a criança. Queria muito estar lá quando seu herdeiro nascesse.

## Capítulo 5 – O herdeiro do Imperador

Lander estava completamente coberta de neve. Nicholas guiou seu cavalo diretamente para o hospital da cidade, mandando o mensageiro avisar seus pais que chegara. Três dias de viagem ininterruptos o deixaram exausto, mas precisava chegar logo.

Assim que parou na frente do hospital, os gêmeos Kalipur juntaram-se a ele. Pediu que cuidassem de seu cavalo e que fossem descansar. Duvidava que precisaria de seguranças dentro do hospital, mas os dois não pareceram gostar muito da ideia e balançaram a cabeça, incomodados. Conversaram brevemente na língua deles e então um dos dois, não fazia ideia de qual, aproximou-se do Imperador, mostrando claramente que não sairia do seu lado.

— Que seja. — ele grunhiu, entrando no hospital como um trovão.

Uma enfermeira o recebeu no momento em que ele pisou na recepção e pediu que ele a acompanhasse.

— Já nasceu? — perguntou, aflito.

— Ainda não, senhor.

Dando um suspiro de alívio, ele acompanhou a mulher, sentindo seu corpo tremer.

Não havia comido nem dormido direito nos últimos três dias. Apesar de nunca ter se imaginado pai, seu herdeiro era muito importante para seu futuro. Não pretendia orientá-lo apenas no seu leito de morte, como Eurico fizera.

O quarto estava decorado com flores que deixavam o ambiente bonito. No meio do cenário florido, Lune estava pálida, com sua barriga muito, mas muito grande. Ela parecia sofrer com a dor quando ele entrou. Ao vê-lo, seus olhos faiscaram de ódio. A única enfermeira do local terminou o que estava fazendo e falou alguma coisa no ouvido de Lune, que assentiu enquanto rangia os dentes, e saiu, deixando-os a sós.

— Lune! – ele murmurou, aproximando-se da esposa.

— Tudo culpa sua! – ela grunhiu, empalidecendo mais.

— Muita dor?

— Estou internada há mais de um mês! – ela grunhiu novamente, fechando os olhos em aflição – A enfermeira me disse que em cinco minutos ela vem me buscar para o parto.

— A-agora?

— **Sim! Agora!** – ela gritou, e pareceu se arrepender na hora – Ai... Nicholas, chame a enfermeira!

Ele correu para fora, chamando a primeira pessoa de branco que alcançou. Logo depois viu Lune sair de maca acompanhada do *Curare*, e a enfermeira orientou que ele

aguardasse na sala de espera, pois assim que ela desse a luz, eles chamariam Nicholas. Cansado, ele sentou-se em uma cadeira e fechou os olhos.

O que pareceu ser minutos depois, sentiu que alguém balançava seus ombros e abriu os olhos, assustado. Seu segurança lhe oferecia um sanduíche e um copo de café nas mãos e deu um meio sorriso ao encará-lo.

— Obrigado. – falou, pegando o lanche e dando uma mordida.

O gêmeo apenas baixou a cabeça em sinal de respeito. Não tinha percebido que estava com fome, seu cansaço era maior.

Uma hora depois, o *Curare* que ele contratara para cuidar de Lune apareceu e Nicholas levantou-se prontamente da cadeira.

— Senhor Moringan? Pode me acompanhar?

— Algum problema com o bebê? – perguntou, acompanhando o homem.

— Nenhum. Tudo certo. Apenas... – ele pensou um pouco, parecendo não ter certeza do que dizer – Bom, é melhor o senhor ver por si mesmo.

Preocupado, seguiu até o local onde ficava o berçário. Havia dois meninos ali, nus, parecendo tranquilos, dentro de duas incubadoras.

— Qual é meu filho? – falou, aproximando-se do vidro.

— Era sobre isso que eu queria falar... Bem, os dois são seus filhos.

— Dois? – Nicholas abriu a boca, chocado.

— Sim. Logo depois que a senhora Moringan foi internada, percebemos que havia duas crianças, mas como o senhor só chegou hoje, não tivemos tempo de informá-lo a novidade. Durante o parto sua esposa teve eclampsia e seus filhos deverão ficar dois dias em observação. Apesar de prematuros, eles nasceram com um peso bom e estão saudáveis. Assim que passar o período de observação, eles receberão alta. Sua esposa já está no quarto e também receberá alta após dois dias.

— Eu... – ele balançou a cabeça, admirado, e olhou para os meninos.

Os dois, apesar de serem gêmeos, eram diferentes. Um deles tinha um cabelo cheio e negro, os olhos eram duas bolas azuis brilhantes e era muito parecido com Nicholas. O outro, no entanto, tinha um cabelo ralo e castanho e seus olhos eram também castanho-azulados.

Nicholas sentiu uma comichão no estômago ao perceber o quão parecido aquele menino era com Celebriant.

— Já sabem quais são os poderes deles? – perguntou para o *Curare*, que balançou a cabeça.

— O *Taksa* de confiança virá aqui logo. Assim que soubermos, serão informados.

— Bom... Então acho que vou ver como Lune está.



— Sim, senhor.

E, um pouco desnorteado, ele rumou ao quarto da esposa, pensando em como era sortudo: tinha dois herdeiros. Nunca mais precisaria fazer outro.

\*\*\*

*Dois dias depois.*

Lune estava com Nicholas no quarto do hospital, terminando de organizar suas coisas. Passara um mês e meio naquele maldito lugar, fazendo o possível para que seus bebês não nascessem antes, mas mesmo assim os dois vieram antes do tempo. Naquele dia, porém, ambos receberiam alta juntamente com ela. Não que ela realmente quisesse ficar com eles ou mesmo amamentar, mas deveria seguir o que era esperado pelo menos por enquanto.

Quando descobriu que esperava gêmeos, não acreditou no seu azar. Além de ser obrigada a ter um herdeiro, tinha dois dentro dela, que não iriam parar de crescer. Quando completou sete meses, contudo, começou a sentir dores fortíssimas e o *Curare* explicou que ela deveria fazer repouso absoluto e ter monitoramento constante. Portanto, acabou sendo internada.

Nicholas parecia bem contente. Quando estava terminando de arrumar suas coisas, o *Curare* entrou no quarto, com um bebê em cada braço, e os colocou em cima da cama. Ambos estavam dormindo, parecendo muito serenos. Lune sentou-se na cadeira ao lado da cama e Nicholas fez o mesmo.

— Bom, o *Taksa* fez todos os exames possíveis. Qual é o nome deles? – ele perguntou, olhando para Lune.

Não tinha ideia de que nomes dar para os meninos, mas Nicholas levantou o braço, pedindo que eles aguardassem enquanto ele pensava. Pelo menos um dos dois estava interessado em pensar naqueles pirralhos.

— Lune, o que acha de Ian e Isaac? – ele falou de repente, como se a ideia fosse brilhante.

Fez um aceno com a cabeça, mostrando que não estava muito interessada nos nomes. Ian e Isaac eram escolhas decentes, pelo menos.

— Então esse – Nicholas apontou para o menino de cabelos negros e espessos como os do pai – será Ian e o outro se chamará Isaac. Decidido. Agora, nos diga os poderes.

— Muito bem. – o *Curare* sorriu para Nicholas, mas olhou estranhamente para ela. – Os poderes dos dois são distintos, assim como suas aparências. Ian tem como poder *Imperi* e seu irmão Isaac tem como poder *Intueri*.

— *Intueri*? – ela grunhiu, encarando, incrédula, o menino de cabelos castanhos.

— Sim, senhora.

Lune sentiu um ódio súbito percorrer-lhe. Nenhum dos dois meninos era *Kassan*, e para piorar a situação, aquele pequeno inútil era *Intueri*! Respirou fundo, controlando-se. Ah, como era bom não ter mais os hormônios da gravidez para atrapalhá-la! Perdera um pouco o jeito de conter-se, mas agora conseguia ouvir algo que a incomodava e não surtar.

Quando deteve seu ódio, percebeu que Nicholas aproximara-se da cama e pegara o pequeno Isaac nos braços. Com todo o carinho do mundo, ele olhava daquele pequeno *Intueri* para o outro, parecendo muito feliz.

— Obrigado, Doutor Úrsulo. Agora iremos para casa.

— Às ordens, Imperador. – ele curvou-se em uma pequena reverência – Senhora Moringan, se precisar de qualquer coisa, estarei à disposição.

— Não há nada mais que eu necessite, obrigada.

Ainda olhando-a estranhamente, o homem saiu, deixando-os a sós com os bebês.

— O que você tanto olha para esse menino? – perguntou, irritada, ao ver que o marido ainda babava em Isaac.

— Nada. – ele grunhiu, parando de sorrir e entregando Isaac para ela – Leve-o. Vou pegar Ian, meu legítimo herdeiro.

Lune reparou que Nicholas ainda estava feliz ao ver Ian, mas não era o mesmo olhar que ele lançara para Isaac. Sem entender nada, ela segurou o menino no colo e levantou-se. Precisava ir embora dali o quanto antes. Não queria ver um hospital pelo resto de sua vida.

\*\*\*

*Dez meses depois.*

Apesar de ser tarde da noite, Lune levantou-se assim que ouviu duas pequenas batidas na porta. Respirou fundo, colocou seu robe negro e desceu as escadas. O criado fez um aceno com a cabeça assim que a viu e apontou para a biblioteca. Sem respondê-lo, ela correu pela porta aberta e sorriu assim que viu quem estava lá.

Achava que ela estava morta e seu alívio foi visível quando recebeu uma mensagem de Ceres lhe contando as novidades. A prima assumira o posto de sua espiã. Buscava informações, fazia viagens longas e sempre a deixava a par de tudo o que precisava saber. Porém, passara todo esse tempo sem dar notícias a ponto de Lune achar que algo errado acontecera.

— E então? – aproximou-se, tremendo de excitação.

— Ela está ali fora, trazendo seus poucos pertences. – falou a mulher, dando um

sorriso muito parecido com o de Lune.

— Quando eu digo que somente você pode fazer um bom trabalho, estou certa! – ela respirou fundo – O que aconteceu? Onde a encontrou? Por que demorou tanto a vir?

— Bom... Na verdade, eu a fiz desaparecer.

Lune encarou a prima, sem compreender, e sentou-se na poltrona de frente para ela.

— Eu a encontrei antes dos meus colegas. – continuou Ceres – Ela estava desmaiada. Peguei-a no colo e usei meu *Bloqueio*, me escondendo. Celebriant estava atrás dela também e por pouco não a encontrou. Tive que escondê-la em vários locais para chegar até aqui.

— Você recebeu minha mensagem?

— Sim. Mas como já estava com ela, não respondi. Precisava do máximo de tempo possível, e quando me aproximei de Lander, lhe mandei uma mensagem.

— Mas como a convenceu a vir? Ela está presa?

— Não foi preciso prendê-la, Lune. Ela está... Bem dócil.

A mulher lançou os cabelos castanhos curtos para trás e deu uma gargalhada.

— Como assim, Ceres? Explique-se.

— Veja por si mesma. – ela apontou para a porta da biblioteca, onde alguém estava parado.

Lune arfou. Sua pequena irmã Saori estava ali, mas não tinha mais nada da menina que fugira daquela casa. Estava mais alta, com o corpo de uma adolescente. Seus longos cabelos ainda eram negros e brilhantes, mas seus olhos não pareciam em nada raivosos. Pelo contrário, estavam curiosos e despreocupados.

— Saori? – murmurou, aproximando-se dela lentamente.

— Olá. – ela falou, baixinho, como se a vergonha não permitisse que falasse.

— Sabe quem eu sou?

— Bom... Nossa prima me contou. – ela apontou para Ceres, que sorria divertidamente de um sofá da biblioteca – Você é minha irmã.

— Oh. – Lune encarou-a, sem compreender – O que aconteceu com você?

— Eu não... Não lembro. – ela deu de ombros, parecendo encabulada.

— Encontrei-a em uma das vilas mais afastadas de Molokinu. – disse Ceres, colocando ao conhecimento de Lune a mentira que inventara, encarando a prima com veemência – Ela não se lembra de nada.

Lune rapidamente raciocinou o que acabara de ouvir. Parecia que seus desejos foram atendidos, pois agora tinha Saori em suas mãos de uma forma completamente amigável. Convencê-la de que o que ela pensava era o melhor para a pequena irmã seria fácil. Deu um sorriso caloroso para Ceres e aproximou-se mais de Saori, colocando as

mãos em seus ombros.

— Oh, que trágico! Mas agora você está a salvo, Saori. Eu vou cuidar de você.

Chamou o criado, que aguardava do lado de fora da biblioteca, e pediu que a levasse para um dos quartos de hóspedes e que trouxesse o que ela pedira antes. Assim que a menina saiu, ela voltou-se para Ceres, dando um sorriso sarcástico.

— O que você fez?

— Incrivelmente, nada. Tive que usar um remédio de dormir para ela não acordar até que alcancei uma vila próxima da capital de Egort. Como existem Ocultos por lá, pedi que me escondessem até ser suficientemente seguro sair. E então ela acordou. Completamente sem memórias. Não sabia nem seu próprio nome. Foi fácil falar sobre sua família e convencê-la. Passeamos por várias vilas em Molokinu, para despistar, e então voltamos para cá. Por isso demorei.

— Bom trabalho, Ceres. – murmurou Lune, aproximando-se da prima e sentando-se ao seu lado.

— Lune, tem mais uma coisa.

— O quê? – perguntou, subitamente séria.

— Na volta eu encontrei com um grupo de Rebeldes.

— Estão mortos?

— Obviamente que não! – ela bufou, incomodada – Eu não podia atacá-los, estava com Saori e tudo o mais, mas ouvi o que eles discutiam. Como estávamos disfarçados para voltar para cá, eles não perceberam, mas... Uma mulher que parecia ser a mais velha dizia para os outros que iria até uma vila, ver se encontrava Saori.

— Será possível? – resmungou Lune, incrédula.

— Acho possível, sim. Havia cinco deles, Lune, e eu acho que eles pertenciam ao grupo que os Ocultos perseguiam há meses.

— Então eles irão àquela vila com outros Rebeldes procurar por Saori?

— A mulher disse que iria sozinha. Que os outros deveriam esperar ali, no limiar entre os estados Cliop e Molokinu. Pelo jeito ela deve ter ouvido algo sobre nossa passagem em Molokinu. Até chegar onde ela quer e voltar, eu acredito que levará três semanas, pois está sozinha e tem que se esconder.

— Tempo suficiente para alcançarmos Tresur! – murmurou Lune, levantando-se – Ceres, amanhã irei conversar com Nicholas a respeito disso. Vamos procurar esse grupo de Rebeldes e descobrir onde fica a outra Base deles! Que ótima notícia!

— Você está precisando mesmo sair dessa casa, hein? – murmurou Ceres, dando um sorriso irônico.

— Ah, sim. Por mais que eu não tenha interesse, tenho gêmeos e eles tomam alguma



parte do meu tempo.

— Gêmeos? – Ceres sussurrou, chocada.

— Pois é, você ficou um bom tempo longe. – suspirou, sorrindo – Amanhã conversarei com Nicholas e organizaremos um ataque-surpresa.

A prima deu de ombros e sorriu também, como se esperasse por aquilo, mas Lune balançou a cabeça. Tinha outros planos. Apontou para a porta, onde um homem estava parado, aguardando ser chamado para entrar. Ceres seguiu o olhar da prima e ao ver quem era pareceu ter engolido algo que não gostou.

— Tenho um convidado de honra lhe aguardando há algum tempo. – Lune apontou para o homem, que entrou e parou ao lado delas.

— Pai? – murmurou Ceres, incrédula – O que faz aqui?

Ceres e o pai eram diferentes, pois a prima puxara a maioria dos traços da mãe. Já Ângelus era idêntico ao pai de Lune, Antony. Não eram irmãos gêmeos, Ângelus era mais novo, porém poderiam se passar por gêmeos se quisessem. Lune encarou a prima, que não estava feliz com a visita.

— Eu voltei. – ele disse, um pouco perdido – Lune me disse que você voltaria, então eu estou lhe aguardando.

Ceres apenas franziu o cenho, incomodada, e Lune aproximou-se dela, informando:

— Ângelus irá nos ajudar. Ele estava pesquisando sobre o Manuscrito e suas funções. Sem contar que também é um *Curare* do Governo. Poderá nos ajudar no que precisarmos.

— E o que eu tenho a ver com isso? – Ceres grunhiu, incrédula.

— Preciso que passe todas as informações necessárias para ele. Amanhã, depois que eu falar com Nicholas, vou lhe repassar o que você precisa ensiná-lo e orientá-lo.

— E eu tenho cara de babá? – Ceres levantou-se, encarando o pai com ódio – Ele não me vê há tantos anos, que nem deve lembrar meu nome!

— Não fale isso, Ceres. Eu sou seu pai!

— Colocar no mundo não é suficiente para ser considerado um pai!

Lune revirou os olhos e dispensou Ângelus, pedindo que aguardasse seu contato. Ceres encarava a prima com raiva e não parecia compreender onde ela queria chegar.

— Tenho planos para Saori. – falou, puxando a prima para mais perto da janela – Planos que seu pai saberá como resolver. Além disso, preciso que o vigie. Eu não confio nele. E precisamos pôr em prática aquilo que decidimos antes de você sair em busca de Saori.

— E por que eu? – Ceres sussurrou, incomodada.

— Você é a única pessoa daqui que confio.

Ceres ainda estava parecendo emburrada, mas concordou.

— Amanhã vou lhe passar minhas intenções e planos. Não podemos falhar.

Ceres encontrou uma brecha para revidar, mas ao ver o rosto sério de Lune, deu um suspiro irritado.

— Não estou satisfeita com isso.

— Não se preocupe, priminha. — ela sorriu ironicamente — Vai ter sua recompensa.

\*\*\*

Lune passou a manhã seguinte com Saori, conversando e explicando algumas coisas. Não quis entrar em muitos detalhes do que acontecera anteriormente para não arriscar lhe trazer lembranças, mas fez com que se consultasse com o *Curare* e pediu para que um *Taksa* viesse e reavaliasse qual era o poder dela. Apesar de algumas coisas que descobrira a respeito do nascimento de Saori, queria confirmar antes de levá-la a um certo lugar.

Para sua surpresa, o poder de Saori havia mesmo sofrido uma alteração, e o *Taksa* não conseguiu ter certeza do que havia ali.

— Eu nunca vi nada igual, Senhora Moringan. Talvez sua irmã precise fazer alguns exames complementares no hospital para termos mais informações.

— Pode deixar, eu a levarei lá assim que possível. Obrigada.

— Disponha, senhora.

Quando o *Taksa* saiu, porém, Lune levou Saori para conhecer seus sobrinhos. No momento em que viu os meninos, a irmã ficou muito contente. Ocupou-se em cuidar deles e Lune a deixou ali, pois tinha assuntos mais sérios para resolver.

O escritório onde Nicholas ficava era o mesmo que o antigo Imperador esteve até sua morte. Assim que Lune bateu na porta e entrou no largo escritório, encontrou um Nicholas atarefado. Seus seguranças, os gêmeos Kalipur, estavam nos fundos da sala, organizando alguns papéis e ajudando seu senhor. Ao ver que o marido não fez menção de falar com ela, aproximou-se e sentou-se à sua frente.

Desde que as crianças nasceram, Nicholas estava cada dia mais afastado. Apesar de brincar com os meninos e ela vê-lo toda noite antes de dormir, ele estava cada dia mais calado... E cada vez mais ele desaparecia para o terceiro andar. As desconfianças de Lune eram muitas sobre aquela sala escondida. Entretanto, naquele momento precisava se focar em convencer o marido. E o único jeito era se fazendo de coitada. Se brigasse com ele, colocaria tudo a perder.

— Nicholas, eu preciso conversar com você.

— Estou ocupado. – ele grunhiu, sem levantar os olhos do que estava fazendo.

Lune respirou fundo e falou de uma vez, para chamar atenção:

— O grupo de Rebeldes que seus soldados estavam perseguindo está no estado de Molokinu.

Nicholas levantou os olhos, desconfiado.

— Como sabe disso?

— Tem mais uma coisa... Saori está em casa.

— O quê? – ele soltou seus papéis, incrédulo – Do que está falando?

— Desde que Saori desapareceu misteriosamente, eu pedi para Eurico procurá-la.

Ele mandou Ceres, minha prima, e mais alguns soldados em sua busca. Ceres a encontrou.

Saori perdeu a memória, por alguma razão, e por isso já pedi que um *Curare* a avaliasse.

De qualquer forma, ela voltou para cá.

— E por que você não me disse isso antes? Por que eu sou sempre o último a saber?

– ele bateu na mesa, irritado – Não sou o Imperador?

— Agora você é, Nicholas. – ela suspirou, fazendo uma feição humilde – Fazia tanto tempo, que não imaginava que Ceres iria encontrá-la. Até achei que ela havia sido capturada e morta.

— Muito bem. E o que diabos isso tem a ver com esse grupo de Rebeldes?

— Ceres os encontrou no caminho e ouviu seus planos. Não podia atacar, pois eles

estavam atrás de Saori e ela estava sozinha com a menina. Mas descobriu que um deles vai até Molokinu procurar por Saori enquanto os outros esperam. Isso nos daria três semanas, tempo suficiente para eu ir para lá e acabar com eles.

Nicholas pareceu pensar alguns minutos e então olhou para ela com preocupação.

— Espere... Você ir? E os gêmeos?

Lune bufou. Aquelas malditas crianças.

— Nicholas... Eles já estão grandinhos. As babás cuidam deles. – encarou-o com veemência e súplica – Eu preciso fazer isso! Você entende o quão importante é lutar... E eu estou há muito tempo aqui dentro! Eu não sou uma dona de casa! Eu sou um soldado!

O homem a encarou por alguns instantes e suspirou.

— Não sabe o quanto eu queria sair daqui também e matar alguns deles. – ele parou alguns segundos e então baixou os olhos para seus papéis – Farei a autorização e pedirei que um dos meus seguranças leve até você. Escolha quantos soldados quer para acompanhá-la. – ele aproximou-se da mesa, dando um sorriso irônico – E mate todos eles.

— Serão exterminados. – murmurou Lune, satisfeita.

— Agora saia daqui. Tenho que terminar essas porcarias.

— Sim, senhor.

Lune saiu da sala, sentindo uma irradiação do seu *Kassan* sibilar em suas costas.

Iria finalmente pôr seu poder em prática. Percorreu os corredores, imaginando quem ela levaria para essa emboscada, e seguiu para o local onde seus filhos ficavam.

Os dois estavam sentados no chão, apoiados por várias almofadas. A sala inteira era repleta de brinquedos e as babás estavam em volta deles, brincando. Ian, o herdeiro, parecia ser o mais briguento. Todos os brinquedos que Isaac pegava, ele roubava de sua mão. Bom, pelo menos ele tentava. Algumas vezes, Isaac parecia perceber as intenções de seu pequeno irmão e conseguia segurar, o que fazia Ian chorar com vontade. Saori estava naquele momento tentando acalmar Ian, enquanto Isaac brincava com o cabelo dela.

Agachou-se ao lado de Saori, que sorriu ao vê-la ali.

— Olá. Eu gostei dos pequeninos. — ela riu, pois Isaac estava abraçado nela.

— Que bom! São seus sobrinhos. — abaixou-se na altura dela e falou baixinho — Saori, eu terei que viajar e só volto daqui a um bom tempo. Quero que você fique com minha prima, Ceres, e não saia daqui da casa. Quando eu voltar, vamos até o hospital fazer alguns exames complementares, mas o *Curare* já me avisou que você está bem de saúde.

— Oh... Tudo bem. — ela deu um sorriso tímido e voltou o olhar para Isaac, que pedia sua atenção.

Sem falar mais nada, Lune saiu do local, indo diretamente para seu quarto e pedindo que o criado chamasse Ceres. Agora precisava de uma pequena preparação e no outro dia,

pela manhã, sairia em direção ao país de Tresur.

\*\*\*

Saori viu sua irmã sair da sala e ajudou Ian a pegar um dos brinquedos que queria. O menino era muito parecido com o marido da irmã, Nicholas, e era muito briguento também. Já o outro parecia que reconhecia as feições de algum lugar, porém não conseguia alcançar de onde.

Sorriu para Isaac, que lhe entregara um brinquedo babado, e ao levantar a mão para fazer um carinho na cabeça dele, olhou para aquela pulseira que não conseguia tirar. Desde que acordara, Ceres tentara saber de onde ela viera. Saori lhe disse que não se lembrava e que também não sabia o motivo de não poder tirá-la. Era sua única lasca de memória: aquele rosto bonito, o olhar e os cabelos loiros.

Era muito simples, parecia ser feita à mão e lhe trazia um sentimento bom. Algo gostoso, um calor. Por mais que não soubesse o que acontecera para estar ali, não se sentia tão bem na presença da irmã e da prima. Elas pareciam esconder muito mais do que realmente falavam. E aquele rosto não estava presente ali, portanto algo lhe dizia que não era onde deveria estar.



A porta se abriu novamente e seu coração pulou no peito. Era alguém que Saori sentia que conhecia, mas ao mesmo tempo era completamente estranho.

— Olá, Saori. – o homem se aproximou e agachou-se ao seu lado – Meu nome é Ângelus e sou seu tio, pai da Ceres.

— Olá. Sabe que eu não me recordo de ninguém, não é?

— Sei, sim, sua irmã me contou. – ele sorriu – Mas eu sou um *Curare*... Quer que eu tente ajudá-la a recuperar a memória?

— Claro! – sorriu, sentindo-se bem pela primeira vez, pois o tio parecia sincero.

O homem deu um sorriso também.

— Então virei vê-la assim que possível.

Saori viu o tio sair da sala e olhou para os sobrinhos, que agora haviam ganhado mamadeiras da babá e estavam silenciosos.

Iria descobrir o que acontecera. Contemplou novamente a pulseira e sorriu: por essa pessoa que lhe dera aquela pulseira, iria descobrir.

## Capítulo 6 – O próximo passo

*Três semanas depois.*

Aaminah sentia o frio em cada parte do seu corpo cobrir-lhe como se estivesse nua na tempestade. Apesar de ter roupas quentes, teve que desviar seu caminho para o lado das Montanhas Vermelhas, e quanto mais se aproximava de lá, mais chuva e frio a acompanhavam.

Demorara uma semana e meia para chegar à Vila Diamen, a mais afastada do estado de Molokinu. Conseguira informações com alguns habitantes de uma vila próxima, que estavam na capital do estado, Priori, comprando alimentos para lá. Eles contaram que há algum tempo uma menina estranha, acompanhada de sua prima, apareceu por ali, ao lado daquela vila. Soube que elas haviam deixado o lugar há bastante tempo. Sentindo uma urgência invadi-la, Aaminah seguiu o mais rápido que pôde para lá, para obter maiores informações. Entretanto, os habitantes foram orientados a não contar a ninguém o que sabiam sobre o assunto. A única confirmação que obteve foi de que a menina era realmente Saori e que fora levada para casa.

Na semana seguinte, ela tentava voltar ao lugar onde Aahbran estava, mas cada dia era um tormento. Havia muito tempo que não forçava seu corpo àquele ponto e sabia que não aguentaria muito mais. A chuva não dava trégua e ela e o cavalo sofriam absurdamente naquelas condições. Ainda assim, o animal parecia perceber a urgência nela e continuava a avançar. Naquela noite, porém, encontrou um local escondido e finalmente pôde fazer uma fogueira para se secar. No momento em que encostou a cabeça no colchonete e se cobriu, caiu em um sono profundo.

E então estava em um lugar no qual já estivera antes, tantas vezes, que perdera a conta. Havia uma fila interminável de pessoas à sua frente, caminhando com os ombros caídos. Tudo era cinza, preto e branco, nada tinha cor. A palavra que se poderia encaixar naquelas figuras era “acabadas”. Sem compreender muito bem, tentou falar com alguém, mas não houve resposta. Continuou andando, prestando atenção aos rostos para ver se reconhecia algum, até que, ao longe, viu algo que fez seu coração parar.

Celebriant caminhava lentamente junto com as outras pessoas, não parecendo vê-la. Aproximou-se, chamando o nome dela. Ao notar sua presença, a menina apenas negou-se a ouvir, jogando-se em um buraco negro. Sentindo seu corpo se reter ao lembrar onde vira aquela cena, Aaminah acordou em um salto e prestou atenção à sua volta.

Ainda estava escuro e devia faltar pouco para o amanhecer. Porém, conseguia sentir:

alguém se aproximava dela. Não. Ainda mais preocupante: alguém se aproximava do grupo em que seu irmão estava. Com urgência, arrumou as coisas e partiu, fazendo seu cavalo atingir o esforço máximo. A chuva cessara, mas o local estava cheio de lama e os dois escorregavam sem parar.

Tinha pouco tempo. Precisava avisá-los. Porém, entre esse pensamento de urgência, a compreensão de algo maior a consumiu. E então voltou a correr o máximo que pôde.

\*\*\*

Aahbran estava de vigia. A noite passara escura, gelada e molhada, mais do que o normal. Olhou para seus companheiros, que dormiam. Apesar de tudo o que se passou naqueles meses, conseguiram despistar os Ocultos. A única coisa que ainda não ficara clara era quando retornariam à Base. Esperavam Aaminah para decidir, pois todos estavam muito cansados.

Quase amanhecia quando percebeu que Jean sentou-se rapidamente em seu leito e ficou alguns minutos em silêncio, como se estivesse em transe. Assim que seus olhos voltaram ao normal, ele se levantou em um salto. Ao encontrar os olhos do amigo, percebeu que aquilo deveria ser obra de sua irmã e sentiu seu corpo se retesar.

— O que houve? – perguntou.

Jean não respondeu. Começou a arrumar tudo rapidamente, e os outros acordaram assim que perceberam a movimentação, fazendo o mesmo sem nem esperar uma explicação. Enquanto organizava tudo, Aahbran aproximou-se de Jean e os dois se olharam com profundidade.

— Os Ocultos estão *próximos*. Vamos! – ele falou com firmeza.

Aahbran sentiu, como algo latente, que aquilo era bem mais preocupante do que ele queria mostrar. Com rapidez, ajudou-os a se organizar e subiram em seus cavalos, seguindo Jean pelo caminho que ele mostrava.

\*\*\*

Não era fácil encontrar, no meio de toda aquela chuva, lama e pequenos morros, algum sinal de vida. Não havia iluminação suficiente para buscas. Lune pediu que sua tropa parasse ali mesmo para descansar. Sabia que estavam próximos.

E então, quando a chuva finalmente parou e o sol começou a sair timidamente, Lune deu um sorriso irônico. Ao longe, abaixo de onde estava, viu uma movimentação: uma mulher com seu cavalo, avançando muito rápido. A mulher devia ser a Rebelde que Ceres

descreveu, pois tinha longos cabelos brancos e vestia roupas de algodão cru. Ela corria bastante, parecendo fugir de alguém. Triunfante, percebeu naquele momento que a mulher sabia que eles a caçavam.

— Senhora, devemos atacar? – perguntou Ivan Krapp, encarando-a com um olhar de idolatria.

— Ainda não. Vamos esperar que ela encontre o restante do grupo. Então atacamos.

Em poucos minutos, a mulher já havia notado a presença deles, mas mesmo assim continuava correndo, provavelmente na direção dos outros Rebeldes. Aquilo era muito fácil! Assim que ela sumiu atrás de um morro mais elevado, percebeu que encontrara suas presas.

— Deem a volta e peguem-nos lá atrás. Eu cuido desse lado.

Cuidadosamente, aproximou-se do morro, mas quando olhou para onde deveriam estar correndo todos os Rebeldes, somente a mulher dos cabelos brancos estava ali, parada, parecendo esperar por ela.

A mulher encarou-a profundamente ao vê-la ali e desceu do cavalo. Lune deu um sorriso terrível ao perceber as intenções dela.

— Então a Rebelde resolveu ficar para me *segurar*? Quanta prepotência.

Lune deu um sorriso de escárnio e fez seus braços brilharem em chamas, ativando

seu poder.

— Prepare-se para morrer. — ela grunhiu.

A mulher deu um sorriso enigmático.

— Eu estou preparada.

Sentindo seu *Kassan* fluir pelo seu corpo de forma plena, Lune finalmente sentia-se completa. Ficara mais de um ano presa naquela maldita casa e tendo que aguentar muita coisa inútil. A partir daquele momento, porém, ela seria Lune novamente. E nunca mais deixaria de ser.

A Rebelde tirou uma espada da bainha. Dando uma risada, Lune correu para cima dela, lançando bolas de fogo com seu poder. Apesar de velha, ela parecia ter um porte muito bom para lutas, pois conseguia desviar-se dos seus ataques. Ela sabia onde seu poder iria acertá-la. E então percebeu que, na verdade, a mulher deveria ter *Intueri*. Maldito poder!

No momento em que as duas ficaram muito próximas, a Rebelde finalmente atacou. Lune tirou sua espada também, usando seu poder para deixá-la com eletricidade. O som das espadas se chocando colocou seu coração aos saltos. Como desejara aquilo! A luta a fazia sentir-se viva!

A mulher desviava-se de seus ataques com destreza, mas não tinha a equivalência de

anos de prática de Lune.

Quando conseguiu acertá-la no ombro, cravando a espada ali, Lune deu um sorriso feroz. Mas não foi por muito tempo. Percebeu que a mulher segurou seu braço e sentiu seu mundo escurecer.

Viu a si mesma em um exército de Ocultos. À sua frente, liderando-os, estava Celebriant, ao lado de Nicholas. A irmã sorriu para ela com escárnio, algo que Lune nunca vira em seu rosto. Seus pais estavam ali também e nenhum deles prestava atenção nela. Celebriant era a grande atração.

— **Não!** – grunhiu, indo até a irmã, com ódio – Você já desapareceu!

A irmã revirou os olhos e lançou seu *Kassan* em Lune, algo mais evoluído do que ela própria tinha. Tentou desviar, mas não conseguiu. Celebriant estava muito mais forte e poderosa do que ela. Algo que era inadmissível.

— Não pode ser... – resmungou, completamente ferida pelo golpe que recebera – Impossível.

\*\*\*

Sabia quem ela era: Lune Devoy, a esposa do Imperador, a irmã de Celebriant.



Aaminah segurou o braço da Oculta com força. Seu poder parecia inútil aos olhos de uma *Kassan*, mas ela percebeu que a mulher se engolfou nele e não se mexeu mais. A espada da Oculta estava cravada em seu ombro direito e o restante do braço não mexia. Provavelmente o osso se partira.

Concentrou-se, usando sua *Intueri* para mostrar aquilo que Lune mais temia, aquilo que a deixaria em um desespero tão grande, que daria tempo para seu irmão e os outros fugirem. Sabia que assim que a mulher saísse do transe não teria mais chances. Portanto, concentrou-se em seu irmão, usando seu poder de uma forma que nunca precisara usar.

\*\*\*

Aahbran olhou para trás diversas vezes, tentando encontrar sua irmã. Mesmo cavalgando sem parar, Jean não abria a boca desde que fugiram do grupo de Ocultos, que felizmente não conseguiram alcançá-los. Quando lhes pareceu seguro descansar um pouco, pararam, e ele jogou-se no chão, incomodado e exausto. Aquela sensação de algo estranho ainda o percorria e sabia que Jean estava escondendo algo dele. De repente, sentiu uma vertigem e tudo ficou muito claro.

Ao abrir os olhos, viu-se em um lugar completamente branco.

Uma pessoa estava muito próxima e ele se arrepiou ao ver quem era.

— Aaminah! – sussurrou, chocado – Onde você está? Estamos fugindo dos Ocultos e... Aaminah?

A irmã sorriu, aproximou-se e o abraçou longamente. Seus olhos pareciam tristes, mas ao mesmo tempo resignados. Sem compreender, Aahbran a empurrou, incomodado.

— O que está acontecendo?

— Aahbran: fujam até a Base Tecnológica. Lá estarão a salvo.

— E você? – grunhiu, desesperado, sentindo que algo naquilo estava errado.

— Eu não vou com você, meu irmão.

Aahbran sugou o ar com tanta força, que quase se engasgou.

— Onde você está? **Onde?** – ele gritou, sentindo uma dor em seu peito fora do normal.

— Não seja tão passional, Aahbran. – ela acariciou seu rosto – Minha hora chegou, não a sua.

— **O quê?** Sua hora não chegou!

Ela simplesmente sorriu e passou a mão no rosto dele, limpando algumas lágrimas que ousaram cair.

— Eu ficarei bem. Somente fuja. Desapareça junto com os outros. Eu amo você,

irmãozinho.

Aahbran gritou, sentindo-se impotente, mas a irmã fragmentou-se, dissolvendo-se em milhares de partículas de luz, desaparecendo desse mundo. Então sentiu que duas mãos o seguravam com força, balançando-o.

— *Aahbrran!* – a voz de Jean lhe perfurava os tímpanos, fazendo-o odiá-lo.

— Vamos voltar! – gritou, assim que conseguiu voltar ao mundo, sentindo uma dor lhe perfurar o corpo – Aaminah está lá, ela-

— Eu sei. – Jean falou com firmeza, mas ainda assim tremendo.

— Você... Como assim?

— Aaminah me avisou. Ela me disse o que *prretendia*.

— E você não a impediu? – levantou-se, segurando Jean pelo colarinho do casaco –

**Por quê?**

— *Porrrque* esse é o destino dela e *nom* o seu! – respondeu ele, segurando Aahbran pelos ombros – Temos que *sobrrreviver* ou tudo *serrá perrdido!* *Nom* faça com que a *morrte* de Aaminah seja em vão!

Aahbran encarou Jean por mais alguns minutos e então desabou no chão, em choque. Sentiu que Phoebe se aproximara dele e o abraçara, e ele começou a chorar sem parar.

\*\*\*

Lune ainda encarava toda aquela realidade com horror, e então se lembrou de seus filhos, de quem ela era, e sua mente se desconectou daquele pesadelo. À sua frente, a Rebelde ainda a tocava, mas não conseguia mais acessar sua mente. Com rapidez, retirou a espada do braço dela, fazendo-a cair no chão.

Imediatamente, lançou várias serpentes de fogo com seu *Kassan*, prendendo-a na posição agachada em que ela estava. Sem pensar duas vezes, ergueu os braços em formato de cruz e encarou a mulher, que sorria apesar das queimaduras.

— Que prepotência, sorrindo diante da morte.

— É uma pena que você não perceba isso, mas a morte... É só o próximo passo. — ela murmurou.

— Então verifique como é.

Lune viu seu poder alcançá-la e o corpo já sem vida da mulher tombou no chão.

Satisfeita, virou-se para procurar os seus.

Uma estava morta. Faltavam quatro.

\*\*\*

Depois de conseguir parar de chorar, Phoebe ajudou Aahbran a se levantar. Os outros nada falaram, por não saber como agir. Eles nunca haviam visto o homem daquele jeito e não faziam ideia do que estava acontecendo. Jean teve que admitir que Ulisses agira de forma sensata se afastando, assim como ele fizera.

— Aaminah pediu que seguíssemos para a Base Tecnológica. — murmurou Aahbran, com a voz rouca.

— Sim. — Jean concordou, subindo em seu cavalo — Temos que *chegarr* o quanto antes *porr* lá.

Sem responder, Aahbran se concentrou e colocou o *Bloqueio* em volta de todos os presentes. Jean sentiu sua garganta apertada, mas não teve escolha. Quando Aaminah o contatara, avisando que os Ocultos estavam ao encalço deles, perguntou o que ela iria fazer. E, somente pelo seu olhar, sabia que a mulher se sacrificaria para salvá-los. Ela sabia que o irmão não conseguiria agir racionalmente ao saber que ela morreria e por isso o contatou.

Naquele momento, porém, sentia-se o pior dos homens. Como deixara uma líder para trás, para morrer por eles? Sua *Intueri* não o condenava, mas sua consciência o faria pelo resto de sua vida.

Depois de algumas horas, a noite os alcançou e eles pararam para descansar.

Aahbran tirou o *Bloqueio* deles, indo deitar-se imediatamente. Sem sono, Jean ofereceu-se para ficar de vigia e sentou-se, olhando as estrelas como se elas pudessem responder às suas perguntas. Algum tempo depois, alguém se sentou ao seu lado.

Ao ver que era Aahbran, não falou nada. Não sabia o que dizer para ele. Fizera tudo o que Aaminah o mandara fazer, mas nunca soubera consolar ninguém.

— Perdoe-me pelo que eu fiz hoje. — ele declarou, finalmente, olhando-o diretamente nos olhos.

— Você *nom* fez nada, *Aahbrran*. — disse, incomodado, mas olhando os olhos azuis do homem, inchados pelo choro — É *perrfeitamente comprreensível* que se *alterre*.

— Não, Jean. Aaminah tinha razão em falar com você. Eu nunca permitiria que ela seguisse o destino dela. — ele suspirou profundamente — O que mais ela disse?

— Aquilo que eu lhe disse... Que você *nom*... — Jean deu um suspiro e colocou as mãos no rosto — *Perrdoe-me, Aahbrran!* Eu nunca pensei que deixá-la *serria* a coisa *errada*, mas *agorra*...

— Você está sendo sentimental, Jean. — murmurou ele, colocando a mão sobre seu ombro — Eu compreendi. Demorei um pouco, estou sofrendo, mas posso compreender.

Jean acenou, sem conseguir olhar para ele.

— Eu só queria saber o que se passava na cabeça dela. Éramos irmãos, estávamos

sempre juntos. Ainda assim ela mantinha muitos segredos.

Olhou para sua mochila, guardada ao lado de seu leito. Havia algo mais. Aaminah não dera nenhuma instrução sobre a carta ser um segredo, portanto foi até seus pertences e pegou um maço de papéis, amarrados com um barbante, e entregou a Aahbran.

— Ela deixou-me *instruído* a *entregar* isso *parra Celebrriant* Devoy. Ela *nom* disse nada se você podia ler, mas é o mínimo que posso *fazerr*. De *acorrdo* com ela, *serrá* algo que a *ajudarrá* com o Escolhido.

Aahbran pareceu pensar um pouco e segurou o maço de papéis com cuidado.

— Eu só *nom prretendo descumprir* a *prromessa* que fiz a ela. — murmurou, preocupado ao ver a paixão com que Aahbran olhava para aqueles papéis.

Ao perceber do que Jean falava, o homem sorriu.

— Eu devolverei a você. Só quero saber...

O homem levantou-se em um pulo e Jean percebeu que ele saíra dali antes que começasse a chorar. Sentindo-se novamente mal, Jean voltou para seu turno de vigia, querendo acordar daquele pesadelo o quanto antes, mesmo que ele fosse real.

## Capítulo 7 – A Base Tecnológica

Mesmo tendo um *Seeper* do seu lado e procurando os Rebeldes nos mais diversos lugares, Lune e os outros soldados não encontraram rastros deles. Rastreadores inúteis! Nunca achara útil um poder que sentisse o sangue derramado! Assim que voltasse, precisava ir até certo lugar e dar algumas ideias úteis para aqueles *Curares* melhorarem os *Seepers*.

Os que procuravam tinham desaparecido, assim como Nicholas descrevera sua derrota na Base Rebelde, há algum tempo. Sentindo-se furiosa, ela voltou ao campo onde deixara o corpo da mulher.

Os Ocultos que a acompanhavam pareciam nervosos com sua ira e ela não os culpou. Pelo contrário, liderou-os, mostrando que aquilo era só uma batalha perdida. A guerra ainda estava em andamento. Ivan se aproximou dela, seguindo-a de perto.

Pela descrição que Nicholas lhe passara, era aquela a mulher que ele vira na mente da menina que torturara na Base Rebelde segurando algo que parecia o Manuscrito. Depois que o marido lhe contara sobre aquilo, Lune resolveu pesquisar mais a fundo a respeito.

O Manuscrito Milenar, há muitos e muitos anos em poder dos Ocultos, era de difícil



interpretação, e ela não compreendera grande parte dele quando o leu. Porém, pôde perceber o básico: o poder do Escolhido, aquele que veio para trazer equilíbrio para o mundo, deveria ser desbloqueado. Ali deveria dizer alguma forma de como aquilo seria feito, mas Lune não compreendeu tudo. Compreendera apenas o essencial. E já sabia o que deveria fazer quando voltasse a Lander.

Enquanto olhava para aquela mulher, ficou imaginando se havia mais alguma parte da história que ela não sabia. Até porque a *Intueri* que roubara o Manuscrito e entregara para os Ocultos há muitos anos não podia ser confiável. Nenhum de seus descendentes deveria ser.

Lembrou-se de seus planos com Saori e pensou seriamente. Deu um sorriso e encarou o corpo sem vida da mulher Rebelde.

— É melhor vocês se afastarem. — falou para seus soldados, que obedeceram, e então ela grunhiu para o corpo sem vida — Inútil. — E pôs fogo no corpo da mulher, pulverizando-o em segundos. — Vamos! Temos muito que fazer antes de voltar.

\*\*\*

A viagem de volta foi mais longa do que a de ida.

Lune achou melhor parar nas capitais dos estados de Molokinu e Egort para fazer um pouco de política. Precisava muito do apoio daqueles estados. Sabia que deveria ter pelo menos mais duas Bases Rebeldes no seu mundo e precisava encontrá-las. Os superiores responsáveis pelos países ficaram muito contentes com sua visita, achando que ela viera até ali somente para vê-los. Com seu carisma, conseguira vários aliados e sempre fazia o possível para eles compreenderem isso.

Lune fez tudo o que uma boa política faz: percorreu as capitais e conversou com pessoas, orientando-as a respeito dos Rebeldes e como deveriam agir caso suspeitassem de alguém que poderia ser um ou saber onde eles se escondiam. Os representantes faziam o possível para agradá-la e ela era uma pessoa exemplar.

Desde que Nicholas fora oficializado como novo Imperador, ele não tivera tempo de fazer esse tipo de “visita”. Não que ele se inteirasse dessas coisas. Ser um Imperador foi algo imposto a ele e, graças à morte prematura de Eurico, não fora bem orientado. Obviamente, Lune se aproveitara daquilo. Já que seu plano tomava uma forma mais abrangente, não achou ruim melhorar sua popularidade nos países menos conhecidos.

Depois de quase um mês passando por várias cidades e vilas, Lune finalmente alcançou Lander ao anoitecer. Estava cansada e sentindo-se frustrada. Apesar de ter melhorado o lado político dos Ocultos, não havia conseguido destruir ninguém além de uma

Rebelde velha. Quando estava quase alcançando a casa, viu que vários cavalos se aproximavam dela e aguardou. Ceres estava à frente, parecendo irritada.

— Ceres! – exclamou assim que a prima parou ao seu lado – O que houve?

— Meu pai fugiu. – ela encarou a prima – Passamos esse tempo organizando tudo o que você queria, mas eu desconfiei dele e passei a observá-lo. Ele fugiu ontem, tentando levar Saori junto. Consegui resgatá-la. Ivan me avisou de sua chegada.

Lune encarou a prima, sem acreditar. Aquele maldito Ângelus! O que ele desejava, afinal?

— Vá atrás dele e o encontre. Quero-o vivo!

Ceres anuiu, saindo com seu cavalo e fazendo com que os outros Ocultos a seguissem. Respirando fundo, voltou os olhos para a mansão dos Moringan. O que mais deveria esperar?

Assim que chegou em casa, foi recebida por Saori, que ainda estava tremendo e preocupada. Não parecia que a menina recuperara a memória, o que era um bom presságio. Talvez ela nunca recuperasse. Acalmou-a, garantindo que estaria a salvo ali, e foi até o escritório de Nicholas para encontrá-lo. Mas havia alguém lá que não era ele.

Era a General Dale, a chefe das tropas do Oculto, responsável por todas elas quando o Imperador estava ocupado ou não podendo exercer essa função, juntamente com os dois

seguranças do seu marido.

— Senhora Moringan! – ela murmurou, levantando-se prontamente para recebê-la – Não esperávamos a senhora hoje!

— Sem problemas, Dale. Então voltaram? Não encontraram os Rebeldes?

— Não, senhora. – ela resmungou, infeliz – Os que foram feitos prisioneiros foram interrogados, mas o Imperador pediu que fossem eliminados. A maioria eram velhos e crianças, sem condições de uma viagem longa até aqui.

— É claro. – concordou, solidária.

— A senhora deveria descansar. Fez uma longa viagem.

— Não se preocupe. – sentou-se em uma das poltronas, pedindo que a mulher fizesse o mesmo – Tenho algumas perguntas a você.

— Para mim?

— Sim. Você tem alguma ideia a respeito de onde as outras Bases estão, não tem, Naiara?

— Sim, senhora. – a mulher anuiu, parecendo desconfortável.

— Preciso de sua ajuda. Quero encontrá-los e destruí-los.

Naiara encarou-a com um olhar que conhecia bem: satisfação. Ela estava sendo reconhecida por alguém. Nicholas era um completo tapado ao não perceber a capacidade de

sua General e não usar isso em seu benefício.

— Claro, senhora. Estou à sua disposição.

— Muito bem. Iremos nos encontrar mais vezes, então. — sorriu e olhou em volta —

Onde está o Imperador?

— Ele deve estar em seus aposentos, senhora. Pedi que esperássemos aqui.

Lune fez um aceno com a cabeça, pensativa.

— Vou pedir que ele desça. Preciso passar as informações que recolhi.

— Sim, senhora.

Apenas acenando novamente, Lune subiu as escadas em direção ao seu quarto.

Apesar de não ter sido uma missão completamente bem-sucedida, precisava repassar as informações para Nicholas. Abriu a porta do quarto e não encontrou ninguém. Pensando alguns minutos, não demorou a perceber onde o marido realmente estava.

Largou seus pertences em cima da cama e subiu para o terceiro andar. A tapeçaria ainda estava ali, e atrás dela, uma parede. Ficou algum tempo olhando para aquilo com agonia. Ele estava ali dentro, tinha certeza. Mas o que havia ali?

Seu coração saltou no peito quando percebeu que a parede começou a se mexer. Escondeu-se nos fundos do corredor, de uma forma que não fosse vista à primeira olhada. Sentindo seu corpo inteiro tremer com a ansiedade, olhou para a tapeçaria. Nicholas mexia

na parede, como se a fechasse, e então guardou algo no topo da tapeçaria.

Sem nem olhar para trás, o marido caminhou apressadamente, saindo do terceiro andar pelas escadas. Lune esperou mais alguns minutos, temendo que o homem voltasse, mas não apareceu mais. Sentindo-se com sorte, achou que aquele seria o momento perfeito para ver por que ele tanto se enfiava naquele lugar.

Com a ajuda de um sofá dali – ela não era tão alta quanto Nicholas –, pegou rapidamente a chave no topo da tapeçaria e a puxou para o lado. Não notara nenhuma fechadura, mas deveria estar em algum lugar. Vira Nicholas mexendo no lado superior esquerdo, e aproximando mais o sofá, conseguiu achar: bem no topo, escondido pelas sombras, estava o buraco pequeno da fechadura. Colocou a chave e a girou, fazendo com que a parede se soltasse e abrisse.

Não era uma parede, em primeiro lugar. Era uma porta, trabalhada para ficar do tamanho exato da entrada. Agora que via onde era a porta, conseguia distinguir seus contornos sutis, que passariam despercebidos a uma primeira olhada.

Com a curiosidade lhe martelando o peito, entrou no aposento e fechou a porta atrás de si.

Escuridão. O local não tinha janelas.

Com raiva, procurou o interruptor e só encontrou uma tocha no lugar dele. Usando

seu *Kassan* naquele suporte, iluminou o círculo em volta de si e pegou a tocha na mão.

O lugar não era grande. Parecia ter sido construído ali depois da mansão pronta e não era algo para ser confortável. As paredes de pedra deixavam o lugar absolutamente gelado. Caminhou lentamente, quando percebeu que havia quadros nas paredes. Uma cama, no centro de tudo. Atrás da cama, um guarda-roupa, cheio de coisas pequenas que não conseguia visualizar naquela iluminação.

Aproximou-se dos quadros, curiosa, e piscou algumas vezes para compreender de quem eles eram. Os traços não lhe eram estranhos. Sempre vira Nicholas desenhar rapidamente, quando mostrava mapas e localizações para batalhas, mas nunca imaginara que ele fosse capaz daquilo. Mais curiosa do que nunca, aproximou-se da cama e quase derrubou a tocha com o susto que levou. Por um instante achou que havia alguém deitado ali. Mas não era alguém, era um vestido branco, arrumado na cama como se estivesse esperando alguém. Ela sabia a quem aquilo pertencia e seu choque só aumentou quando viu o que estava dentro do guarda-roupa. Milhares de roupas, pedaços de cabelo e uma mochila ensanguentada. Aquilo era...

Ao olhar para a outra parede, um quadro em tamanho real de uma mulher usando aquele vestido a fez ter certeza do que se tratava.

— Céus... Isso é um mausoléu! — murmurou, em choque.

Era um mausoléu... Um mausoléu de Celebriant.

\*\*\*

*Duas semanas depois.*

Celebriant não queria desligar sua mente e apagar, mas seus olhos se fecharam antes que pudesse protestar. Estava exausta. A procura por Saori era intensa e sem resultados. Desde que se separaram, tentava encontrar algum rastro da irmã, e não encontrava. Estavam novamente em Egort, depois de quase um ano e meio, para tentar chegar à Base Tecnológica.

Depois que a irmã sumiu misteriosamente, Celebriant, Meehiel e Ário passaram por várias vilas e capitais à procura da menina. Mas quem quer que tivesse pegado Saori estava muito bem escondido. Passaram pelos dois países inteiros, Selene e Tresur, na esperança de encontrar a garota, tudo em vão.

Apesar de tudo, Celebriant conheceu todos os estados desses dois países, indo por Molokinu, Cliop e Jhane, sempre tentando informações de uma forma que não fossem reconhecidos como Rebeldes. Em Tantyó, a capital de Jhane, tiveram alguns problemas com o representante de lá, mas conseguiram sair antes de qualquer intervenção.



Logo após isso, passaram na Base Guerreira, onde Meehiel chefiava. A entrada da Base ficava perto do mar, o que a fez ficar abismada e chocada com a imensidão azul que via. Já ouvira falar nos mares, mas nada poderia prepará-la para tamanha beleza.

A Base Guerreira era em uma clareira no meio do início das Montanhas Vermelhas, bem abaixo de um vulcão que, de acordo com Meehiel, entrava em erupção uma vez ou outra.

Apesar de quererem aproveitar a estadia, Celebriant e Ário resolveram que deveriam partir o quanto antes e voltar até perto do local onde Saori sumiu, para continuarem com as buscas. Meehiel ficou meio preocupado em deixá-los sozinhos. Mesmo com Celebriant insistindo para que os deixasse partir, o homem se juntou a eles novamente, sem nem se informar como estava sua Base. De acordo com ele, confiava plenamente na pessoa que deixara no comando.

A próxima parada em que efetivamente ficaram um tempo foi em um lugar chamado Ruínas. Celebriant nunca havia ouvido falar daquilo, e Meehiel tentou explicar um pouco da história de lá.

Ao que parecia, há milhares de anos o Divino, que Aaminah lhe falara há tanto tempo, era representado por Divindades, que moravam em um templo naquele lugar, em suas formas humanas.

A lenda dizia que no mundo existiam pessoas sem poderes, mas as Divindades, com autorização do Divino, agraciaram alguns merecedores com poderes. Indignados, os que não foram contemplados entraram no templo e exigiram ter poderes também. Quando foram negados, eles roubaram os poderes para si e destruíram o templo, matando as Divindades. Com o passar do tempo e a evolução, não existiam mais pessoas sem poderes. Depois, veio a época em que a *Intueri* recebeu os Manuscritos. Pelo menos era isso que Meehiel sabia.

O local onde Ruínas ficava era extenso, repleto de grandes blocos de pedra e areia que se misturava com os sedimentos do tempo. Ainda era possível ver algumas formações onde antes ficava o templo, mas nada que pudesse fazer Celebriant imaginar as dimensões que aquilo já tivera. Percebeu que havia flores depositadas entre algumas pedras. Eram de várias cores, amarradas com fitilhos coloridos, depositadas ali como se fossem uma oferenda.

— O que são essas flores? — perguntou a Meehiel, ao vê-las ali.

— São para as Divindades. — assim que ouviu a voz feminina, virou-se, assustada.

Era uma mulher que estava perto dela, e não seus companheiros de viagem.

Meehiel e Ário pareciam absortos em uma conversa, um pouco distantes dela, e Celebriant encarou a estranha novamente. Não ouvira sua chegada.

Ela vestia uma túnica branca, os cabelos eram acinzentados e os olhos, violetas.

Chegou a travar ao vê-la. Porém, sua *Intueri* não lhe alertou perigo, então somente olhou-a, curiosa.

— Apesar de estarem há anos esquecidas, as Divindades ainda recebem flores...

A mulher parecia encarar aquilo com carinho e saudosismo, e Celebriant não poderia ter ficado mais desconfiada.

— Desculpe-me... Mas quem é você?

— Meu nome é Maia. – a mulher a fitou com seus profundos olhos violetas – Você olhava as flores e resolvi vir contar algumas coisas... Se lhe interessar ouvi-las.

Sua *Intueri* saltou no peito: precisava e deveria ouvir.

— Ah, claro. Por favor.

— As Divindades eram pessoas como você, com poderes. – a mulher apontou para um lado, indicando que deveriam caminhar – Em um mundo onde ninguém tinha poderes, elas eram reverenciadas como deuses. Não por serem superiores, mas por terem essa benção em forma de poderes. E, além desses poderes, elas tinham ainda a capacidade de passar seus próprios poderes adiante. Poucos eram escolhidos para tal função...

— Então havia realmente pessoas sem poderes? Como o Escolhido?

— O Escolhido não é uma pessoa sem poderes. Ele é alguém com o poder retido, de forma a ser libertado...

Teve a impressão de que ela olhou para trás, onde Ário estava quando falou aquilo, mas antes que pudesse ter certeza, a mulher sorriu e apontou para o outro lado.

— Venha, quero lhe mostrar algo.

Completamente perdida, Celebriant a seguiu.

O cenário pedregoso continuava igual aonde iam, mas a mulher caminhava com serenidade, como se soubesse exatamente aonde estava indo. Celebriant chegou a olhar para trás para ver se Meehiel e Ário a seguiam, mas estava sozinha.

— Siga-me. – ela apontou para um buraco no chão.

Celebriant encarou-a com ironia e a mulher riu.

— Você é uma pessoa cética para quem tem *Intueri*.

— Eu... Como sabe?

— Eu sei de muitas coisas, Celebriant. – a estranha sorriu – Siga sua *Intueri* e deixe essa desconfiança de lado. Está entre amigos aqui.

Sua *Intueri* pulsou, concordando com o que ouvira. Sem compreender muito bem, a seguiu.

Havia uma escada ali naquele buraco, íngreme e levemente destruída, mas firme o suficiente para segurar as duas descendo. Tentou analisar a situação: estava adentrando em um buraco, sem iluminação, com uma pessoa desconhecida em um lugar desconhecido. Seu

*Kassan* começou a se remexer por seu incômodo, e a mulher à sua frente parou e virou-se para encará-la.

— Vejo que sua dualidade de poderes a deixa confusa. Mesmo assim, você seguiu seu destino até aqui. — ela parecia ter luz própria ali embaixo — Sua desconfiança é algo bom, *Celebriant*. Mas, nesse momento, abra sua *Intueri* e veja o que sua visão humana não lhe permite ver.

Fechou os olhos e seu poder pareceu se expandir. Então a mulher suspirou e *Celebriant* abriu-os. O corredor onde terminava a escadaria se iluminou. Não era uma luz de tochas, mas algo como uma luz tênue e fantasmagórica. Não esperou a mulher e seguiu em frente, contemplando as paredes com admiração, sentindo-se extremamente atraída por elas.

Havia figuras pintadas nas paredes. Em cada uma delas, *Celebriant* reconhecia um poder, associado à pintura de uma pessoa. E então viu a que continha o poder de *Intueri* e voltou-se para a mulher ao seu lado com um pouco de receio.

— Veja, *Celebriant*. Isso é algo que ninguém nunca mais viu desde que esse templo foi destruído.

— É você? — murmurou, ainda olhando da figura para a mulher.

— Sim. Era nesse corpo que a Divindade com *Intueri* estava quando foi morta há muitos e muitos anos.

— Então você está morta? Como está aqui?

— Sou uma projeção. Um espectro do que fui. Reuni energia suficiente para me expor e conversar com você, mas não tenho muito tempo. – ela aproximou-se da pintura de um homem, que tinha um poder que nunca vira antes, mas não conseguia ler naquela iluminação – Há muito que descobrir. Você é uma assessora, alguém destinada a ajudar o Escolhido. Quando chegar a hora, lembre-se de que o Escolhido não supera nada sozinho: sem seus assessores, ele morre. Você e o outro assessor são as chaves para o poder dele... E para a sua vida.

A mão da mulher aproximou-se da sua. Mas passou por ela, como a projeção que era.

— Acredite na sua *Intueri*. Como guardiã e Divindade desse poder, eu ajudarei a guiá-la. Você só precisa se libertar de suas desconfianças. Hoje à noite haverá um ritual às Divindades neste lugar. Preciso que você esteja nele.

Celebriant sentiu aquilo preencher seu interior de forma como nunca sentira antes: tinha um propósito.

— Agora preciso que você suba, pois não conseguirei aguentar muito tempo mais.

Sem compreender, Celebriant voltou pelo corredor, passando por todos aqueles poderes representados nas paredes, e subiu as escadas. Ao chegar à superfície novamente,

parou e procurou a mulher, mas ela havia desaparecido. Ao olhar para o buraco no chão, surpreendeu-se: era apenas o solo e pedras amontoadas. Aquilo havia desmoronado há muito tempo.

\*\*\*

Meehiel e Ário pareciam não ter notado sua ausência. Ao aproximar-se dos dois, percebeu que eles estavam se alimentando e juntou-se a eles.

Celebriant estava um pouco chocada com tudo o que vira, mas lembrou-se do que Maia dissera: precisava ficar ali até a noite.

— Eu ouvi alguém falando sobre um ritual esta noite. Sabe do que se trata, Meehiel?

— Sim, ouvi sobre isso também. Parece que pelo menos uma vez por mês eles fazem um ritual de agradecimento para as Divindades. Eles acreditam que isso mantém o Divino olhando por eles.

— Eles quem? – perguntou Ário, curioso.

— Os moradores dessa vila ao lado.

— Mas isso é permitido? Eu nunca havia ouvido falar disso antes! – Celebriant comentou, chocada.

— Ao que parece, os Ocultos não conseguem entrar em Ruínas sem se perderem.

Essa vila está bem protegida, e dizem que é por conta desses rituais que eles fazem.

Celebriant ficou pensativa, e Meehiel encarou-a.

— Você quer ficar?

— Sim, eu quero. Vocês querem? – ela olhou especificamente para Ário ao devolver a pergunta.

— Sim. – Ário respondeu, distante.

— Tudo bem com você, Ário?

— Sim. – ele encarou-a e sorriu – Só me sinto um pouco estranho aqui.

Sem dar maiores explicações, Ário levantou-se, dizendo que descansaria um pouco, e Meehiel sugeriu que Celebriant fizesse o mesmo.

Quando anoiteceu, Meehiel chamou-os para segui-lo. Havia uma fogueira feita a alguma distância deles, e as vozes que vinham de lá cantavam. A língua parecia ser a mesma que a deles, mas soava antiga e diferente.

Ao redor da fogueira, mulheres com vestidos brancos dançavam e rodopiavam, fazendo suas saias esvoaçarem. Os homens tocavam instrumentos diferentes dos que já vira, fazendo a música ficar emocionante. Quando percebeu, batia palmas e dançava com eles. Além da dança, eles depositavam flores e frutas em um local de oferendas e outros



pareciam meditar. Não havia ninguém com o poder de *Intueri* ali além dela e de Meehiel, pelo que conseguira perceber. Ário e Meehiel pareciam se divertir também.

Quando finalmente cansou, sentou-se encostada a uma parede das ruínas e percebeu que havia um senhor de cabelos acinzentados ao seu lado, com olhos tão azuis, que brilhavam naquele local.

— Me desculpe, não vi que o senhor estava aí.

— Não precisa se desculpar. Sou somente um velho observando a cantoria. Vi você dançando, já cansou?

Celebriant anuiu, massageando as pernas.

— Não estou acostumada a isso.

— Aqui tem sempre festas assim. Sinto-me revigorado toda vez que venho a uma delas.

Ele pareceu se perder em pensamentos e voltou-se para o movimento em volta da fogueira. E então Celebriant compreendeu e sentiu-se tremer: aquele senhor parecia com a pintura do poder *Imperi* e... O homem subitamente a encarou, dando um sorriso.

— Menina *Intueri* esperta! – ele confirmou as suspeitas dela – Não vemos muitos *Intueris* por aqui e temos uma tendência especial a nos mostrar para eles, já que são os únicos que podem nos ver.

Ela suspirou, resignada.

— Você é um fantasma também?

— É claro que não. Sou algo como uma energia remanescente... Você não entenderia esse tipo de explicação. Então eu digo, para seus parâmetros, eu sou um fantasma.

Enquanto ela ainda o encarava abobada, ele sorriu e apontou para o seu lado direito, longe do ritual que acontecia.

— Celebriant, tem algo lhe esperando para aquele lado.

E, antes que ela pudesse falar algo mais, o homem esvaeceu em uma névoa fina.

Sem demora, levantou-se e avisou a Meehiel que precisava verificar algo.

Caminhou lentamente, observando tudo. O que poderia ter ali? Foi quando encontrou um homem correndo pelo lugar, parecendo procurar algo. Ela o observou por um momento e então os olhos dele a encontraram. Sua primeira reação foi se colocar pronta para a luta. Mas ele apenas levantou os braços, mostrando que não era quem ela imaginava.

— Ângelus? – murmurou, incrédula.

— Finalmente a encontrei!

O irmão mais novo de Antony Devoy parecia acabado. Tinha olheiras profundas e parecia faminto. A última vez que o vira fora há muitos anos, quando ele finalmente entregou Ceres para morar na casa dos Devoy, um mês antes de Celebriant fugir.

— Estava me procurando? Como sabia que eu estava aqui?

— Não há tempo para explicações! – ele deu um passo para frente e Celebriant se afastou, desconfiada – Preciso lhe contar tudo o que descobri!

Sem compreender, Celebriant apenas o encarou, fazendo sua *Intueri* funcionar e comprovar que poderia confiar nele. Entretanto, Meehiel e Ário se aproximaram e tudo aconteceu muito rápido. Pressentiu uma aproximação de pessoas a cavalo e Ângelus correu para ela. Meehiel preparou-se para lutar, e Celebriant encontrou alguém que não via há muito tempo.

— Ceres. – murmurou para a prima, assim que chegou à sua frente.

Ela estava mais magra – se aquilo era possível – e com a mesma cara enojada que fez Celebriant usar pela primeira vez o seu *Kassan*.

A prima continuou no cavalo e seus acompanhantes desceram nada amistosos. Todos eram Ocultos. Ceres olhou para o pai, que estava ao seu lado, parecendo muito nervoso.

— Olá, priminha. – Ceres sorriu, apontando para o tio – Perdeu seu pai e agora quer o meu?

A forma como ela a contemplou, deixando claro que não era uma surpresa vê-la com vida, fez com que sentisse um arrepio na espinha. Se Ceres sabia disso, Lune também deveria saber. O silêncio preencheu o local e Ceres olhou novamente para ela, séria.

— O que quer, Ceres?

— Não é óbvio? – ela deu um sorriso ácido, apontando o tio – Ele. É só entregá-lo, que você poderá continuar sua fuga com os Rebeldes. Não estou interessada nisso.

Celebriant riu. Não importava em qual lado seu tio estava: se Ceres estava atrás dele, iria protegê-lo.

— Claro. – resmungou, pronunciando seu *Kassan* nos braços – Pode vir buscá-lo.

Ceres grunhiu e desapareceu, juntamente com seu cavalo. Conhecendo bem o poder da prima, Celebriant agarrou o tio e o empurrou para Meehiel, que rapidamente o segurou.

— Corram! – gritou, já virando-se para os outros dois Ocultos que vinham em sua direção, atacando-os com cobras de fogo.

Os Ocultos conseguiram desviar e Celebriant sentiu com sua *Intueri* onde Ceres estava. Seu *Kassan* tomou forma e jogou uma espiral de fogo no cavalo da prima, que caiu junto com sua acompanhante, fazendo-a aparecer. Os outros dois Ocultos aproveitaram a sua distração e avançaram em Meehiel, que correu com eles para dentro das ruínas.

Ceres levantou-se do chão, irada. Seus olhos faiscavam ao encarar a prima com ódio.

— Não vai me impedir de capturá-lo!

— E por que ele está aqui comigo, senão para fugir de você?

— Nada que lhe interesse. Agora vamos conversar, você e eu.

A prima pulou para o lado, desaparecendo. Com sua *Intueri*, conseguiu não perdê-la e atacou-a com um golpe de ar. Ceres caiu no chão, com seu *Bloqueio* neutralizado. Apesar da queda, recuperou-o rapidamente e voltou a sumir, reaparecendo atrás dela. Celebriant conseguiu bloquear a espada da prima por segundos, tempo suficiente para que ela tivesse a chance de correr para o lado em que os Ocultos seguiram Meehiel.

Celebriant apressou-se em segui-la, tentando pará-la com ataques, mas a prima estava mais rápida e evasiva. Quando viu ao longe Meehiel, Ário e Ângelus lutando contra os Ocultos, Ceres pareceu criar novo ânimo e desapareceu.

Correndo o máximo que pôde, Celebriant a buscou com sua *Intueri* até encontrá-la: ela estava muito próxima, segurando uma coisa de metal nas mãos, e aquilo atirou algo como um projétil nela. Por pouco, conseguiu se desviar. Ao reparar melhor, percebeu que aquilo que Ceres segurava era como uma máquina, mas se encaixava nas mãos dela e tinha um buraco pequeno na frente. Aquilo só podia ser uma arma para ferir quando acionasse. Nunca havia visto algo parecido.

A Oculta sorriu e foi quando Celebriant percebeu que a arma estava apontada para além dela. Virou-se para trás, assustada, e viu que só havia duas pessoas ainda em pé: alguém fora ferido.

— Você está me atrasando.

Ela apontou para Celebriant, que com um movimento rápido levantou-se. Então o chão tremeu. Ceres caiu no mesmo instante no chão, e ela sentiu-se ser levantada.

— Meehiel? – sussurrou, sem compreender.

— Vamos, antes que ela levante! Precisamos nos esconder!

Assentiu, e ele colocou-a no chão, fazendo com que corressem para dentro das ruínas.

Não compreendia muito bem como iriam se esconder ali, mas Meehiel parecia convicto. Puxou-a para trás de uma parede semidestruída, onde Ário estava sentado com Ângelus no colo, aparentemente desmaiado. Os dois agacharam-se e Meehiel pôs o dedo na boca, em sinal de silêncio. Celebriant ficou ali, parada, sentindo seu coração arder. Não era seguro! Ceres os encontraria em.. E então ela viu, com sua *Intueri*: quatro seres de luz estavam na frente deles, protegendo-os. Entre eles, viu Maia e o senhor *Imperi*.

A prima apareceu. Com aquela arma na mão, procurando em volta e parecendo muito irritada. Apesar de tudo, ela passou os olhos por eles, sem vê-los, e continuou seu caminho, parecendo cada vez mais irritada. Celebriant esperou que ela se afastasse e olhou para Meehiel, assustada. Ele fez um sinal para que aguardasse mais um pouco, e quando Ceres finalmente saiu, Meehiel relaxou.

— O que isso significa?

— Divindades. – Meehiel apontou em volta – Estamos onde um dia foi o templo delas. Elas nos protegeram, como protegeram muitos dos nossos desde tempos antigos.

— Como sabia disso? – sussurrou, chocada.

— Eu não sabia... – suspirou Meehiel – Eu ouvi alguém me falando o que fazer e eu fiz. E deu certo.

Celebriant ainda estava chocada, quando olhou para o lado e viu o que parecia ser olhos violetas dando uma piscadela. Maia! E então atentou para seu tio desmaiado. Colocou dois dedos no pescoço dele e sentiu sua pulsação. Ainda respirava, apesar do descompasso. Como poderia estar ferido a ponto de não levantar e ainda assim ter todos os batimentos normais? Olhou para Meehiel e Ário, preocupada.

— O que aconteceu?

— Aquela menina que desapareceu disparou algo nele. – Ário apontou para o pescoço do tio, onde um buraco pequeno mostrava que algo causara aquele estrago – E ele desmaiou na hora.

Celebriant lembrou-se da arma que a prima carregava e balançou a cabeça, irritada.

— A Base mais próxima daqui é a Tecnológica, certo? – perguntou para Meehiel.

— Sim, fica a dois dias de viagem.

— Então vamos para lá. Talvez algum *Curare* possa nos ajudar.

— E Saori? – perguntou Ário, encarando-a com preocupação.

— Estamos viajando há muito tempo sem sinal dela. Não adianta forçar. Se ela estiver viva, iremos encontrá-la. Agora preciso acordá-lo. Ele tem algo importante para me dizer. Algo que os Ocultos não querem que ele diga.

Meehiel assentiu e Ário também, levantando-se para pegar os cavalos escondidos não muito longe dali.

Sozinha, Celebriant olhou para o tio e lembrou-se do que ele lhe dissera quando o encontrou. O que ele precisava contar para ela? E por que ele correria esse risco? Não era um Oculto também? Ele não tinha como respondê-la naquele momento, mas ela faria todas essas perguntas assim que ele acordasse.

\*\*\*

Dois dias após o reencontro com a prima, Celebriant, Meehiel e Ário pararam para descansar. Ângelus ainda estava desacordado, e ela colocou-o confortavelmente no leito. Observou o buraco onde o projétil entrara: era como se fosse uma cicatriz. Não havia sangrado desde que saíram de Ruínas e pelo que percebera sua pulsação e respiração



estavam normais. Não conseguia entender que tipo de coma era aquele, mas tentou mesmo assim alimentar o tio com comida bem amassada e colocando um pouco de água na mistura. Ele não engoliu, e com medo de machucá-lo, passou a dar apenas água.

Enquanto Ário fazia o fogo para esquentar algo para comer, Celebriant ficou encostada em uma árvore, relembrando tudo o que passara naquele templo.

As Divindades apareceram para ela e inclusive lhe mostraram um painel de poderes... Não conseguia entender por que eles queriam que visse aquilo, afinal já não sabia quais poderes existiam no mundo? Porém, aquela mulher, Maia, não gastaria energia com ela se não fosse tão importante.

Passou a mão pelo pescoço, sentindo o colar que Seanna fizera para ela e Saori há tanto tempo, sentindo-se devastada. A irmã poderia estar em qualquer lugar, viva ou morta, e se deu conta de que não conseguiria encontrá-la da forma como vinham fazendo até agora. Teria que esperar alguma notícia para isso.

Seu tio continuava naquele estado, sem nenhuma alteração visível. Sua preocupação com isso era enorme: o que Ceres havia atirado nele? O que era aquilo que ela segurava?

De repente, começou a sentir uma dormência. E então algo a sugou repentinamente. Seu corpo pareceu desaparecer e ser transportado para outro lugar. Quando pareceu acordar, viu Aaminah, sentada ao lado dela.

Seus olhos estavam um pouco acinzentados, algo não muito comum. Sem compreender, aproximou-se dela e recebeu um sorriso cansado:

— Minha querida Celebriant.

— Aaminah? – perguntou, ainda sem entender o que estava acontecendo.

O lugar era cinza, calmo, e pessoas caminhavam silenciosamente em uma fila interminável. Incrivelmente, aquilo lhe parecia conhecido. Aaminah a olhava com doçura e tranquilidade.

— Estou aqui para me despedir de você. – a voz dela saiu suave, quase sussurrante.

— **Quê?** – gritou, sem se controlar – Como assim?

— Eu estou partindo. Meu tempo acabou. – ela indicou a fila, mostrando para onde iria – Mas sei para onde sua irmã foi.

— Saori? – ao ver o olhar de Aaminah, se controlou e perguntou – Onde ela está?

— Sua irmã, Lune, levou-a para Lander, para a casa dos Moringan.

— **Não!** – gritou, novamente sem conseguir se conter.

Tudo o que fizera para resgatá-la daquela casa maldita fora em vão. Como Lune a encontrara?

Ao ver a confusão e raiva brotarem dela, Aaminah segurou suas mãos e só então se lembrou do que a mulher dissera.

— Como assim, você está partindo?

— Não posso me prolongar, Celebriant. Deixei algo para você com Jean e deve encontrá-lo na Base Tecnológica. Lá estarão a salvo e poderão descobrir como salvar sua irmã.

— Aaminah... Do que está falando?

Ela levantou-se, ainda sorrindo, e apontou para a fila.

— Meu destino se cumpriu. Agora cumpra o seu. Ouça sua *Intueri* e não tenha medo...

A Anciã caminhou lentamente para a fila, e quando Celebriant se levantou para impedi-la, Aaminah sumiu como se fosse feita de ar. Porém, antes que pudesse falar qualquer coisa, abriu os olhos e encarou um céu estrelado. Ao seu lado, Meehiel e Ário a observavam com cuidado. Ela provavelmente chamara atenção e não fora de uma forma apropriada.

Mas ao se deparar com Meehiel, sentiu seu peito arder de forma inexplicável. Aaminah estava morta e Saori estava com Lune na casa dos Moringan. Como aquilo era possível? Como tudo chegara àquele ponto? Olhou para onde seu tio estava desmaiado. Seria isso que ele precisava contar com tanta urgência?

— Celebriant, está tudo bem? – a voz de Meehiel chegou até seus ouvidos e o

homem se aproximou, percebendo o que se passava nela.

— Aaminah... – engoliu em seco – Aaminah está morta.

Sentindo que choraria em instantes, respirou fundo e encarou o céu, fazendo o possível para não olhar para os dois presentes.

— Ela me avisou. – sua voz saiu rouca, na tentativa de segurar o choro – E também disse que achou onde Saori está.

— Onde? – Ário perguntou, esperançoso.

— Na casa dos Moringan, em Lander.

— Eles a capturaram? Os Ocultos a encontraram? – ele grunhiu, em choque.

— Sim.

O menino levantou-se, como um furacão. Apesar de sua própria confusão de sentimentos, percebia agora o quanto aquela notícia o afetara. Meehiel sentou-se ao seu lado, parecendo confuso também.

— O que faremos agora?

— Aaminah pediu que seguissemos para a Base Tecnológica, como estávamos planejando. Diz que encontraremos Vandreisen lá e podemos ver algum plano para salvá-la. – colocou as mãos no rosto, segurando suas lágrimas com tanta força, que deveria estar fazendo uma careta terrível.

Meehiel olhou de Celebriant para Ário e levantou-se, decidido.

— A Base fica a um dia de viagem daqui. Se nos apressarmos, chegaremos antes do anoitecer de amanhã.

Celebriant concordou com a cabeça e viu Ário puxar seu cavalo pelos arreios, mantendo uma expressão firme. Quando seus olhos se encontraram, ele se aproximou dela, estendendo a mão para ajudá-la a se levantar.

— Vamos resgatá-la, Celebriant. Eu prometo.

E sem dizer mais nada, subiram em seus cavalos, colocando Ângelus com Meehiel, e seguiram em direção à Base Tecnológica.

\*\*\*

A viagem foi curta e sem nenhum problema. Quanto mais se aproximavam das Montanhas Vermelhas, mais gelado e seco o tempo ficava, deixando Celebriant ainda mais taciturna. A morte de Aaminah não era algo que afetava somente a ela. Deveria ter afetado todos os Rebeldes. A Anciã era um dos pilares de tudo e não gostava de imaginar aquele mundo sem ela.

Assim que alcançaram a base da montanha, Meehiel parou, pedindo que Celebriant

levasse seu tio com ela. Logo que o ferido estava acomodado na frente da sua montaria, o homem começou a observar tudo atentamente. Ário e Celebriant ficaram atrás dele, sem compreender aquela forma de agir. Então ele deu um suspiro de alívio e voltou a caminhar.

— Faz muito tempo que eu vim aqui. — contou, levando o cavalo para as montanhas — Achei que tivessem mudado a entrada.

— A entrada? — perguntou Ário, incrédulo.

Não havia nada ali que sequer lembrasse uma entrada. Tudo era pedra. Celebriant forçou os olhos, mas nada encontrou.

— Esperem e verão.

Meehiel chegou à parede de pedra e virou-se para a esquerda, desaparecendo. Ário encarou Celebriant, confuso, e ela se aproximou do local onde o homem desaparecera. Para sua surpresa, ele não havia desaparecido. A montanha se abria em uma pequena abertura, com espaço suficiente para apenas um cavalo, e o caminho seguia adentro, como uma gruta.

— Uau. — a voz de Ário ecoou — Isso é muito legal.

— Vamos andando. A noite está chegando e logo não enxergaremos nada.

Caminhando lentamente atrás de Meehiel, Celebriant foi engolfada pela escuridão. A única iluminação provinha da entrada e desaparecia rapidamente enquanto avançavam. Engolindo em seco, olhou para frente, segurando as rédeas do cavalo e seu tio desacordado.

— Meehiel, não acha melhor acendermos uma tocha?

— Não é uma boa ideia. Aqui tem morcegos.

— Morcegos? – a voz de Ário pareceu chocada.

— Estamos quase lá. – murmurou Meehiel, parecendo risonho.

Celebriant respirou fundo quando a gruta fez uma curva, abrindo para dois caminhos distintos. Meehiel continuou seguindo pelo caminho da esquerda, avisando-os para fazer o mesmo. Quanto mais adentravam na gruta, a escuridão se tornava mais densa, e, naquele momento, ela só conseguia saber por onde ia porque ouvia o barulho de cascos que andavam à sua frente.

Subitamente, Meehiel parou, fazendo com que Celebriant quase batesse nele. Ário quase caiu do seu cavalo quando este parou abruptamente.

— Tudo bem aí atrás? – a voz de Meehiel ribombou na gruta.

— Tudo certo. Ainda vivos. – murmurou Ário – Chegamos?

Ouviram os passos de Meehiel, que parecia ter descido do cavalo. Por alguns instantes puderam ouvi-lo batendo no que soava como pedra. Provavelmente chegaram a um obstáculo. Ele parecia procurar por algo, até que uma iluminação os atingiu e ela pôde ver que o que os impedia de continuar tinha se movido, dando lugar a uma clareira no meio das Montanhas.

— Nossa! – Ário exclamou, assim que saíram para a clareira e Meehiel fechou a passagem – Isso é demais!

— Uma passagem? Como isso é possível? – Celebriant murmurou, pasma com o que via.

— Os Tecnólogos têm muitos anos de estudo nesse tipo de técnicas. Não são coisas de outro mundo. São pequenas alavancas que empurram a pedra, abrindo-a como uma porta. No fim, são mais simples do que parecem. – ele puxou seu cavalo até outra gruta fechada, onde já havia outros cavalos, e amarrou os arreios dele ali – Deixaremos eles aqui, por enquanto.

Celebriant e Ário fizeram o mesmo enquanto Meehiel pegava Ângelus no colo. Apesar de estar um pouco frio, os bichinhos pareceram agradecidos por poderem descansar. Meehiel chamou-os para fora, levando-os até o fundo da clareira. Lá, ele apoiou o ferido na parede e procurou novamente em algumas pedras, até que encontrou uma pequena alavanca e a acionou. O barulho de algo se abrindo fez com que olhasse para trás e o susto quase a fez cair.

Uma rampa se abriu no chão, dando para o interior da terra. Celebriant olhou para Meehiel, que apenas sorriu, orgulhoso.

— Ainda estou bom nisso. Agora, vamos entrando. Ainda temos um longo caminho



até chegarmos mesmo à Base. – disse ele, pegando novamente Ângelus e adentrando na rampa.

— Pelo menos aqui não tem morcegos. – sussurrou Ário, dando um sorriso.

Depois de Meehiel fechar a rampa acionando outra alavanca pelo lado de dentro, Celebriant viu-se em uma escadaria que parecia interminável. A iluminação era elétrica e podia-se notar que ia muito longe. Mesmo sentindo-se completamente exausta, pôs-se a caminhar pelo longo caminho.

Em meio ao silêncio entre eles, Celebriant suspirou. Mal podia esperar pelo momento de descansar. Desde que tivera a visão com Aaminah não conseguira dormir e ficar acordada era um tormento ainda maior. A cada minuto ficava imaginando como sua irmã estava, se Lune a estava torturando para ter informações a respeito da Base ou, o que seria pior ainda, contar para todos que estava viva. Olhou para seu tio, ainda inerte no colo de Meehiel, e tentou imaginar o que ele poderia saber sobre o que causou a ira de Lune.

Aos poucos, algumas escadarias surgiam dos lados, adentrando no que só podiam ser definidos como buracos escuros. Meehiel olhou em volta, mas não pareceu achar o que procurava.

— Nesse momento já devíamos ter sido abordados. – murmurou, incomodado – Não parece ter ninguém aqui.

— Alguma suspeita?

— Não. – ele deu um suspiro, parecendo tenso – Vamos em frente.

Assim que alcançaram uma escadaria maior do que as que estavam descendo, seguiram por lá, com Meehiel aumentando os passos a cada segundo. Logo à frente encontraram uma grande porta branca com vários outros corredores em volta dela. Meehiel entrou por ela, sem nem bater.

Celebriant e Ário o seguiram, temerosos. O local dava para uma sala ampla, que estava lotada. Todos os moradores da Base pareciam estar ali, e ao vê-los entrar, o silêncio preencheu o recinto. O lugar parecia uma sala de reuniões: havia cadeiras dispostas por todo ele e um palanque um pouco acima, onde alguém conhecido os estava encarando com curiosidade. Meehiel não pareceu se intimidar e aproximou-se da pessoa que estava lá, preocupado.

— Aahbran? – a voz de Meehiel ribombou no ambiente silencioso.

— Meehiel! – uma pequena voz saltou da multidão e pareceu se aproximar dele – Eu sabia que você apareceria!

Ao ver de longe, Celebriant não teve dúvidas de que era Seanna Wila quem gritara. Ao notar que estava sendo observada, a menina virou-se no mesmo instante, olhando-a nos olhos.

Mesmo de longe, pôde perceber que ela sentia-se culpada pelo que acontecera e, ao vê-la, não sabia o que fazer. Celebriant anuiu, mostrando que estava tudo bem, mas ela voltou-se para Meehiel, parecendo confusa.

— O que fazem por aqui? – ela olhou atentamente para seu tio – Isso é um corpo?

— Ele está desmaiado ou sob o efeito de alguma coisa que não sabemos. – falou Meehiel.

Alguém se aproximou do tio e Celebriant viu quem era, sentindo seu coração arder: Phoebe estava ali! A mulher usou seu *Curare* no homem, parecendo preocupada.

— Ele está vivo e não corre riscos... Pelo menos por enquanto. – ela chamou dois tecnólogos para perto – Levem-no para a enfermaria.

Seu tio foi movido pelos homens e somente então Aahbran encarou-os de volta, esperando explicações.

— Esse homem é o tio de Celebriant. Ele nos alcançou em Ruínas e estava fugindo dos Ocultos. Tentamos defendê-lo, mas ele foi atingido.

— Certo. E como sabiam que estávamos aqui?

— Não sabíamos, mas... Bem.. Aaminah nos mandou uma mensagem. – contou Meehiel, apontando para Celebriant – Pediu-nos para vir aqui...

Aahbran respirou fundo e encarou-a. O silêncio foi tomado por murmúrios cada vez

mais altos, até que o homem chamou a atenção de todos.

— Iremos nos encontrar amanhã novamente para terminarmos a discussão.

Com o aviso, aos poucos as pessoas saíram da sala, até que sobraram somente algumas. Celebriant surpreendeu-se com alguém que praticamente pulou nela, abraçando-a com força. Ao olhar melhor, percebeu os cabelos vermelhos e sorriu, abraçando-a também.

— Que bom que você está bem. — ela murmurou em seu ouvido – Estava preocupada.

— Eu estou bem, Phoebe. Mas o que vocês estão fazendo aqui?

A médica soltou-a, encarando-a com doçura, e voltou-se para os outros presentes. Além de Aahbran, estavam Vandreisen, Seanna, mais três guerreiros que se lembrava de vista da Base Anciã e, engolindo em seco, Celebriant viu que Ulisses estava ali também.

Aahbran aproximou-se, dando um suspiro cansado.

— A Base Anciã foi atacada. Havia um espião entre nós, que veio junto com os feridos da batalha da vila Sol Poente.

— Atacada? – Meehiel pareceu terrorificado – Então quer dizer...

— Sim, ela *nom* existe mais. – falou Vandreisen, aproximando-se deles – A *grrande maioria* dos *morrhadores* seguiu para a Base *Guerreira*.

— Nós viemos para o lado contrário, tentando despistá-los. – disse Phoebe, ainda

ao lado de Celebriant, parecendo muito triste. – Depois de um tempo, Aaminah teve uma visão sobre onde estava Saori, mas antes que ela pudesse nos contar, ela...

— Aaminah me contou onde Saori está. – falou Celebriant, abruptamente, sentindo-se empalidecer.

— Ela... Ela falou com você? – murmurou Aahbran, em um tom de voz que nunca havia falado com ela.

O homem parecia chocado e ao mesmo tempo ansioso. Pôde perceber que ele sentia uma dor indescritível pela perda da irmã e que qualquer novidade sobre ela o fazia sentir-se mais perto dela.

— Sim. – disse, engolindo em seco – Contou que Saori está em Lander, na casa dos Moringan.

O silêncio que se passou pelos presentes foi tão grande, que Celebriant perdeu as esperanças no mesmo instante. Da última vez conseguiram resgatar Saori porque a menina estava fora da mansão. Estando lá dentro era completamente diferente. Lembrava perfeitamente do que acontecera com Erik quando tentara resgatar o pai. Seria impossível.

— Eu não sei quanto a vocês, mas eu vou resgatar minha irmã. – falou, encarando a todos – Não posso simplesmente deixá-la lá.

— Eu concordo. – falou Aahbran, olhando-a nos olhos – Devemos salvar Saori

como prioridade.

Celebriant olhou para Aahbran, incrédula. O homem continuava encarando-a, sério. Sem compreender, olhou em volta e todos pareciam estar tão chocados quanto ela. Ainda com os olhos nele, anuiu, confirmando que compreendera.

— Amanhã, antes de falarmos com o pessoal da Base, nos reuniremos aqui para decidir como será o resgate.

Todos concordaram e Celebriant não conseguia acreditar. Aahbran *apoiando-a*?

Ao ver que o homem saía da sala, correu atrás dele.

Quando viu quem o chamava, ele parou, parecendo confuso.

— Celebriant?

— É, sou eu. – ela encarou-o, sem saber como começar – Eu não consigo compreender...

— O quê?

— Você não parece gostar de mim, mas ajudou a resgatar Saori na primeira vez. Agora também não pensou duas vezes em ir para Lander buscá-la.

— Isso não é verdade. – ele suspirou – Não é que eu não goste de você. Eu queria ajudar de uma forma que não podia. Agora que minha irmã se foi, eu entendo o que ela me dizia: devo seguir o meu destino, e não tentar seguir outro. Eu posso ajudá-la a resgatar

Saori e sei que seria isso que Aaminah faria. Portanto, é o que farei.

No mesmo instante, Celebrant sentiu a culpa que o homem sentia pela morte de Aaminah. Ele percebeu o que acontecera e deu um sorriso amargurado.

— Você é uma *Intueri* tão forte quanto ela... – ele pareceu segurar o choro e respirou fundo – Neste instante, vê-la compreendendo meus sentimentos tão corretamente faz com que eu me lembre de Aaminah. E isso é muito doloroso.

O homem virou-se, saindo dali sem que pudesse respondê-lo. Celebrant ficou olhando para o lugar onde ele esteve, atordoada. Antes que conseguisse sair do seu transe, porém, sentiu que Phoebe segurou seu braço, sorrindo com doçura. Então decidiu que pensaria em Aahbran depois.

— Phoebe, o que acha que aconteceu com meu tio?

— Eu vou vê-lo novamente, mas não sei explicar. Ele parece normal ao toque do meu *Curare*.

Celebrant assentiu, preocupada.

— Mas vocês estão cansados... – ela apontou Ário e Meehiel, que a acompanharam, juntamente com Seanna. – Acho melhor providenciarmos comida e descanso para vocês!

— Muito bem. – Seanna sorriu, puxando Ário e Meehiel – Venham comigo!

Celebrant deu um sorriso e seguiu-os corredor adentro. Sua preocupação deu lugar

ao alívio. Por mais que estivesse em uma situação crítica, aquelas pessoas eram o suficiente para animá-la, pelo menos um pouco.



## Capítulo 8 – O grande desejo de Nicholas

Os dias passaram rápido na Base.

Ângelus foi avaliado por Phoebe e todo aparato médico disponível de lá, mas ninguém conseguiu descobrir o que fazia o homem dormir. Só concluíram que ele estava aparentemente em coma e sem previsão de acordar, e só uma pergunta passava na mente de Celebriant: o que seu tio queria lhe falar?

Apesar de todo dia terem reuniões, ela estava cada vez mais preocupada com Saori e mal esperava para poderem buscá-la. Vários líderes estavam presentes e tentavam criar planos de resgate para Saori. Porém, Celebriant refutava a todos, fazendo com que ficasse frustrada. Como já fora uma Oculta, conseguia achar as brechas em todas as ideias e aquilo não parecia ser bom o suficiente. Temia que não conseguissem resgatar sua irmã de forma alguma.

Depois de muita conversa, Aahbran e Vandreisen juntaram um pequeno contingente de pessoas, quase cinquenta, para ajudá-los com o ataque. A intenção era surpreender os Ocultos, atacar a casa do Imperador e salvar Saori antes que eles pudessem pedir reforços. A única ideia em que não achava tantas falhas. Uma missão que não seria nada fácil, pois

soubera que Nicholas era o novo Imperador, após a morte do último.

Aahbran também trouxera para ela, naquela semana, um maço de papéis, escritos por Aaminah. Disse que foi um pedido da própria entregar nas mãos dela para que aquilo a ajudasse com o Escolhido. Apesar da curiosidade, Celebriant não teve tempo para pensar naqueles papéis e pediu que Phoebe os guardasse com cuidado. Sua principal preocupação era com a irmã.

Naquela noite, tentavam novamente definir um plano e finalmente pareciam chegar a uma possibilidade real. Ao final dela, ficou decidido que partiriam em no máximo uma semana, e Celebriant sentiu-se mais aliviada. Levantou-se, olhando em volta para achar Ário, quando percebeu que Ulisses estava ao seu lado, parecendo completamente inseguro.

— Podemos conversar?

Ainda surpresa, olhou em volta, buscando ajuda de alguém, mas todos haviam saído sem notar que ela estava ali. Engolindo em seco, balançou os ombros, fingindo não se importar, e sentou-se, antes que caísse no chão com o nervosismo.

Ulisses sentou-se ao seu lado, também parecendo completamente nervoso.

— Como você está?

Sem acreditar, encarou o homem com as sobrancelhas arqueadas. Depois de tudo o que acontecera, era aquilo que ele falava? *Como você está?*

Ele pareceu perceber a consternação dela e baixou os olhos, envergonhado.

— Me perdoe, Celebriant. Eu fui um idiota.

— Sim, você foi. – grunhiu, tentando se controlar.

— E eu não acreditei em você, apesar de você tentar me contar a verdade.

— Qual é o ponto da nossa conversa? – perguntou abruptamente, irritando-se.

— Eu... – ele engoliu em seco e encarou-a, fazendo com que suas pernas começassem a tremer – Eu gosto de você, Celebriant.

A declaração, feita daquela forma espontânea e completamente verdadeira, fez com que ficasse sem saber o que falar. Antes que pudesse responder, porém, alguém gritou da porta, avisando que a sala seria fechada e que eles deveriam sair. Sem protestar, os dois se levantaram, saindo o mais rápido possível dali.

Apesar do que o homem falara, não sabia mais como prosseguir aquela conversa. Portanto, no momento em que saiu da sala, seguiu diretamente para seu quarto, não dando chances para que ele pudesse continuar.

Ela ainda tinha sentimentos por Ulisses. Afinal, havia sido o primeiro por quem realmente se apaixonara. O único problema era que tudo aquilo foi sufocado quando recuperou a memória e não tinha mais certeza se o que sentira naquela época fora real. Quando pensava sobre Ulisses, era um misto de saudade, arrependimento e principalmente

raiva. Todo o tempo em que ficara longe, procurando por Saori, a fez colocar a cabeça no lugar. Havia se apaixonado por um Ulisses que vira quando estava sem memória, sem os problemas e tristezas que a acorrentavam. Depois que suas memórias voltaram, o sentimento já fora abalado por conta de tudo o que acontecera. Agora, olhando para si mesma, conseguia entender que não estava mais apaixonada.

Mas como falar aquilo para ele?

Alcançou seu quarto e jogou-se na cama, com raiva. Odiava aquele sentimento de insegurança que a percorria e por alguns instantes achou melhor fingir que aquele momento não tinha acontecido. Se o homem quisesse dar continuidade na conversa, ela pensaria no que faria.

\*\*\*

Lune passara as últimas duas semanas em reuniões com Nicholas e seus conselheiros, tentando descobrir quais seriam os próximos passos dos Rebeldes. Mesmo sabendo que ela matara um deles, ainda não descobriram onde ficavam escondidos, muito menos como conseguiam se esconder. Deveria haver vilas que os ajudavam, mas como descobrir quais? Naiara repassou algumas ideias que tinha a respeito daquilo e parecia

muito feliz por alguém finalmente escutar o que ela tinha para dizer. A mulher chegou a agradecê-la depois da reunião.

Era um dia nublado e frio em Lander e Lune estava na biblioteca, relendo algumas coisas, quando a porta se abriu e Ceres entrou. Ela parecia nervosa e agitada, e Lune preocupou-se.

— Ceres! — falou, ao ver que a prima sentara ao lado dela sem cerimônias — Conseguiu achar seu pai?

— Ângelus... Aquele imbecil encontrou... — olhou em volta, para que ninguém ouvisse, e sussurrou — *Ela*.

Lune encarou Ceres com tanta seriedade, que a prima se afastou, ainda sentada.

— Acho que não teve muito tempo para contar qualquer coisa para ela, antes de eu atirar nele com isso. — mostrou a arma que Lune lhe dera há algum tempo — Mas com certeza agora ela deve saber que Saori está aqui.

Respirou fundo, mordendo as bochechas e tentando imaginar o que aquilo acarretaria. Não seria tão terrível fazer com que Celebriant viesse até ela, afinal.

— Então eles devem estar a caminho.

Tinha certeza de que em algum momento viriam atrás de Saori. Se Celebriant soubesse onde ela estava, não demoraria muito. Logo apareceria ali, disposta a qualquer

coisa para salvar a irmã. A pergunta que não a deixava em paz era: o que eles queriam tanto com Saori? O que sua irmã tinha de tão importante? Eram perguntas que apenas algumas pessoas poderiam respondê-la, e, na hora apropriada, iria atrás disso.

— Muito bem, Ceres. E os outros Ocultos que foram com você?

— Mortos. Lutamos, e quando fui atrás daquela garota para pegar Ângelus, eles desapareceram... Eu quase não consegui sair daquele lugar, Ruínas. Dava voltas e tudo parecia a mesma coisa.

Ceres estava indignada. Conseguia distinguir o quanto aquilo era importante para Lune e como havia falhado, estava irritada consigo mesma. Também não havia gostado do fracasso da prima, porém precisava que a mulher ficasse ao seu lado naquele momento.

— Foi apenas um fracasso, Ceres. O importante é que mesmo que Ângelus tenha contado o paradeiro de Saori, ele está desacordado. E longe do antídoto, logo estará morto. — olhou para a prima — Agora tenho que agir e planejar. Vamos comer alguma coisa enquanto discutimos nossos próximos passos.

Ceres concordou, ainda parecendo carrancuda. Lune conversou com ela o suficiente para repassar seus planos e ideias, mas logo Nicholas a chamou para uma reunião. Assim, teve que contar o que acontecera e quais notícias a prima trouxera.

Já era bem tarde quando o marido decidiu continuar a reunião no outro dia. Depois

de todos terem saído e só os dois ficarem no escritório, ele percebeu que Lune ainda estava ali e não pareceu gostar.

— O que foi? – ele grunhiu, irritado.

— Estou lhe esperando, oras. Não vai deitar?

O marido balançou a cabeça, parecendo acalmar-se, e ficou pensativo.

— Vou terminar isso aqui. Encontro-a daqui a pouco.

Lune anuiu, satisfeita. Ela sabia para onde ele iria. Esperara por aquele momento durante duas semanas, mas valera a pena. Naquela noite, ela iria colocar seu plano em prática. Encontraria Nicholas onde ele menos esperava encontrá-la.

\*\*\*

Celebriant não dormira a noite inteira.

Mesmo sabendo que seria necessário descansar, tivera sonhos estranhos com Ário e aquelas Divindades que vira em Ruínas. Sem compreender mais nada e vendo que seu sono não a acompanharia, resolveu sair de seu quarto para espairecer.

Caminhou pela Base, mas precisava de ar puro. Precisava ficar um pouco sozinha, tentando perceber se aquela inquietação era sua *Intueri* ou simplesmente sua ansiedade em

ter sua irmã de volta ao seu lado.

Conseguiu abrir a rampa de saída da Base e abraçou-se para se proteger do vento gelado. O dia estava amanhecendo, mas o sol ainda não chegara até ali. Viu uma iluminação em um dos espaços onde os cavalos ficavam e se aproximou. Lá dentro havia apenas um cavalo, que estava puxando os arreios presos a uma pedra, parecendo incomodado. Sem compreender muito, aproximou-se do animal. Ele era marrom, como a maioria dos cavalos, mas tinha uma crina espessa e brilhosa. Em seus pés havia tufo branco de pelos, característicos de animais de clima frio, e em cima dele estava uma manta bege, para esquentar suas costas. Ao se aproximar, ele pareceu olhá-la melhor e Celebriant sorriu.

— Olá, garoto. O que está fazendo?

O cavalo relinchou e tentou pegar um maço de feno que estava longe do alcance dele.

— Ah, você quer isso? – aproximou-se e pegou o feno, segurando para que ele pudesse comer – Que cavalo mais esperto você é!

O animal deu uma leve relinchada e comeu, satisfeito. Celebriant acariciou-lhe o focinho com a outra mão, e ele pareceu ficar bem feliz com isso.

— E por que você está aqui? Sozinho?

— Sozinho *nom*.



Celebriant assustou-se tanto com a voz, que soltou o feno de suas mãos, fazendo com que o cavalo bufasse em reclamação.

— Vandreisen! – sussurrou, com o coração aos saltos – Você me assustou!

— Desculpe-me, *senhorrita*. *Nom* era minha intenção.

O homem aproximou-se do cavalo com o que parecia uma pequena bacia de água, da qual o animal bebeu animadamente. Assim que terminou e colocou no chão, o cavalo deu uma leve batida nela com a cabeça, como se indicasse o alimento perdido.

— Tudo bem... – resmungou, pegando o feno e novamente colocando para ele – Aqui está.

Encarou Vandreisen, que estava parado olhando para ela um pouco perdido. Deu um sorriso, indicando o cavalo.

— É seu?

— Sim. Chama-se Hagen.

— Hagen. – voltou-se para o animal, sorrindo – Então tem até nome! Por isso é tão esperto.

— Às vezes *esperrto* demais.

Seus olhares se encontraram e o cavalo deu um relinchada, fazendo com que Vandreisen pegasse uma escova e começasse a escová-lo. Distraiu-se ao ver as mãos ágeis

dele. O animal parecia muito feliz com toda a atenção que recebia. Foi então que notou que Vandreisen olhava diretamente para ela, parecendo confuso.

— A *senhorrita* está bem?

— Eu? Bom... Eu não sei. – deu de ombros, incomodada – Não sei como me sentir.

— A última vez que vi a *senhorrita*, também estava *prreocupada* com sua *irmã*.

*Parrece* que os *prroblemas nom* têm fim.

Celebriant riu e pegou mais um pouco de feno para Hagen, já que ele insistentemente lhe pedia.

— Os problemas nunca acabam para mim. – revirou os olhos, evitando encarar o homem.

— *Nom* somente *parra* a *senhorrita*.

Voltou-se para ele, dando um sorriso irônico.

— Pois é, eu sempre carrego a base inteira junto comigo para resolver os meus problemas!

Vandreisen parou de escovar o cavalo e encarou-a, incrédulo.

— *Nom* foi isso que eu quis dizer! Só disse que a *senhorrita nom* tem *trrégua* e... O que foi?

Começara a rir. Vandreisen parecia extremamente preocupado em tê-la magoado e

pareceu divertido. Quando imaginaria uma cena daquelas na Base Anciã? Achava-o arrogante e até grosseiro, mas uma pessoa que cuidava com tanto amor daquele cavalo e a ajudara tantas vezes não poderia ser alguém que lhe desejava mal.

— Eu falei algo *engrraçado*?

— Falou! – conseguiu dizer, respirando fundo para se controlar – Eu nunca esperaria ouvir de você esse tipo de preocupação.

Ele pareceu pensar na resposta e então deu um meio sorriso, fazendo com que ela parasse de rir no mesmo instante. Aquele sorriso a pegara completamente de surpresa.

— A *senhorrita* mudou nesse tempo *forra*.

— Acho que todos mudamos, Vandreisen.

Ficaram alguns segundos se encarando e Celebriant sentiu algo estranho. Algo que mexia com ela, mas não era sua *Intueri*. Ao ver que o homem ainda a encarava, procurou por algo para disfarçar essa constatação e então pediu se podia pentear Hagen. Ele esticou a escova, passando para ela, e ficou observando-a enquanto escovava o cavalo, que parecia deliciado com toda a atenção que estava recebendo.

— Ao fim do dia sairemos para resgatar minha irmã, Vandreisen. – contou, sentindo suas preocupações a consumirem.

— Sim, eu sei.

— Se não conseguirmos...

Não conseguiu concluir a frase. Só de pensar naquela possibilidade doía.

— Vamos *conseguirr*. – ele segurou a mão dela, dando aquele meio sorriso que ficava tão estranho nele.

Seu corpo reagiu, fazendo com que sentisse a cor sumir do seu rosto. No mesmo instante, a rampa de acesso à Base Tecnológica de repente se abriu com o barulho habitual e os dois se afastaram abruptamente, como se tivessem levado um choque, mesmo estando dentro do estábulo e longe dos olhos de quem saía de lá.

— Obrigada, Vandreisen. – disse, não conseguindo desviar do olhar que o homem lhe lançava – Foi muito bom conversar com você sem ter sua antipatia.

Ele pegou a escova da mão dela, revirando os olhos.

— Posso *voltarr* a ser antipático, se a *senhorrita quiserr*.

— Não, por favor, prefiro você assim.

Dando um sorriso e sentindo algo gostoso passar pelo seu corpo, Celebriant virou-se para sair e acenou. Dessa vez, Vandreisen acenou de volta.

\*\*\*

O grupo partiu à noite da Base Tecnológica.

Quase cinquenta guerreiros, incluindo Seanna e Phoebe, que insistiram em ir junto. Elas arrumaram-se em seus cavalos e começaram a cavalgar. A viagem seria longa e em partes. Iriam se dividir em cinco grupos para alcançar Lander separadamente. A ideia era que a viagem demorasse no máximo dez dias, e atacariam os Ocultos de surpresa. Somente daquela forma teriam uma chance.

O grupo que Celebriant acompanhava era o mesmo de Phoebe e das outras pessoas da Base Anciã. Aahbran seguia com outro grupo, ciente de que precisariam cautela para chegar à cidade onde o Imperador dos Ocultos morava. Meehiel voltou para a Base Guerreira, prometendo enviar reforços assim que possível.

Celebriant pensou, por um instante, no que Nicholas faria se a visse entre os Rebeldes resgatando sua irmã. Balançou a cabeça, olhando a lua e respirando fundo. Não deveria pensar nisso. Sua irmã era mais importante. E, até onde alcançava, apenas Lune sabia que estava viva. Nicholas achava que estava morta.

Porém, esperava, sinceramente, continuar morta por muito mais tempo.

\*\*\*

A porta abriu-se com um ruído leve, fazendo com que tivesse um vislumbre de Nicholas entrando no quarto escondido no terceiro andar. Ele parecia extremamente cansado, mas ao acender uma das tochas e olhar em volta, seus olhos se amenizaram.

Lune sentiu um sorriso brotar de sua boca. Sim, o plano seria perfeitamente plausível com essas circunstâncias. Assim que o marido acendeu todas as tochas, levantou-se de onde estava escondida, encarando-o com serenidade. Ao contrário dela, porém, Nicholas ficou branco com a surpresa. Logo em seguida se tornou vermelho, a raiva aparecendo nele como se fosse uma fogueira.

— Muito bonito esse lugar... Rústico. – comentou, ainda sorrindo.

O homem aproximou-se dela em segundos, tentando segurá-la, mas Lune se esquivou graças aos seus bons reflexos.

— Está sendo rude, meu marido. – olhou para ele, fingindo-se de ofendida.

— O que está fazendo aqui? – ele sibilou, faiscando de ódio.

— Eu sempre fiquei curiosa com seus desaparecimentos, mas nunca imaginei que eles se deviam à minha querida irmã. – Lune aproximou-se da cama, olhando o vestido de noiva que ali repousava – Era dela, não?

Nicholas não respondeu. Parecia tomar cuidado com o que dizer, pois não compreendera exatamente qual era a razão de ela estar ali. Ao perceber isso, Lune cruzou os

braços, deixando o sorriso de lado e olhando-o com seriedade.

— Eu não tenho ciúmes dela, se é isso o que pensa. Em nenhum momento vi você como mais do que um marido de conveniência.

— Então, por que está aqui? – ele grunhiu – O que pretende?

— Eu só estava curiosa. E depois de ver o que fazia você passar horas no seu esconderijo, imagino que deveria ter contado há mais tempo sobre o que sei. Veja bem, todos esses quadros de Celebriant, incluindo um dela vestida de noiva, algo que você nunca viu com seus próprios olhos, eles emanam um desejo... Portanto, foi você quem os pintou, correto?

— Lune, está me irritando. – a voz dele saiu baixa, como se estivesse no máximo do seu controle.

— Eu não ficaria irritado, se fosse você. Pelo menos não comigo. – falou, dando um sorriso cínico – Estaria irritado com a Celebriant, por tudo o que ela lhe fez passar.

Nicholas respirou fundo, tentando se controlar. Só de ouvir o nome dela fazia com que ele tremesse de ódio. Lune guardou um sorriso satisfeito para si, pois o homem estava completamente em suas mãos.

— Lune... – ele começou, e ela levantou a mão, em sinal de paz.

— Nicholas, eu nunca iria lhe contar isso. – suspirou, com falsa tristeza – A não ser

que você visse com seus próprios olhos.

O marido se aproximou rapidamente, mas dessa vez ela não desviou. Deixou que ele segurasse seu braço com força, completamente tomado pelo ódio, e falou, antes que ele pudesse começar:

— Eu não vou lutar com você! Pelo contrário, lhe darei algo para lutar. — e, encarando firmemente os olhos azuis dele, fez uma feição serena, como se estivesse falando da cor do céu — Celebriant está viva.

Nicholas encarou-a com desconfiança, ainda apertando seu braço, não parecendo compreender o que se passava.

— Está mentindo. — ele disse, finalmente.

— Não, não estou. — a voz dela se tornou suave, quase doce — Eurico me ordenou que não lhe contasse, e eu fiz a vontade dele. Mas ao ver esse quarto...

— Eurico? — o homem a soltou, afastando-se com incredulidade.

— Ele recebeu essa informação pelo espião na Base Rebelde e achou melhor que você não soubesse.

— Mas ele nunca me disse! — Nicholas encarou-a com olhos raivosos — E ele sempre me contava o que o espião dizia!

— Alguma vez você leu as cartas do espião, Nicholas?



O marido somente encarou-a com cuidado e Lune sabia qual era a resposta.

— Ele mentiu. – disse, com cautela – Pediu que eu mentisse.

— E por quê? Por que ele faria isso? Ele sabia... Sabia que...

Transtornado, Nicholas passou a mão no rosto, parecendo não acreditar no que ouvia. Lune também sabia da influência que Eurico exercia sobre o marido e sorriu. Aquilo desacreditaria o antigo Imperador, dando chance para que ela o dominasse completamente.

— Por isso mesmo que ele não lhe contou. – ela aproximou-se dele, com ferocidade – Ele sabia o que você sentia a respeito dela! E sabia que não faria outra coisa a não ser caçá-la. Mas Eurico não podia permitir que seu sucessor largasse seu futuro por uma traidora no meio dos Rebeldes.

— No meio dos Rebeldes? – ele sentou-se em uma cadeira, desnorteado.

— Celebriant estava entre os Rebeldes daquela Base que você atacou, mas ela saiu de lá antes de você chegar. Antes de morrer, Eurico me contou, pois sabia que eu guardaria segredo.

Nicholas segurou o queixo com as mãos, pensativo. Ele parecia processar toda aquela informação, sem saber o que fazer. Lune aproximou-se, agachando-se ao lado dele.

— Eu quero... – ele murmurou, tremendo – Eu a quero.

— Para sua sorte, meu marido, neste momento ela está vindo diretamente para suas

mãos.

Nicholas encarou-a, estupefato.

— Do que está falando?

— Celebriant e alguns Rebeldes estão vindo para cá. Eu pedi que Ceres mapeasse os movimentos dela. E eles estarão aqui no máximo em dez dias, ao anoitecer.

— E o que eles querem aqui? – ele pareceu incrédulo.

— Saori. Minha irmã tem um sério problema de proteção com essa menina. – segurou na mão do marido, dando um sorriso – Eu tenho um plano. Mas preciso de sua ajuda para que ele dê certo. Se funcionar, o Manuscrito estará a salvo e você terá quem tanto deseja.

Nicholas pareceu pensar e então arqueou as sobrancelhas, sério.

— O que eu tenho que fazer?

Lune sorriu, tentando não transparecer o júbilo que sentia por dentro.

Finalmente, as coisas estavam caminhando do jeito que ela sempre planejou.

\*\*\*

A viagem, apesar de desgastante, não durou mais do que uma noite. O local que iria

era desconhecido e completamente secreto. Duas vezes fora até ali pessoalmente e naquele momento sentia-se muito contente por isso. Nicholas não desconfiara de nada e ficou em Lander, preparando as tropas para o ataque dos Rebeldes, aguardando sua volta para realizar o que precisava em Saori.

Saori estava ao seu lado no coche, com cobertores nas pernas e bem agasalhada, mas parecendo completamente tranquila. Ao ver que Lune a olhava, lhe deu um sorriso.

— Eu estou bem, Lune.

— Não está cansada? – murmurou, fingindo preocupação.

— Um pouco, mas já estamos chegando, não?

— Sim, é logo à frente.

A menina deu um suspiro de alívio e Lune olhou pela janela. Nevava bastante ali, perto das montanhas, mas era o local mais apropriado para *aquilo*. Seus pensamentos voaram para anos atrás, para uma época em que Eurico ainda vivia e em que ela descobrira sobre esse local. Apesar de esconder bem, inclusive de Nicholas e todos os outros Ocultos, Eurico não era tão bobo quanto parecia.

Ao seu comando, e de tantos Imperadores anteriores, existia um laboratório, onde pesquisas secretas dos Ocultos transcorriam sem maiores problemas. E quando ele morreu, sem passar essa informação adiante, Lune tomou para si as rédeas do local, com a ajuda de

um certo homem que se rendeu aos seus encantos. Nicholas não sabia sobre o laboratório e ela não fez questão de contar. O Imperador tinha tantas preocupações, que não notara nada de errado em ela assumir algumas partes do comando.

O coche parou de repente e Lune desceu, aproximando-se do paredão de pedras que era as Montanhas Azuis. Ajudou Saori a descer, cobrindo-a com o cobertor, e dispensou o criado, pedindo que as buscasse pela manhã naquele local. Assim que o coche desapareceu, andou em direção às Montanhas. Quando estava perto o suficiente, percebeu o guarda ao seu lado, armado. Sem pestanejar, encarou o homem, mostrando sua marca dos Ocultos e tirando o capuz.

— Senhora Moringan! — ele murmurou, abaixando a espada e fazendo uma reverência — Estávamos aguardando a senhora. Entre, por favor.

Segurou a mão de sua irmã, dando um sorriso.

— Desculpe-me por trazê-la até aqui, Saori, mas o *Curare* achou melhor usar os equipamentos daqui para examiná-la.

— Mas o que eu tenho, exatamente?

— Nada de mais, minha querida. Queremos saber mais sobre seu poder.

E sem esperar que ela respondesse, entrou com a irmã dentro da passagem para o laboratório.

\*\*\*

Lune levantou-se da cama, procurando suas roupas silenciosamente. Sua tentativa de sair despercebida não funcionou, pois o homem ao seu lado, coberto com um lençol e um cobertor grosso, virou-se para observá-la, enquanto ela vestia sua roupa de baixo. Estava irritada, e ao vê-lo olhando-a daquele jeito, sentiu esse estado aumentar.

— Saindo às escondidas? – ele murmurou, sorridente.

— Tenho um séquito de pessoas à minha espera, incluindo minha irmã adormecida, e prefiro verificar se está tudo em ordem. Logo chamarei você para procedermos com o combinado.

— Muito bem! – ele levantou-se, procurando suas roupas também, e aproximou-se dela ao vestir as calças – Eu queria conversar com você antes do procedimento e acho que a hora chegou.

— Simon, eu não tenho tempo para falatórios! – resmungou Lune, revirando os olhos.

— Pois deveria ser menos estressada e me ouvir. – ele aproximou-se, colocando a camisa, enquanto ela vestia as botas quentes – Tenho uma proposta.

— Proposta? – ela encarou-o com curiosidade.

— Sim. Eu não tenho nada contra o seu marido, mas o que fará com ele quando seu plano der certo?

— Tenho planos específicos para Nicholas já em prática. Vá ao ponto, Simon.

— Eu acredito que você precise de alguém mais forte ao seu lado, que possa lhe fazer crescer mais e mais...

Lune ergueu as sobrancelhas, fingindo-se de interessada, mas completamente entediada. Sabia que aquele momento chegaria. A ambição de Simon era grande demais para somente obedecer. Captava, enquanto ele falava, as reais intenções do homem e quase começou a rir. Tornar-se Imperador no lugar de Nicholas? Realmente, dera poder demais nas mãos do Diretor do Laboratório II.

— O que você acha? – ele perguntou, finalmente.

— É uma proposta muito interessante... – disse, aproximando-se dele e beijando-o com calor – Podemos analisá-la com carinho futuramente.

Deu um sorriso e virou-se para sair, mas o homem segurou seu braço e fez com que ela o encarasse de novo.

— Eu não concordo. – ele sorriu, presunçoso – Acho que se eu não receber uma resposta agora, Lune, não teremos mais um acordo a respeito de Saori.

Sentindo seu *Kassan* sibilar nas costas, mas contendo-o com o pensamento, fez um olhar sentido e assustado.

— Não confia em mim, Simon?

— Confio em quem confia em mim. – ele aproximou-se, acariciando seu rosto com paixão – E acho que podemos chegar a um acordo maravilhoso a respeito disso. Eu faço o que me pede se fizer o que lhe peço. É simples.

— Muito simples. – sussurrou, sorrindo com ardor e afastando-se um pouco do homem para colocar suas luvas – Mas o mundo não é simples, Simon. Ganha quem tem mais poder... E nessa situação, e sempre, em qualquer situação, eu sou mais poderosa.

— Você não me faria mal! – ele riu, afastando-se dela e sentando-se na ponta da cama – Precisa de mim! Eu sei tudo sobre você.

— Tudo? – Lune falou calmamente – Tem certeza? Ou sabe somente aquilo que eu gostaria que soubesse?

O homem levantou-se em um pulo, segurando-a pelos braços e completamente furioso.

— Tenho pretensões de ser grande e você vai me ajudar, Lune! Ou eu conto para o Imperador o que você anda aprontando no laboratório que é, por direito, dele!

Lune empurrou-o, derrubando-o na cama. Antes que ele pudesse se mexer, lançou

ondas de eletricidade para as pernas dele, fazendo-o perder o movimento delas.

— Cansei de você. – murmurou, colocando seus braços em forma de cruz e sorrindo ao ver o desespero dele – Adeus.

O poder de morte atingiu o homem em cheio, antes que ele pudesse sequer reagir. Sentindo a fúria acalmar-se, Lune grunhiu, irritada. Por que Simon tinha que ter uma personalidade tão forte? Se fosse mais submisso, poderia ainda estar vivo. Saiu do quarto, fechando a porta e indo em direção a outro quarto conhecido ali. Bateu na porta com firmeza até ser aberta por uma mulher loira, sonolenta.

— Senhora Moringan? – murmurou ela ainda sem compreender – Aconteceu algo?

— Sim, aconteceu. Simon está morto.

A mulher abriu a boca em choque, acordando no mesmo instante.

— Morto?

— Sim. – Lune suspirou, fingindo preocupação – Você é a nova Diretora do Laboratório II. Mas o problema é que preciso que o procedimento seja realizado esta noite e somente você não conseguirá fazê-lo, não é?

— Não conseguirei sozinha. – a mulher falou, completamente acordada agora, mas ainda perdida pelas informações.

— Eu preciso de outro *Curare*. Você me disse que havia alguém, não disse, Melina?



— Sim, senhora. Conheço alguém poderoso e que pode substituí-lo.

— Ele conseguirá fazer isso esta noite?

— Faremos. E ele servirá de bom grado, senhora.

— Muito bem. Mas antes temos que resolver um assunto entre nós duas. Aguardo-a na sala de cirurgia. Vamos terminar logo com isso.

E sem dizer mais nada, saiu dali, com o pensamento longe.

\*\*\*

*Dez dias depois.*

A noite estava silenciosa e serena. Já estavam próximos do país natal de Celebriant, Brand. O seu grupo estava descansando, enquanto a vigia ficara por conta dela. Ela olhou em volta, sentindo uma ansiedade absurda, e resolveu que não iria ficar parada. Levantou-se, caminhando até as árvores esparsas daquela região, e respirou fundo.

Há muitos anos, quando se sentia incomodada com alguma coisa, começava a treinar. Conseguia descarregar toda sua ansiedade com movimentos de luta corporal e usando seu *Kassan*. Depois que aprendeu a usar sua *Intueri*, entretanto, descobriu que era muito fácil ficar tranquila usando-a.

Fechou os olhos, concentrando-se em seu poder primário. Ele abriu-se, expandindo a ponto de ela sentir todos os seus companheiros, os próximos e os longínquos, caminhando para um mesmo destino. Foi quando percebeu que alguém se aproximou dela, e abriu os olhos.

Quando se virou para atacar quem fosse, a pessoa levantou os braços e ela pôde perceber que não era nenhum inimigo: era Ulisses.

Por alguns minutos eles ficaram em silêncio, olhando-se. Celebriant evitara pensar nele naqueles dias e o ignorou o quanto pôde. Seus sentimentos estavam todos voltados para Saori e, naquele momento, não pretendia desviá-los. Mas o homem parecia completamente ciente disso e se aproximou muito rápido, não dando chance para ela desviar.

Antes que pudesse reclamar, ou dizer que estava ocupada, ele puxou-a, beijando-a. Seu corpo se enrijeceu, incomodada. Conseguia se lembrar de como gostava do beijo morno e sensível de Ulisses, mas naquele momento não parecia fazer sentido. Depois que recuperara suas memórias, tudo o que passara antes ficou apagado e sem cor, assim como o que sentia por ele.

Ulisses soltou-a com delicadeza, olhando-a com doçura em seus olhos, mas Celebriant não conseguia mais agir da mesma forma.

— Celebriant... – ele murmurou, acariciando o rosto dela – Eu disse e repito: eu

realmente gosto de você.

Engolindo em seco, soltou-se dos braços dele, dando um sorriso triste.

— Eu sei. Mas neste momento o que me importa é minha irmã. E nada mais.

Ele pareceu ficar tenso e, ao ver que ela se afastara dele, deu um passo para trás também.

— Eu entendo. — ele murmurou, irritado, e saiu, deixando-a sozinha.

Respirou fundo. Precisava aliviar sua ansiedade. Começou, então, a usar seu *Kassan*, colocando para fora todos os sentimentos que ainda restavam em si.

\*\*\*

A viagem até Lander foi tranquila, na medida do possível. O grande grupo, selecionado para resgatar Saori, se encontrou próximo de sua cidade natal. Phoebe e Seanna ficaram aguardando Celebriant e Saori na passagem para o país Egort, pois Seanna não deixara Phoebe ir para a batalha. Já havia anoitecido quando alcançaram a entrada. Celebriant estava no meio do grupo, completamente ansiosa. Eles deveriam atacar de surpresa, pois seria a única forma de conseguirem resgatar sua irmã.

Porém, antes que pudesse avançar, um silêncio se apoderou do grupo, fazendo todos

pararem abruptamente. Sem compreender, Celebriant tentou ver o que estava acontecendo, mas não conseguia pela posição em que estava. Ulisses, ao seu lado, parecia tão preocupado quanto ela.

— O que está acontecendo? – resmungou, ansiosa.

Foi então que ela ouviu uma voz que nunca mais esperara ouvir na vida e sentiu seus ossos gelarem.

— Olá, Rebeldes. Sejam bem-vindos a Lander.

Em choque, Celebriant colocou seu cavalo para andar, chegando até um lugar em que pudesse enxergar o que acontecia, mas de onde não a vissem diretamente.

Nicholas Moringan estava com a capa negra e o broche do Imperador brilhando na escuridão. Ao seu lado, havia dois homens, que ela desconfiava serem seus seguranças, parados, olhando para eles sem nenhuma surpresa. Os Rebeldes se posicionaram para lutar, mas o homem levantou os braços, dando um sorriso cínico.

— Eu sei que vocês estão atrás de Saori Devoy.

Pôde ver, na linha de frente, Aahbran bufar.

— Eu proponho um acordo. Não tenho interesse nenhum naquela garota. Mas tem alguém, com vocês, que eu trocaria de bom grado por ela.

— Não fazemos acordos com Ocultos. – grunhiu Aahbran, irritado.

— Deixe-me terminar a proposta e você pode decidir se a troca é injusta. — os olhos do homem faiscaram — Eu quero Celebriant Devoy. Entreguem-na e Saori estará livre para ir com vocês.

Celebriant sentiu seu corpo retesar instantaneamente. Sem saber direito o que fazia, avançou com seu cavalo, alcançando a linha de frente. Precisava ter certeza: Nicholas sabia que ela estava viva?

Assim que chegou ao lado de Aahbran, o homem encarou-a com incredulidade. O Ancião provavelmente acreditava que ela ficaria escondida. Celebriant não olhou para ele. Seus olhos procuraram os azuis de Nicholas, e assim que eles se encontraram, sentiu algo como um soco em sua mente: o ódio a atingiu no mesmo instante, algo que o homem não conseguiu controlar. Ele não sabia, até aquele momento, se ela realmente estava viva. E vê-la foi como jogar combustível em uma fogueira pronta para explodir.

— Aí está você. — ele grunhiu, provavelmente se controlando para não avançar e matá-la imediatamente — Minha proposta está feita. Você tem uma hora para decidir, Celebriant.

Antes que pudesse pôr tudo a perder se descontrolando ali mesmo, Nicholas virou-se e se afastou, sendo acompanhado por seus seguranças.

Enquanto ainda processava o que acontecera, Vandreisen apareceu em sua frente,

parecendo completamente irado com a audácia do Oculto.

— *A senhorrita nom está sequerr* pensando em *aceitarr*!

— Acalme-se, Jean. – ordenou Aahbran, rígido, aproximando-se dos dois – Vamos nos reunir.

Celebriant ainda estava calada, mas ao mesmo tempo sentia-se tranquila. A decisão era óbvia: Saori deveria ser salva. Ela não podia deixá-la novamente nas mãos de sua irmã. Não a deixaria novamente para trás.

Os principais líderes e alguns convidados se reuniram mais afastados do grupo principal. Celebriant encostou-se de pé em uma árvore, acompanhada dos outros, ainda meio aérea. Todos olhavam diretamente para ela, esperando que começasse a falar. E antes que pudesse se controlar, estava falando.

— Não há o que decidir. – declarou, olhando para Aahbran – Eu vou lá e vocês salvam Saori.

— Nem pensar! – falou Ulisses, incrédulo – Deve haver outro jeito!

— Que jeito? – grunhiu, irritada – Veja bem, não estou feliz com essa decisão! Mas não temos escolha. Moringan deve ter um exército inteiro nos esperando. Se ele entregar Saori, vocês podem fugir antes que eles os alcancem!

— E como sabemos que ele vai *entrrregarr* sua *irrmã*? – exigiu Vandreisen, ao lado

dela, encarando-a com ferocidade – Isso está *forra* de *cogitação*!

— Ele vai entregar! – passou a mão pelo rosto, ainda irritada – Vocês sabem o que eu fiz com ele, não é? Eu o humilhei. Eu o deixei no altar, enquanto fugia. Fingi minha morte e ele acreditou nela. Ele me odeia. Seu ódio vai cegá-lo e ele vai entregar Saori!

— Se é assim, como acha que a *senhorrita* vai *sairr* de lá? – Vandreisen estava tão irritado, que se aproximava dela a cada palavra dita.

— Eu não vou sair! – aproximou-se dele também – Eu vou ficar lá, enquanto vocês tiram a Saori daqui!

— Isso é *rridículo*! A *senhorrita* vai *morrerr*! – Vandreisen estava a um palmo de distância e ela podia ver a íris esverdeada dele brilhar de raiva.

— Saori vai viver!

— Silêncio, vocês dois! – Aahbran colocou-se entre eles, preocupado – Não é hora para brigar! Temos que tomar uma decisão!

— Aahbran, a decisão está tomada! – falou Celebriant, bufando e olhando para todos – Eu vou lá e vocês resgatam Saori! Não poderemos atacá-los agora que eles sabem que estamos aqui! Perdemos a vantagem!

— Ela tem razão. – falou Aahbran, parecendo inconformado e falando diretamente com Vandreisen – Estamos no território deles. Não poderemos atacá-los mais. Se fugirmos,

eles redobrarão a guarda, sabendo que vamos voltar. E nunca conseguiremos salvar Saori.

— Essa é nossa única chance. — murmurou, respirando fundo — Me deixem salvar minha irmã.

— E quem vai lhe salvar? — perguntou Ulisses, encarando-a com firmeza.

— Eu dou um jeito. Já fui um deles. — disse, desviando os olhos — E se eu morrer, Saori estará bem cuidada.

— Isso *nom* vai dar certo. — resmungou Vandreisen, encarando-a com irritação.

— Vai, sim, se você não se meter.

— Muito bem! — Aahbran colocou-se ao lado dela — Vá até seu cavalo, Celebriant. Eu vou com você buscar a Saori.

Celebriant concordou, virando as costas e fazendo o possível para controlar o tremor que percorria seu corpo. Afinal, estava apavorada. Quando Moringan fez a proposta de trocá-la por Saori, não pensara duas vezes em qual seria sua resposta. Mas para todos, o que ela faria era um suicídio. Porém, entre ter uma batalha com um grande exército de Ocultos dispostos e preparados a destruí-los, sabia que a morte dela nada significaria. Sua irmã teria com quem contar.

\*\*\*



Assim que Celebriant saiu dali, Aahbran sentou-se no chão, sentindo-se inútil. Perdera sua irmã, e a única pessoa que poderia ajudar Ário com seu destino estava indo para a morte por escolha própria.

Jean se aproximou dele, já menos irritado, e encarou-o com firmeza.

— *Aahbrran...* Eu tive uma ideia.

Ele olhou para o amigo, que começou a explicar o que tinha em mente. Sentindo uma esperança brotar em seu âmago, deu um sorriso.

— O que acha? – Jean perguntou, ainda sério.

— Acho que temos que tentar. – murmurou, sentindo a adrenalina percorrer seu corpo – Reúna todos e explique, exceto para Celebriant. Quanto menos ela souber, melhor. Depois, vamos levá-la para o maldito Imperador.

## Capítulo 9 – A nova morada

A noite estava escura, sem lua no céu, mas a casa dos Moringan brilhava, como se fosse um farol. Celebriant arrepiou-se só de avistá-la ao longe. Esperara sinceramente nunca mais retornar àquela casa, mas naquele momento não tinha opções. Era ela ou Saori, e sua escolha era óbvia.

Vandreisen postou-se ao seu lado. Atrás dele estavam Aahbran, Ulisses e mais uns poucos guerreiros, se esgueirando silenciosos. O grande contingente de guerreiros ficou para trás, já retornando e aguardando Saori ser salva para desaparecerem. O olhar de Vandreisen estava fixo na casa, e ela podia sentir a fúria com sua escolha. Ulisses estava afastado, completamente inquieto e também descontente.

Pôde ver, mesmo ao longe, que os portões estavam abertos. Aquele Nicholas era um maldito prepotente! Mostrava que sua preocupação em saber que os Rebeldes estariam ali era nula e queria que eles vissem que não o incomodava nem um pouco estarem tão perto. Respirando fundo, fez com que o cavalo andasse, mas sentiu que Vandreisen segurou seu braço.

— Ainda pode *voltarr*, *senhorrita*. Isso *nom é necessárrio*.

— Darei um jeito de sobreviver. — ela encarou-o com firmeza, soltando seu braço — Cuide de Saori.

Sem nem olhar para trás e fingindo não ouvir Vandreisen bufar, caminhou com seu cavalo lentamente para dentro dos portões, sentindo seu corpo se retesar a cada passada. Seu coração martelava no peito, e ao ver que havia três figuras nas escadarias de entrada, parou.

Nicholas estava com os mesmos homens trajados de negro ao seu lado e podia sentir o quão poderosos eles eram somente ao olhá-los. Os olhos azuis do homem brilhavam, ansiosos, e podia sentir com sua *Intueri* o quanto ele desejava que aquele momento chegasse.

— Onde está Saori? — perguntou, quando se aproximou o suficiente para que a ouvissem.

Nicholas fez um sinal com a cabeça e um dos seus seguranças entrou na casa, trazendo alguém com ele logo em seguida.

Ao ver a irmã caminhar lentamente até a entrada, sem parecer compreender o que estava acontecendo, Celebriant sentiu seu *Kassan* sibilar nas costas, pronto para o ataque.

— **Saori!** — gritou, não se contendo.

A menina olhou para ela estranhamente e então sentiu seu coração parar: ela não a

reconheceria.

— Saori? – murmurou, ainda em choque.

— Sou eu. E quem é você? – a voz dela saiu delicada e tensa, como se compreendesse que alguma coisa estava errada.

— O que você fez? – grunhiu para Nicholas, sentindo seu *Kassan* subir para os braços e deixá-los brilhando.

— Já a encontramos assim. – ele se defendeu, sorrindo com cinismo.

Apesar de esbanjar sarcasmo, Celebriant percebeu que ele falava a verdade. Engolindo a raiva que sentia, forçou seu poder para dentro, encarando-o com ódio.

— Solte-a.

— Ela não está presa aqui, Celebriant. – o homem sorriu e olhou para Saori – Pegue suas coisas. Você vai embora.

— Como?

— Você ouviu, pirralha, suma da minha frente! – ele fez sinal para seu segurança, que a carregou para dentro.

Podia sentir, com sua *Intueri*, os outros atrás de si, completamente tensos. Ela os orientou a não atacar e esperava que funcionasse. Saori precisava ser salva, e não participar de uma luta que eles não ganhariam. Orientara-os também a não tentar salvá-la, pois a

urgência era resgatarem Saori. Não fazia ideia do que a irmã tinha de tão importante, mas sentia que deveria ficar longe das mãos erradas. No fim, tinha sérias dúvidas se conseguiria sobreviver por muito tempo dentro da casa dos Moringan.

Após o que pareceram horas, Saori apareceu com uma mochila, completamente desnorteada. Nicholas mandou que ela se aproximasse de Celebriant e ela foi, mesmo confusa. Seus olhos se cruzaram e a menina olhou para seu pescoço, parecendo compreender alguma coisa. Celebriant colocou a mão lá, sentindo o colar que Aaminah dera para elas.

Assim que Saori chegou do seu lado, pulou do cavalo, abraçando-a com força.

— Não sei o que aconteceu com você, Saori, mas eu vou tirá-la daqui. Confie em mim, é o melhor.

— Eu a conheço. – ela murmurou, incomodada – Não faço ideia de como ou quem você é, mas a conheço.

— Sim, óbvio que conhece. – respirou fundo, tentando se acalmar – Eu sou sua irmã.

— Irmã? E Lune?

— É nossa irmã.

Ela pensou um pouco, sem compreender. Celebriant colocou-a em cima do cavalo, ajeitando-a com cuidado.

— Você vai sair desses portões e ali encontrará amigos. — sentindo que não aguentaria muito tempo sem chorar, virou o cavalo para os portões — Eles a levarão e farão o possível para recuperar sua memória. E, por favor, fuja e não olhe para trás!

— Mas e você? Eu sinto que não podemos nos separar! — ela começou a chorar, parecendo inconformada.

— Vou ficar bem. Agora vá!

Sem esperar, empurrou o cavalo, que começou a trotar em direção à saída. Sentindo seu peito arder ao ver a irmã sair, virou-se para encarar seu Nicholas. Ele ainda estava nas escadarias, completamente confiante e satisfeito. Quando ele se tornara aquilo? Sabia que ele era egocêntrico, mas agora podia ver que estava mais maduro e... Sombrio.

— Estou aqui, Moringan. — resmungou, ainda parada no mesmo lugar.

Com um aceno de cabeça, um dos seguranças se aproximou, bloqueando os poderes dela com uma nuvem azulada, como já vira tantas vezes nos prisioneiros dos Ocultos. Amarrou suas mãos atrás das costas com uma corda e empurrou-a levemente para onde Nicholas a esperava, completamente indefesa. Antes que chegasse até ele, porém, olhou para trás e viu que Saori alcançara os portões, saindo por eles e desaparecendo na escuridão. Deu um suspiro de alívio.

Nicholas sorria com tanto fervor, que Celebriant teve vontade de morrer ali mesmo.

Podia imaginar por que ele a queria como prisioneira, mas ao ver seu sorriso sabia que seria muito pior do que sequer imaginara.

Ele segurou o braço dela com firmeza, como se estivessem em um baile, e a conduziu para dentro da casa, fechando a porta atrás de si.

\*\*\*

Saori sentia-se completamente confusa e desesperada. Aquela mulher que ficara no seu lugar era alguém importante. Alguma coisa dentro de si tentava lhe dizer que era *muito* importante. Que era com ela que Saori deveria ficar. Mas ela simplesmente a mandara para fora! Mesmo Saori percebendo quão apavorada sua outra irmã estava com aquela situação, não conseguia entender o que significava aquilo. Por que ela estava apavorada? Por que Nicholas a mandara embora?

O cavalo alcançou os portões e Saori olhou para trás. Aquela pessoa importante ainda estava ali, parada, olhando para ter certeza de que ia a salvo. Ainda naquele estado de confusão, percebeu que alguém se aproximava e sentiu seu corpo se contrair.

— *Saorri!* – murmurou o homem – Você está bem?

— Estou, sim. – resmungou.

A irmã dissera que ela podia confiar naquelas pessoas, e, em seu íntimo, sentia o mesmo. Relaxou um pouco, enquanto ele pegava as rédeas do seu cavalo e a conduzia.

— Muito bem. A *senhorrita* vai *ficarr* escondida naquelas *árrvres* com alguns dos guerreiros.

— Eu... – olhou para trás, vendo os portões ao longe – E minha irmã?

— Vamos salvá-la. – ele olhou dentro de seus olhos e Saori percebeu algo que lhe era incompreensível. Não conseguiu atentar para o fato, pois ele logo desviou o olhar.

Esperava que eles conseguissem salvá-la, pois precisava dela. Algo em seu íntimo implorava por aquilo. Acenou para o homem, enquanto outra pessoa montada se aproximava. Ao se voltar para ele, se surpreendeu com dois olhos castanhos. Seu peito ardeu e sua cabeça girou. Antes que pudesse cair, o menino a segurou, colocando-a no mesmo cavalo que ele.

— Saori, você está bem? – ele perguntou, desesperado.

Aquele... Era ele!

Era o rosto dele que povoava seus sonhos, era ele que a chamava, era dele que se lembrava ao ver a pulseira em seu pulso. Sentindo-se leve pela primeira vez, deu um sorriso.

— Sou eu. Eu sou Saori.



\*\*\*

Apesar de ter passado muito tempo desde que Celebriant estivera pela última vez na casa dos Moringan, o local estava praticamente o mesmo, com algumas mudanças sutis.

Nicholas a puxava em silêncio, completamente satisfeito. Seus seguranças acompanhavam os dois, não parecendo muito preocupados.

Tinha quase certeza de onde seria sua morada perpétua a partir daquele momento e assustou-se ao ver que Nicholas passou a sala da lareira, que dava para as masmorras, sem nem pestanejar. Sua *Intueri*, apesar de sufocada, tentava ao longe lhe dizer que havia alguma coisa completamente errada acontecendo. O homem puxou-a escada acima e Celebriant começou a sentir-se mais inquieta.

— Achei que gostaria de me torturar naquelas masmorras. – falou, tentando parecer despreocupada – Vou ganhar um quarto?

— Quase isso. – ele respondeu, encarando-a vorazmente – Acho que você merece algo melhor do que as masmorras, já que viverá o resto de sua vida aqui.

Um calafrio percorreu sua espinha. O modo como ele falara sobre sua permanência na casa deixou-a assustada. Nicholas empurrou-a pelas escadas até alcançarem o segundo

andar, enquanto Celebriant tentava manter sua postura de forte. Quando as escadas terminaram e ele parou, segurando seu braço com força, tentou compreender o que estava acontecendo por ali. Ele fez um sinal com a cabeça e uma mulher surgiu do corredor, vestindo roupas de luta e completamente séria.

— Imperador. — ela cumprimentou, com uma mesura.

— Já sabe o que fazer, Dale. Eu a acompanharei logo.

A mulher desceu as escadas, sem nem olhar para trás. Antes que pudesse compreender o que se passara, sentiu que alguma coisa se segurava firmemente em suas pernas e olhou para baixo, tremendo.

Os olhos castanhos do bebê adentraram nos seus e nada foi capaz de impedir que sua *Intueri* lhe encaminhasse para uma visão do que pareciam ser muitos anos depois. Sua respiração travou. E, de repente, tudo voltava ao que era, com aquele pequenino tentando escalar suas pernas.

Nicholas percebeu o que estava acontecendo. Ao vê-la pálida, deu um sorriso cínico.

— Vejo que conheceu Isaac, não é? — ele deu um sorriso para o bebê, pegando-o no colo.

— Quem... Quem é ele? — perguntou, assombrada, ao ver que o menino fazia força

para se jogar no colo dela.

Mesmo sabendo que aquilo era impossível, por um instante sua mente ficou travada: aquele bebê era muito semelhante a ela. Sentiu seu coração bater mais forte no peito, apavorada.

— Ele é meu filho. Está com quase um ano. – o homem sorriu, enigmático.

Encarou-o, ainda sem compreender, quando viu uma mulher sair desesperada de dentro de um dos quartos, com outro bebê no colo, e Celebriant se assustou ao perceber que o garotinho era uma cópia de Nicholas.

— Senhor Moringan! – ela murmurou, ainda ofegante – Perdoe-me! O menino simplesmente fugiu! Isaac nunca fez isso antes!

— Tudo bem, Jandi. – ele entregou Isaac para ela, que segurou os dois bebês no colo, parecendo agradecida por eles estarem bem – Esses dois, Celebriant, são seus sobrinhos.

— Sobrinhos? – perguntou, incrédula, compreendendo no mesmo instante – Lune?

— Pode ir, Jandi. – murmurou ele, ao passo que a mulher saiu levando os dois bebês, não parecendo perceber nada de errado na situação – O de cabelos negros é Ian, o mais velho e herdeiro, um *Imperi* como eu. – Nicholas olhou para ela com ardor, dando um sorriso voraz – Já Isaac é muito parecido com você e, como tal, um *Intueri*.

Compreendendo o que acontecera, Celebriant olhou para onde os meninos desapareceram, sentindo seu corpo tremer. Nicholas percebeu e aproximou-se, e ela pôde sentir que havia algo dentro dele muito pior do que jamais imaginara. Aquilo a chocou, mas não poderia ficar mais pálida do que já estava. Sentia que não demoraria muito a vomitar se continuasse a perceber aquele tipo de sentimento vindo dele.

— Agora vamos para seu o aposento. — ele informou, ainda segurando seu braço com firmeza, e convocou seus seguranças — Já sabem o que fazer. Ataquem.

Nicholas puxou-a com ferocidade para o corredor. Sem conseguir se mexer direito, andou quase tropeçando, tentando acompanhar os passos dele, mas fez o possível para olhá-lo ao reconhecer sobre o que ele falara.

— Atacar? O que significa isso? — grunhiu, quase caindo no chão.

— Os Rebeldes estão muito próximos para que deixemos essa oportunidade passar. Vamos matá-los. — ele deu um sorriso cínico, puxando-a com força — E vamos recuperar Saori, obviamente.

Celebriant tentou se soltar dos braços dele, mas o homem foi mais forte. Os olhos dele avermelharam por um instante e então tudo ficou escuro.

\*\*\*

Jean sentiu os seus companheiros se encolherem onde estavam escondidos, nas árvores ao redor da residência do Imperador. Mesmo com o *Bloqueio* de Aahbran, todos estavam tensos. Não sabiam até que ponto ele seria válido. E de dentro dos portões da casa dos Moringan, irrompiam muitos Ocultos, todos marchando em direção à saída de Lander.

Deu um sorriso satisfeito. O tal Imperador não era tão difícil de compreender, afinal. Sabia que ele jamais entregaria Saori: sua intenção era matá-los. A chance de estarem tão desprevenidos, achando que os Ocultos não atacariam, era tentadora demais para não a usarem. E, obviamente, Jean usaria aquilo contra eles próprios.

Aahbran aproximou-se dele, acenando em afirmação. O *Bloqueio* do homem os protegia dos Ocultos, portanto eles não veriam nada até que fosse tarde demais. Aguardariam mais alguns minutos, até que todo o contingente de Ocultos estivesse a caminho da entrada da cidade, e somente então atacariam a casa dos Moringan, resgatando a teimosa da Devoy. A fuga seria pelo lado contrário, no caminho das Montanhas Azuis. Conheciam algumas passagens por ali, e conseguiriam alcançar a Base Tecnológica em poucos dias.

Se tudo ocorresse da forma correta, iriam chegar sãos e salvos e não precisariam se preocupar com nada.

\*\*\*

Sentiu que algo a mandava abrir os olhos, mas não queria. Porém aquilo era tão incômodo, que ela finalmente cedeu e abriu, olhando em volta. Estava em um aposento relativamente pequeno e extremamente alto. Parecia ter sido arquitetado depois de a casa estar pronta e era todo composto de pedras rústicas. Apesar de estar escuro ali, podia distinguir um vulto não muito longe dela, perto do que parecia ser uma cama.

O vulto percebeu que ela estava acordada e levantou-se, acendendo as tochas à sua volta, deixando o aposento completamente iluminado. Antes que pudesse recordar onde estava e o que fazia ali, encarou a si mesma na parede.

Sem compreender, olhou atentamente à sua volta e viu que havia várias outras Celebriants, todas a encarando com firmeza, aquele olhar que ela reconheceria como sendo seu desde sempre. O poder que bloqueava seus próprios poderes ainda lançava uma luz azulada à sua volta, porém sentiu sua *Intueri* funcionar e olhou novamente ao redor. Sim, era ela. Em todo o lugar. Sem compreender, virou-se para o vulto e reconheceu Nicholas, sorrindo de uma forma estranha.

Tentou se mover, mas seus braços e pernas estavam presos por correntes na parede,

de forma que podia apenas se movimentar no mesmo lugar. Ainda aturdida, olhou novamente para onde Nicholas estava e sentiu a bile subir-lhe pelo estômago com uma velocidade espantosa.

Em cima da cama, arrumado, estava seu vestido de noiva, aquele que provara tantas vezes e abandonara no dia em que fugiu. O armário ao lado da cama estava aberto e ela pôde ver que dentro dele havia muitas coisas... Todas dela. Roupas, sapatos, vestidos e até roupas íntimas. Chegou a reparar na sua mochila, que abandonara ensanguentada na noite em que fugira, colocada lá como um troféu.

Nicholas apareceu de repente em sua frente, fazendo com que, assustada, ela pulasse para trás e batesse as costas na parede de pedras pontiagudas.

— Está curiosa, não é? – ele pediu, com um tom de orgulho – Tudo isso eu fiz para você.

— Fez? – conseguiu falar, mas o vômito subiu-lhe de novo na garganta e calou-se.

— Claro... O que esperava? Achou mesmo que fugiria de mim? – ele aproximou-se ainda mais, com os olhos esbugalhados – Esqueceu-se do que eu lhe disse antes de você fugir? Você é minha e de mais ninguém!

Antes que pudesse se controlar, virou-se para o lado e vomitou. Nicholas pareceu satisfeito e levantou-se, sorrindo.

— Eu realmente achava que você havia morrido... — ele disse, indo até o armário e pegando uma muda de roupas — Eu peguei isso tudo com o passar dos anos em que estávamos noivos. Acho que você não se importa, não é? Quando achei que tinha morrido, eu vinha aqui, mastigar e engolir a minha grande frustração. Foi quando descobri que precisava pintar novamente.

Apontou para os quadros e aproximou-se de um deles, de tamanho real, com uma Celebriant vestida de noiva... Aquele mesmo vestido em cima da cama.

— Pinteí você como esperava vê-la naquele dia...

Ele guardou a muda de roupas que pegara antes cuidadosamente e foi até o vestido de noiva, sentando-se ao lado dele, parecendo completamente furioso.

— Mas você... — ele voltou os olhos para ela — **Estava viva!**

— Eu disse... — falou, com a voz rouca — Eu jamais seria sua esposa!

Ele aproximou-se tão rápido, que ela não pôde reagir: o tapa atingiu seu rosto com força e Celebriant caiu de lado, sentindo seu *Kassan* tentando escapar do poder que o subjugava para defendê-la, mas não conseguindo mais do que incomodá-la. No mesmo instante, seu rosto pulsou de dor.

— Agora você é minha! — ele gritou, encarando-a com os olhos azuis mais desejosos que ela já vira — E você não vai fugir, nunca mais!



Celebriant levantou a cabeça com ódio e cuspiu no rosto dele, dando um sorriso amargo.

— Eu nunca serei sua!

Percebeu que o homem controlava-se para não bater nela de novo. Mas, incrivelmente, ele apenas levantou, limpando o rosto com um lenço, ajeitando as roupas e lançando um sorriso contente ao vê-la presa.

— Agora eu vou destruir aqueles seus amigos Rebeldes... E trazer Saori de volta. Depois poderemos *conversar melhor*.

Celebriant esperou até o momento em que ele saiu para começar a se remexer furiosamente, com ódio. Não podia ficar ali! Que grande idiotice a dela achar que Nicholas queria apenas aprisioná-la! Ao ver aquele quarto, não conseguia sentir nada além de nojo e desprezo, mas no fundo estava apavorada. O que aquilo tudo significava? O que ele iria fazer com ela?

Depois do que pareceu um bom tempo e Celebriant tentou de todas as maneiras soltar-se de suas correntes, encostou as costas na parede, exausta. Havia sido uma idiota. Naquele instante, os Rebeldes estavam saindo de Lander, seguros de que nada iria acontecer a eles. Quanta ingenuidade. Nicholas não era mais o mesmo. Tornara-se um líder, muito mais esperto do que o ingênuo garoto que deixara para trás no dia do casamento.

Era como se horas tivessem passado quando ouviu a porta se mover e alguém entrar por ela. Retesou-se no mesmo instante, preparada para ver Nicholas entrar e lhe contar como os Rebeldes foram massacrados, mas seus olhos piscaram várias vezes ao ver quem realmente entrara ali.

— Lune? – sussurrou, incrédula.

A irmã deu um sorriso, tão frio, que Celebriant pôde reconhecer sua mãe nela. Era a mesma, um pouco mais encorpada, provavelmente pelos anos de exercício e sua gravidez recente. Vestia roupas oficiais do Oculto e seus cabelos negros estavam presos. Carregava à sua cintura uma bainha com uma espada média e um punhal; também havia uma pequena bolsa de couro negro. Parecia completamente deliciada ao ver a irmã ali, mas ao mesmo tempo ela não conseguia esconder a raiva.

— Acho que essa pergunta deveria sair dos meus lábios. – falou, aproximando-se lentamente, ainda sorrindo com cinismo – Celebriant? Você está viva?

— Você já sabia disso. – confirmou, ao ver o sarcasmo nela.

— Oh, sim. Eu sempre desconfiei. Mas minhas dúvidas só foram sanadas no resgate de Saori. Quem mais viria atrás dela, afinal? Somente você.

— Mas seu marido não sabia disso até pouco tempo... – grunhiu, incomodada – Foi você que tirou as memórias de Saori?

— Não. — ela sorriu, sincera — Nossa caçula apareceu dessa forma. Completamente sem memórias e totalmente fácil de manipular. Como se o destino estivesse me dando uma nova chance para cuidar dela.

Celebriant sentiu o ódio subir em suas costas, mas seu *Kassan* estava impossibilitado de uso pelo poder que o aprisionava.

— Mas eu não vim aqui para revê-la ou relembrar nosso amor de irmãs. — ela se aproximou ainda mais e desembainhou um pequeno punhal, enquanto pegava algo de dentro da bolsa de couro — Eu vim aqui a pedido do meu marido. Porém, quero ter certeza de uma coisa.

Antes que pudesse se mexer, Lune a imobilizou, puxando as correntes e fazendo com que ficasse de pé na parede, seus braços e pernas esticados a ponto de não poder movimentá-los. Tentou se soltar, mas a mulher encarou-a sombriamente e segurou algo que parecia uma seringa em sua mão. Lune, então, colocou a agulha em sua perna, empurrando o conteúdo avermelhado para dentro de suas veias. Quando terminou, a irmã afastou-se dela, parecendo completamente concentrada, como se esperasse uma reação.

— O que significa isso? — perguntou, ainda sem conseguir se mexer.

Lune não reagiu. Por alguns minutos ainda permaneceu séria e rígida, e então bufou, completamente irritada. Celebriant percebeu que as mãos dela tremiam levemente, mas ela

controlou-se antes que pudesse sequer comentar.

— Imune. *Kassan* é imune ao veneno de outro *Kassan*... — Lune murmurou e balançou a cabeça.

Celebriant ficou alguns segundos encarando-a, tentando processar o que aquilo significava quando Lune se aproximou de novo. Sem poder se mexer, ficou a centímetros de seu rosto, enquanto ela sacou o punhal e, com firmeza, cortou sua blusa, abrindo um buraco relativamente grande nela. Sem nem pestanejar, fez um corte no seu ombro. Sentindo o ardor do ferimento, encarou a irmã nos olhos, firme, com sua *Intueri* fazendo o possível para trabalhar.

— O que está pretendendo com tudo isso, Lune? — murmurou, tentando se livrar do aperto — Eu conheço você mais do que imagina! Sei que planeja algo!

Lune não sorriu, mas lançou-lhe um olhar risonho, e Celebriant sentiu algo quente escorrer pelo seu ombro, entrando no ferimento vagarosamente.

— Tenho planos, sim, mas obviamente você jamais saberia deles.

Assim que terminou de despejar o conteúdo do que quer que fosse, ela afastou-se um pouco, parecendo ainda frustrada. Olhando de relance, pôde ver que de seu ombro escorria algo viscoso e verde-escuro. Mesmo se quisesse limpar, não conseguiria: aquilo foi rapidamente absorvido pelo seu corte, que ficou aberto e sangrando levemente. Lune soltou

as correntes, do jeito que estavam antes (fazendo-a cair de qualquer jeito no chão), e guardou seu punhal na bainha.

— Meu trabalho está feito. — ela virou-se, sem nem olhar para trás, e saiu do quarto.

— Lune! **Lune!** — gritou, tentando chamá-la, mas ela foi embora.

Não se sentia diferente de maneira alguma e pôs-se a pensar no que acontecera. Ainda podia sentir o local onde Lune aplicara a injeção e teve que segurar o vômito. Pelo que ela dissera, pôde compreender, naquele momento, que Lune aplicara seu próprio sangue nela. O que aquela maluca estava querendo dando-lhe sangue? Lembrou-se das palavras: imune. Sabia que um dos poderes de *Kassan* era envenenamento, mas nunca vira ninguém, nem seus pais, alcançarem o nível necessário para tanto. Sentindo um frio por dentro, olhou para o corte em seu ombro, que parara de sangrar, e suspirou. Não tinha o que fazer. Deveria somente esperar.

\*\*\*

Ao sair do quarto, Lune deu um sorriso feliz e fez uma chama com seu *Kassan*, jogando-a no carpete com um ar de inocente. No mesmo instante, o fogo começou a se alastrar levemente. Não demoraria muito para ele destruir aquele quarto inteiro e,

juntamente com ele, sua querida irmã.

\*\*\*

Nicholas aguardava ansioso no andar inferior. Estava esperando Lune para poderem se juntar aos Ocultos. Não queria perder aquela luta por nada. Ao ver que sua mulher descia as escadas com um olhar tranquilo, grunhiu:

— E então?

— Ela foi envenenada. O antídoto está no nosso quarto, onde lhe mostrei.

— Muito bem. Quando eu voltar, a quero bem fácil de lidar.

— Ela não vai ter força para resistir, mas estará completamente consciente, pelo menos por algum tempo.

— Muito bom. Então vamos. – ele murmurou, sentindo a adrenalina apressar seu coração.

No momento em que abriram a porta, porém, Nicholas foi lançado longe. Sem compreender muito bem, levantou-se com a ajuda de um dos seus seguranças e aproximou-se da passagem. Seu jardim estava dominado por Rebeldes, todos aqueles que ele vira quando chegara.

— O que significa isso? – gritou, irritado, mas não obteve resposta.

Um deles se aproximara rapidamente, com uma espada em mãos, e só não o acertou porque Nicholas conseguiu sacar sua própria espada antes. O homem encarou-o com firmeza, completamente ciente de com quem estava lutando. Ele tinha cabelos brancos e lembrou-se: era o homem/menino que lutara com ele na Base Rebelde.

Desviou-se, não conseguindo muitas brechas. Aos poucos, percebeu todos os golpes dele e começou a atacar. Tentou várias vezes usar seu *Imperi*, sem sucesso. Seus seguranças lutavam com dois cada um, impedindo que mais Rebeldes entrassem na casa. Viu, ao longe, Lune nos jardins, destruindo o máximo que conseguia. Alguns Ocultos, ainda ali, lutavam sem sucesso contra os atacantes, mas seriam massacrados em instantes.

Concentrou-se, conseguindo acertar o ombro do oponente e com isso afastá-lo dele. Naquele mesmo instante, correu até um de seus seguranças, matando o homem com quem ele lutava para liberá-lo.

— Vá até Naiara e mande-a voltar!

O homem concordou sem pestanejar e saiu correndo. Nicholas voltou-se para o Rebelde de cabelos brancos, que se aproximara dele com cautela.

— Você está morto, Rebelde! – grunhiu, com ódio.

— Eu não acreditaria nisso se fosse você! – ele falou, e o atacou novamente.

\*\*\*

Celebriant estava deitada no chão.

Provavelmente adormecera, mas não sabia como conseguira tal façanha. A última coisa que lembrava era de Lune saindo daquele quarto e não conseguia encaixar aquilo em um tempo certo.

Tentou levantar, mas sentia-se completamente enfraquecida. Sua visão estava nublada e não parava de tossir, por alguma razão. Seus olhos piscaram, ardidos, e ela tentou compreender o que estava acontecendo. Quando conseguiu, acordou completamente no mesmo instante.

Tudo estava impregnado com fumaça. Apesar de sua mente estar alerta, seu corpo não respondia aos estímulos. Por mais que tentasse se mexer, não conseguia. O máximo que conseguiu foi levar a mão até a boca, para não respirar tanta fumaça.

O quarto estava quente. O fogo provavelmente estava do lado de fora. Ao que pareceu segundos, seu peito ardia cada vez mais e sua mente começou a perder o foco novamente.

*Calor* foi o pensamento que a dominou. Muito calor. Antes que pudesse reagir, tudo



escureceu.

\*\*\*

Havia um número tão maior de Rebeldes, que Jean não precisou muito para se infiltrar entre eles e correr para dentro da casa. Logo na entrada estava a maioria dos Ocultos, lutando cada um com no mínimo dois oponentes. Sentindo uma urgência invadi-lo, ele correu escadaria acima, quando percebeu que alguém o acompanhava.

— O que está fazendo aqui, Lynx?

— Você está indo salvar a Celebriant e eu estou indo te ajudar! – ele bufou.

— *Nom attrrapalhe.* – disse simplesmente, voltando a correr para o andar superior.

Já não gostava muito daquele garoto e sentiu-se completamente incomodado com a presença dele. Mas ele tinha *Speede* e provavelmente seria uma boa ideia usá-lo para tirar Celebriant dali. Ao alcançar o segundo andar, percebeu que estava completamente cheio de fumaça: estava pegando fogo.

— Ela está aqui? – desesperou-se Lynx – Onde?

Fechou os olhos, concentrando sua *Intueri*. Em alerta, ela apontou para o interior do corredor e Jean não pensou duas vezes: entrou na fumaça. Lynx o acompanhou, correndo. No

final do corredor, onde havia outra escadaria, viu que era onde o fogo estava mais alto, consumindo tudo o que podia. E era ali em cima que ela estava.

— Aquele maldito ia matá-la queimada? – falou Lynx, incrédulo.

— Fique aqui! – gritou – Eu vou buscá-la!

Antes que Lynx pudesse retrucar, cobriu seu rosto com seu casaco e correu escadaria acima. O fogo consumia cada parte daquele lugar e produzia muita fumaça. Jean não conseguia enxergar nada. Sentindo que não tinha muito tempo, correu para o final do corredor, onde o fogo praticamente consumira tudo. Ali, atrás de uma tapeçaria queimada, havia uma porta, parcialmente destruída pelo fogo. Deu um impulso e despedaçou-a, caindo no chão pela força.

Olhou em volta, procurando por ela. A fumaça preenchia aquele lugar também, mas não tão intensamente como no corredor, e pôde reparar no que havia lá dentro. Seu choque o consumiu por alguns instantes, enquanto ele avaliava o cenário de Celebriants que via. Antes que pudesse pensar em algo mais, sentiu sua *Intueri* gritar e ele olhou para o lado.

A verdadeira Celebriant estava acorrentada à parede, caída no chão e completamente inerte. Com rapidez, rompeu as correntes com sua espada, deixando apenas as algemas ainda presas aos pés e braços dela. Pegou-a no colo e correu.

Assim que alcançou o segundo andar novamente, Lynx se aproximou, parecendo

preocupado.

— Ela está bem?

— *Nom* sei. Corra com ela, Lynx, e a leve até sua *irmã*. *Nom parre* até ela *estarr* nas mãos de Phoebe!

Viu o homem sumir com Celebriant no colo e correu também. Precisavam sair dali, pois tinha consciência de que os Ocultos não demorariam a voltar à casa dos Moringan. Assim que conseguiu alcançar a porta da frente da casa, percebeu que todos saíram.

Correu o mais rápido que pôde, mandando todos recuarem. Os guerreiros entenderam, recuando o quanto antes. Viu Aahbran empurrar o tal Imperador muito longe e começar a correr também, pegando seu cavalo no caminho. Os dois se encontraram já nos portões e todos seguiram como o combinado, onde sabiam ser o mais rápido. Aahbran se concentrou, usando seu *Bloqueio* para fazê-los desaparecer enquanto ainda corriam.

— Celebriant? – perguntou ele, um pouco ofegante.

Jean percebeu que ele estava machucado em várias partes do corpo, mas não parecia incomodado com aquilo. Lembrando-se do estado de Celebriant, fez com que seu cavalo corresse com mais intensidade.

— Pedi *parra* Lynx levá-la até Phoebe. Ela estava *desacorrdada* e o *terrceiro andarr* em chamas.

— Ela não estava nas masmorras? – Aahbran pareceu preocupado.

— *Nom.* Estava em um *quarrto*, *acorrentada* e...

Ao perceber que Jean não falara mais nada, Aahbran tentou olhá-lo, mas fez o possível para não o encarar, pois não queria alarmá-lo.

— Deixe isso *parra* depois. – respirou fundo, avançando com rapidez – Mas saiba que o *Imperrador* vai *perrseguir* a *garrota* até ele *conseguirr* pegá-la de novo.

Aahbran anuiu, parecendo preocupado. Ao longe, podia ver as Montanhas Azuis se aproximando. Demorariam algumas horas para chegar e Jean sentia seu corpo tremer de preocupação.

\*\*\*

Assim que os Rebeldes desapareceram, fugindo, Lune sabia o que eles haviam conseguido e bufou com ódio. Os Ocultos enviados para exterminar os Rebeldes voltaram pouco depois de eles sumirem, causando com essa demora perdas gigantes: a maioria dos que permaneceram ali estavam mortos. Todo o jardim dos Moringan estava coberto de corpos e destruído. Estava irada e poderia matar todos ali. Sua menor preocupação era ver o estrago feito na casa e conferir se Nicholas estava bem, mas era o que seria indicado

fazer.

Alcançou a entrada da casa, onde havia agora uma guarda fortificada, e entrou no hall. Nicholas estava ali sentado, com um *Curare* ao seu lado verificando seu corpo à procura de qualquer machucado.

— Lune! – ele chamou ao vê-la – Nossos filhos?

Aqueles pirralhos! Vira a babá correndo com eles antes de ir para os jardins lutar, portanto estavam a salvo. Como se eles fossem importantes! Respirou fundo, tentando se controlar.

— Estão a salvo. – falou, aproximando-se – Jandi conseguiu fugir antes de eles invadirem a casa.

— Que bom. – ele suspirou, aliviado, e então a encarou significativamente – Vá ao terceiro andar!

Ela acenou, já sabendo que o marido ficaria irado ao descobrir o que ela já sabia. Mesmo sem ter confirmado, não havia outro motivo para os Rebeldes entrarem na mansão dos Moringan, a não ser para resgatar sua irmã. Ao alcançar o terceiro andar, sentiu o cheiro de queimado muito forte. O fogo estava quase todo apagado, pois os empregados conseguiram domá-lo assim que os Rebeldes fugiram. Mesmo assim, ele consumira grande parte do segundo andar e o terceiro fora praticamente destruído. Incluindo o quarto onde sua

irmã estava refém. Nele sobraram apenas alguns pertences do guarda-roupa e quadros, as pedras e as correntes onde ela estava aprisionada. Aproximou-se, verificando as correntes: rompidas. Como ela imaginara, aquele ataque era um resgate. E quando pensou nisso, teve que assumir que nem tudo fora um fracasso: apesar de todo o esforço deles, Celebriant morreria em no máximo um dia.

Ouviu um movimento às suas costas e levantou-se, vendo o marido completamente furioso ao testemunhar o estrago do local.

— Eles a levaram, Nicholas. — falou, encarando-o com seriedade e com o ódio em cada palavra — Cortaram as correntes. E, pelo jeito, colocaram fogo ao sair, como uma lembrança.

— Lune. — ele se aproximou, ficando a centímetros dela — O que vai acontecer se Celebriant não tomar o antídoto?

— Você sabe essa resposta, Nicholas.

O grunhido de ódio saiu tão rapidamente da boca dele, que Lune não conseguiu fechar os ouvidos a tempo e sentiu-os doer. Completamente irado, ele chutou os restos da cama, que terminou de se desfazer como se fosse poeira, em seguida voltando seu ódio para os quadros e o guarda-roupa, ambos chamuscados.

— Isso não deveria ter acontecido! Eu a tinha aqui! **Presa!**

— Sim, você a tinha! — Lune puxou o braço do marido, fazendo-o encará-la — E tínhamos Saori! Lembra-se do que fizemos com ela, Nicholas?

— Eu não quero nem saber de Saori! — ele grunhiu, ainda destruindo tudo o que encontrava pela frente.

Lune respirou fundo, sentindo seus braços chamuscarem. Estava precisando matar alguém para livrar aquele sentimento de derrota que a dominava. Como pudera ser tão idiota?! Os Rebeldes pensaram além dela, souberam exatamente como ela agiria! Nicholas finalmente parara com seu ataque de fúria e pôs o rosto nas mãos, inconsolável. Lune teria posto tudo a perder em segundos, simplesmente matando aquele inútil do seu marido. Já havia matado um Imperador, não teria problema nenhum em matar outro. Seu *Kassan* se pronunciou nas mãos e nos braços, fazendo-a brilhar em vermelho. Dominando-a com o ódio que sentia, seu poder queria destruir, matar, consumir, e ele era um alvo perfeito para descarregar tudo aquilo que estava sentindo.

Porém, se lembrou de tudo o que passou até ali e forçou seu poder a diminuir. Seus braços e mãos voltaram ao normal, apesar de a raiva pulsante ainda estar ali. Nunca perdera, é claro, nunca havia sido derrotada. Mas aquilo era algo que não aconteceria mais. Teria que continuar com o plano. Depois veria como recuperar a irmã. Ainda tinha um trunfo em Saori. Não colocaria tudo a perder por falta de controle.

Olhou para Nicholas, que ainda estava sem reação. Precisava mantê-lo com ela. Pelo menos por enquanto.

— Temos que avisar nossos informantes. – obrigou-se a falar, tentando baixar a irritação e parecer preocupada.

— É muito cedo para qualquer informante nos avisar. E quando eles puderem fazer isso, será tarde demais.

Lune pelo menos sabia que Celebriant estava eliminada. Não havia nenhum Rebelde que tivesse conhecimento do antídoto, porque aquele veneno era obra exclusivamente sua.

Com o marido e suposto Imperador dos Ocultos completamente desnordeado no chão, Lune pensou que aqueles Rebeldes fizeram um grande favor aos seus planos. Teria que reorganizar seus pensamentos, é claro. Montar uma nova estrutura de busca e modificar alguns movimentos. Bufando, virou as costas para Nicholas e desceu as escadas em direção aos jardins. Iria pulverizar cada corpo de Rebelde e Oculto que encontrasse, estando mortos ou ainda vivos.



## Capítulo 10 – A história de Phoebe

O silêncio naquela caverna escura estava quase a enlouquecendo. Ao seu lado, Seanna também estava na mesma posição que ela, sentada com as costas na parede, aguardando, o que só deixava Phoebe mais irada. Sua preocupação atingia níveis extremos e tentava ao máximo se controlar, para não preocupar ainda mais a amiga.

Mesmo tendo capacidade de lutar ao lado dos Guerreiros, Seanna não quis deixá-la sozinha. Não que Phoebe fosse uma inútil: tinha anos de treinamento físico e sabia atacar e se defender. Mas seu poder não seria de ajuda alguma durante a batalha. Ele seria muito importante para depois, na cura dos feridos. Por isso, deveria estar descansada, para conseguir usá-lo. Entretanto, mesmo consciente da situação, Phoebe não se conformava.

Todos os seus queridos amigos, inclusive seu único irmão, estavam lá, indo para uma luta que, mesmo com sorte, não tinham garantia de sobreviver. Pelo menos não todos. Muitas seriam as perdas em um confronto direto com os Ocultos e Phoebe sabia disso muito bem. Como ouvira da boca de Celebriant algum tempo antes, Ocultos não deixavam seus inimigos vivos.

Respirou fundo, encostando-se novamente na parede de pedra atrás de si. Seus

pensamentos voaram para os anos que percorreu, tentando passar o tempo mais rápido. Seu primeiro vislumbre de um passado distante foi os rostos de seus pais, o que a fez fechar os olhos com dor. O que seria deles se seus pais não tivessem morrido? Estariam nessa luta também? Poderia Phoebe ter agido diferente?

Desde que ficou sozinha com seu irmão, nunca se separara dele por conta de uma batalha. Ulisses sempre fora forte e teimoso, mas para sua sorte também tinha um grande coração. Quando Erik saiu da Base, Ulisses prometeu que cuidaria do irmão dele até seu retorno. E, por ele não ter retornado, o irmão tomou para si o menino, cuidando dele como se fosse mesmo um irmão.

Aquele pensamento a fez lembrar-se de sua própria luta, com dez anos de idade e com uma criança pequena para tomar conta. Naquele tempo sentiu-se várias vezes injustiçada pelo que acontecera, mas nunca colocava aquilo para fora, pois o peso da responsabilidade sempre rondava sua consciência. A morte dos pais era culpa dela e somente dela. O irmão se salvara por sorte e ela não poderia perder a única pessoa que restara de forma alguma.

Durante meses, Phoebe e Ulisses vagaram de lugar a lugar, sempre conseguindo comida e abrigo por serem jovens. Algumas famílias os abrigavam por um curto tempo, mas a grande maioria não queria se comprometer. E foi então que Phoebe conheceu um garoto

que mudaria a vida dela para sempre.

Já tinha ouvido sobre os Rebeldes e seus terríveis ataques. Como ela não conhecia nada a respeito deles, só julgava pelo que conseguia captar das conversas, e não eram dizeres agradáveis. Para ela, os Rebeldes eram pessoas más, que tentavam matar os outros para impor sua vontade, destruir o pequeno mundo que conhecia. E em sua convicta imaginação, foram eles que mataram seus pais, pois o governo nunca poderia ter feito parte daquilo. O governo somente tentaria levá-la, e não mataria seus pais! Ao pensar nisso, sentia um misto de arrependimento e incredulidade. Como pudera acreditar naquilo? Presenciara um ataque dos Ocultos e o atribuíra aos Rebeldes! Provavelmente era o que a maioria das pessoas pensava. A maldita lábia do governo...

Sua peregrinação passara por muitas cidades e até países. Mas, entre todos, Phoebe realmente sentia que Eututre era um marco em sua vida: foi onde conheceu Samuel.

Mesmo ele sendo um adolescente (eram cinco anos de diferença), Phoebe se apaixonou pela forma como ele usava seu *Curare*. Com ele aprendeu quase todas as técnicas e a usar seu poder da forma que sempre sonhara.

Naquela época em que esteve em Eututre, Ulisses ainda era uma criança de quatro anos e ela não conseguia mais convencer as pessoas a lhe fornecerem comida. Conseguiram apenas um lugar mais fechado, que lhes daria algumas noites de sono protegidas. A fome,

entretanto, era uma constante sem solução. Assim, passaram dias, conseguindo alguns nacos de comida, pouca e insuficiente. O frio os consumia e ela sabia que logo teriam que ir para um lugar aquecido ou ficariam muito doentes. Tinha completa consciência de que, mesmo sendo *Curare*, poderia adoecer também, e isso a impossibilitaria de curar seu irmão.

No dia em que Samuel os encontrou, já estava muito fraca, uma vez que precisou usar sua energia para manter a saúde de Ulisses. Ele os viu com fome e com frio, em um canto afastado do vilarejo. O menino se aproximou deles, oferecendo-lhes um saco com pães e algumas frutas. Phoebe agradeceu, achando o gesto muito bondoso. No dia seguinte, ele os encontrou de novo e entregou mais comida.

Apesar de sua desconfiança inicial, a comida não fez mal, portanto simplesmente agradeceu a gentileza. E assim, ele continuou todos os dias procurando por eles na feira do vilarejo, e Phoebe começou a se sentir incomodada com aquela situação. Por que aquele menino estava gastando o que provavelmente não tinha (era só olhar as vestes dele, completamente velhas e desgastadas) para ajudá-los?

No dia seguinte, quando ele veio com mais comida, ela tomou coragem para agradecer e perguntar se poderia ajudá-lo em algo, já que ele nunca cobrara pela comida. O menino pareceu feliz quando lhe explicou que era o médico daquele vilarejo e que estava precisando de um ajudante. Sua feição de desconfiança o fez rir, mas ele mostrou um

certificado assinado pelo responsável da Vila, provando que falava a verdade. Mesmo suspeitando (tinha apenas onze anos e não tinha quem a defendesse caso o menino estivesse com más intenções), Phoebe aceitou, uma vez que precisava dar um abrigo a Ulisses o quanto antes. Entretanto, prometeu a si mesma que jamais ficaria sozinha em companhia daquele garoto.

No dia seguinte, mudou-se para a casa dele juntamente com Ulisses. Ele morava em um lugar pequeno, com dois quartos. Samuel pediu que eles ficassem com um dos quartos e se sentissem à vontade, pois naquela semana teria que visitar alguns pacientes. Phoebe perguntou quando iria acompanhá-lo, mas ele insistiu que ela descansasse alguns dias antes de fazê-lo.

A companhia dele era agradável. Em nenhum momento tentara qualquer movimento rude ou mal-intencionado quanto a ela e o irmão. Ulisses realmente gostava de ter a companhia de um garoto. Apesar de ter apenas quatro anos, ele adotou Samuel mais rápido do que esperara e os dois passavam horas juntos, fazendo com que Phoebe se sentisse um pouco aliviada. Não sabia quanto tempo passariam ali, mas pelo menos o irmão poderia aproveitar alguém que fosse atencioso.

Uma semana depois, quando Ulisses já havia ido dormir, Phoebe terminava de organizar a casa após o jantar, quando Samuel pediu para conversar com ela.

— Amanhã eu gostaria que me acompanhasse, Phoebe.

— Claro. – ela falou, sem pestanejar.

Phoebe estava muito interessada em ver como alguém sem *Curare* trabalhava. Seria muito importante aprender a trabalhar sem a ajuda de seu poder. Mesmo querendo aprender como usá-lo, sabia que aquele menino não poderia ensiná-la. Contudo, seu coração apertou e olhou diretamente para o quarto onde Ulisses dormia.

— Ele vai ficar bem. – murmurou Samuel, sorrindo – Conversei com ele essa semana sobre isso. Uma amiga minha irá cuidar dele.

Phoebe assentiu, ainda incomodada.

No dia seguinte, logo cedo, Phoebe despediu-se de Ulisses, implorando para ele não destruir a casa e obedecer à senhora que cuidaria dele, e saiu com Samuel.

Apesar de tudo, o garoto era silencioso e ela pouco sabia de sua vida além de ser médico. Mesmo tendo quinze anos, a forma como ele agia lembrava alguém bem mais velho, talvez por sua profissão. Ele conversava com ela sobre assuntos diversos, mas nunca mencionara qualquer informação sobre si.

A primeira casinha a que foram era pequena e frágil, caindo aos pedaços. Ao contrário do que esperava, no entanto, a família era atenciosa e gentil e o interior era limpo e bem cuidado.

Depois de ela ser apresentada como ajudante de Samuel, o garoto se aproximou da cama de palha que ficava no meio da casa. O enfermo estava deitado, parecendo sofrer, mas mesmo assim sorriu ao ver o médico. A família falou para eles que as dores tinham voltado e que ele não conseguira dormir à noite.

Enquanto examinava o paciente, Samuel explicou para ela que aquele senhor sofria de uma doença desconhecida, que o destruía pouco a pouco. Mostrou a ela como proceder para os primeiros exames, e enquanto ele habilmente cuidava do senhor, Phoebe sentiu uma vontade gigante de usar seu *Curare* para tentar descobrir o que ele tinha.

Samuel não sabia que Phoebe tinha *Curare* como poder, e quando chegassem em casa, faria com que ele soubesse. Se usassem seu poder, com certeza poderiam curar mais pessoas, e aquilo sempre foi o sonho dela. Parecendo perceber algo, Samuel orientou-a a pegar alguns instrumentos em sua mala de couro surrado, com os quais ele parecia verificar os dados vitais do paciente.

Mesmo misterioso, Samuel era simpático e sorridente com o paciente, sempre conversando com ele e rindo de suas anedotas. Assim que pareceu terminar o que fazia, ele abriu sua mala e pegou um vidro com um líquido laranja e entregou para a esposa do paciente.

— Use da mesma forma, Margarida. Vai ajudá-lo com as dores.

— Obrigada, doutor.

Samuel, então, organizou suas coisas, aproximando-se novamente do paciente. Com delicadeza, tocou seus braços, como um sinal de despedida. Naquele instante, Phoebe percebeu algo diferente: o médico não parecia apenas tocar com aquele gesto, mas sim examinar o senhor. Uma luz levemente azulada cobria suas mãos, e, chocada, ela teve a certeza de que Samuel era um *Curare* também.

Antes mesmo de conseguir abrir a boca, Samuel soltou o braço do paciente, parecendo um pouco mais pálido do que o normal, e despediu-se dos moradores, chamando Phoebe para sair.

Ele era um *Curare*! Por que ele não lhe contara aquilo? Se ele tinha mesmo esse poder, por que não o usava para a cura? Era algo que poderia salvar aquele senhor! Assim que saíram da casa, abriu a boca para falar, mas, pela primeira vez, viu os olhos de Samuel faiscarem, gelados.

— Conversaremos mais tarde. — ele murmurou, voltando a caminhar, sem maiores explicações.

Phoebe sentiu suas bochechas arderem em vermelho, tamanha foi a raiva que sentiu. Ela estava sendo ajudada por ele, sim, não tinha motivos para reclamar da sua hospitalidade. Mas se ele realmente queria que ela fosse sua ajudante, teria que ser mais



sincero do que estava sendo.

O dia passou rápido, com Samuel atendendo os pacientes tranquilamente e algumas vezes usando seu poder sem que ninguém percebesse. Apesar de curiosa, guardou suas perguntas, esperando o momento em que ele falaria com ela. E esse momento chegou depois que Ulisses foi dormir, enquanto Samuel fazia um chá quente e os dois se esquentavam no amontoado de cobertas que servia como sofá, em frente a um buraco na parede, que era usado como lareira da casa. Ao perceber que o garoto tomava seu chá em silêncio, tentou se segurar, mas a curiosidade era maior.

— Samuel? – chamou, sem saber como começar.

— Phoebe. – ele murmurou, encarando-a com um ar risonho.

Respirou fundo, sentindo seu rosto ruborizar novamente.

— O que foi? – ele perguntou, ainda risonho.

— Você sabe o que quero saber.

— Ah, sim... Eu sei. – ele tomou um gole do seu chá, pensativo – Quer saber por que eu não lhe contei que sou um *Curare*.

Phoebe assentiu, sentindo a curiosidade corroê-la.

— Bem, acho que pelo mesmo motivo que não uso meu poder abertamente. Veja, você é a primeira *Curare*, depois de mim, que vejo longe do governo.

O choque a percorreu lentamente e por alguns segundos ficou sem conseguir falar.

— Como... Como sabe que eu sou uma *Curare*?

— Eu vi você usando seu poder no seu irmão.

— Foi por isso que você se aproximou! – ela grunhiu, irritada.

Então toda a hospitalidade dele era falsa! Era só um meio de conseguir seu poder!

Irritada, fez menção de se levantar, mas ele segurou seu braço levemente.

— Eu quero protegê-la, não vou lhe fazer mal.

— Do que está falando? – falou, completamente irada.

— Não sei quanto sabe, por isso vou lhe perguntar. O que aconteceu com você? Por que está aqui? Onde estão seus pais?

Engolindo em seco, Phoebe travou e virou o olhar para a porta, mas o garoto parecia genuinamente interessado. Sem encará-lo, acabou contando tudo o que acontecera, desde a chegada dos agentes do governo até o momento em que Samuel os acolheu. Ele pareceu pensar alguns minutos e então a encarou com veemência.

— Como eu desconfiei, sua vida é muito parecida com a minha. E, provavelmente, de todos os *Curares* desse mundo. – ao ver que ela ainda não compreendera, ele suspirou, cansado – Você já ouviu falar nos Rebeldes, certo, Phoebe?

— Sim. – murmurou, incomodada – Aqueles que o governo caça.

Samuel encarou-a por alguns segundos e então começou a rir. Sem saber o que estava acontecendo, ela apenas olhou para ele, esperando uma explicação.

— Você foi bem treinada por eles. — ele falou, perdendo o sorriso e se tornando completamente sério — A primeira coisa que tenho que lhe dizer é: foi o governo que matou seus pais.

— Não. — grunhiu, sentindo-se novamente ruborizar com a raiva — Eu matei meus pais. Se eu estivesse lá, seria diferente.

— Bom, Phoebe, eu digo que não. Seus pais estavam tentando protegê-la. Veja bem, qualquer *Curare* nascido neste mundo é marcado.

— Marcado?

— Sim. Os *Taksa*, ao verem que o nascido é um *Curare*, enviam uma carta ao governo, anunciando o nascimento. E quando atinge a idade de dez anos, eles recrutam a criança obrigatoriamente, para ser uma *Curare* do governo.

— Isso é... Eu não compreendo.

— Isso foi o que aconteceu comigo. E foi assim que eu conheci os Ocultos e o que eles fazem por trás do governo.

— Ocultos?

A cabeça de Phoebe girava com as novas informações, e o garoto deu um sorriso,

colocando a mão em seu ombro, fazendo-a enrubescer, mas não de raiva.

— Sim. Eu explicarei melhor e você vai entender. Mas lembre-se sempre: *Curare* é um poder que o governo caça. Portanto, não diga a ninguém o que somos, ou irão nos caçar também. E não teremos chances de fugir se souberem de nós.

Phoebe voltou à realidade com Seanna sentando-se ao seu lado, parecendo tensa. Respirou fundo. Ficara imersa em suas memórias, esquecendo-se completamente da amiga.

— Está tudo bem? – Seanna perguntou, preocupada.

— Essa espera me agonia. – murmurou.

— Eles já devem ter atacado. Agora nos resta esperar.

Respirou fundo, incomodada. Aquilo nunca a deixava feliz. Tratar feridos de guerra era muito difícil, pois ela sabia, no fundo, que aquilo deveria acabar. Por que todas aquelas lutas?

Essa foi uma das perguntas que Phoebe lançara para Samuel alguns anos depois. Muito se passara e eles continuavam agindo como médicos, mas não demonstravam seu poder. Por alguma razão, Samuel não ficava muito tempo em qualquer lugar. Sempre que estava ficando reconhecido como médico eficiente, tratava de sair da vila e ir para outra, em uma peregrinação interminável.

Naquela época, Phoebe estava com quatorze anos e passara de ajudante a médica.

Aprendera muito com aquele garoto – que se transformara em homem – e todo seu amor pelo *Curare* nascera com a ajuda dele. Também descobrira a verdade por trás do governo, quem eram os Ocultos e os Rebeldes e como aquilo se encaixava perfeitamente em sua história traumática.

— Sabe, Phoebe, não sei quando vai acabar. Mas irá acabar. – Samuel respondeu, suspirando.

— Eu não consigo ver uma saída. – murmurou, irritada. – E penso em Ulisses, desde cedo correndo em busca de algo para viver. Não quero isso para ele.

— E você não pode julgá-lo. Ele quer lutar. É um garoto forte, Phoebe. – ele sorriu, segurando a mão dela – Tem potencial, apesar de ser um pouco melodramático.

Phoebe deu uma risada baixinha, não querendo acordar o irmão, que dormia no quarto perto da sala. Foi então que percebeu que Samuel ainda segurava sua mão e encarou os olhos castanhos dele, avaliando-o como sempre avaliara. Cabelos também castanhos, a pele branca como a neve que caía lá fora. Quando o conheceu, era apenas uma menina, sem ter para onde ir. Três anos se passaram, mas ela ainda mantinha aquela paixão dentro dela, por um garoto que a acolheu e cuidou dela e de seu irmão e que depois disso se tornou seu melhor amigo, professor e a pessoa à qual seu coração sempre pertenceria. Toda vez que pensava nisso, sentia-se ruborizar e não queria que ele percebesse seus sentimentos. Nunca

queria perder aquela amizade.

Samuel pareceu perceber o rubor dela e sorriu, passando os dedos gentilmente pela face dela.

— O que foi?

Sentindo o corpo tremer, tirou sua mão debaixo da dele, sem saber onde se enfiar. Ele pensou um pouco e sorriu novamente.

— Depois desse tempo todo? Achei que não gostaria de alguém como eu.

— Você é ridículo, Samuel. Eu não sou mais uma menina.

Ele sorriu, contente, segurando a mão dela novamente, mas não falando mais nada. Phoebe sentiu o coração pular no peito. Há algum tempo os dois tinham uma amizade diferente: volta e meia andavam de mãos dadas e estavam muito mais próximos do que o normal. Sabia que o homem tinha receio quanto a ela e nunca se aproximaria a não ser que ela mostrasse sua vontade. Respirou fundo, tomando coragem, e deu um sorriso.

— Então acho que esse rubor não é mais válido mesmo. – murmurou, aproximando-se dele e beijando-o.

Phoebe balançou a cabeça, tentando não ruborizar. Lembrar-se dele naquele momento quase a fez sorrir, mas então olhou para o rosto preocupado de Seanna e resolveu que era melhor prestar atenção no presente.

Estava quase cochilando quando ouviu um barulho. Alguém corria até elas, tão rápido, que não parecia ser normal. Seanna levantou-se em um pulo e puxou-a contra si, fazendo com que as duas ficassem quase invisíveis na penumbra. Phoebe segurou a respiração quando a pessoa que corria passou por elas. Quando viu quem era, soltou-se de Seanna.

— Ulisses! — ela chamou, fazendo com que o homem parasse e voltasse correndo para ela.

Phoebe segurou um grito ao ver quem ele carregava. Rapidamente, colocou uma Celebriant inconsciente em cima de algumas cobertas, verificando seus sinais vitais. Ela não parecia estar machucada. Havia fuligem de fumaça por todo o corpo dela, um corte que não sangrava mais em seu ombro e um arroxeadado em seu rosto. Em seus braços e pernas havia pedaços de corrente, provavelmente cortados para ajudá-la a fugir.

— O que aconteceu, Ulisses? — perguntou, verificando o pulso e a respiração.

— Os Ocultos sabiam que estávamos vindo.

— Como? — perguntou Seanna, chocada.

— Não sei. O Imperador fez uma troca: Saori por Celebriant. E então resolvemos aguardar ali mesmo para ver se conseguíamos recuperar Celebriant... Conseguimos resgatá-la quando atacamos de surpresa, mas ela estava presa no terceiro andar da casa e estava

tudo pegando fogo.

— Ela deve ter desmaiado com o calor! – murmurou Seanna, aproximando-se mais.

Phoebe colocou suas mãos sobre Celebriant e fechou os olhos, deixando seu poder acender como uma pequena vela de luz azul na escuridão. Visualizou-a cada vez maior e sentiu a energia *Curare* vibrar em cada molécula de suas mãos. Concentrou-se na mulher e seu poder alastrou-se pelo corpo da jovem procurando em cada parte do seu corpo, em cada órgão e tecido o que não estava funcionando adequadamente. A fumaça preenchia os pulmões e intoxicava seu sangue. Calmamente, envolveu os pulmões e o ar limpo alastrou-se para todo o seu corpo, fazendo com que a fumaça saísse em espirais da boca dela. Porém, havia algo que ainda deixava Phoebe intrigada. O ferimento no ombro dela parara de sangrar, mas o seu *Curare* parecia mais fraco ali e não conseguia curá-lo. A médica percebeu que a jovem respirava tranquilamente e que as batidas do coração estavam estabilizadas. Phoebe respirou fundo, sentindo sua cabeça pesada e cansada, recuou até a parede e sentou-se no chão, apoiando-se na pedra em suas costas.

— Isso deve ser o suficiente.

— Por que ela não acordou? – murmurou Ulisses, preocupado.

— Talvez esteja cansada. Não sabemos o que fizeram com ela lá. – murmurou, olhando o roxo no rosto da garota – Vamos observá-la nas próximas horas e preparar algo



para comer. Quando ela acordar, estará faminta.

## Capítulo 11 – A cura milagrosa

Enquanto Phoebe e Seanna preparavam a comida de um jeito improvisado, Ulisses começou a contar os acontecimentos desde que as deixara naquela caverna. Mesmo curiosa, a médica apenas acenava ao ouvir, pois ficara feliz com o irmão voltando vivo. Celebriant, apesar de estar curada da intoxicação, ainda não acordara, e Phoebe começou a ficar um pouco preocupada.

Enquanto comiam, ouviram novamente passos de alguém que corria na direção deles. Ulisses e Seanna se levantaram prontamente e Phoebe se aproximou de Celebriant, para protegê-la. Ao aparecer na iluminação, entretanto, reconheceu Jean, com o rosto vermelho pela corrida e completamente ofegante.

Ao ver quem era, Phoebe relaxou, mas percebeu que seu irmão não gostara nada da chegada de Jean ali. O homem aproximou-se, preocupado, ainda recuperando a respiração e claramente querendo saber como estava Celebriant.

— Ela está bem, a princípio.

O homem assentiu, sentando-se um pouco mais afastado das duas, completamente esgotado. Seanna se aproximou dele, preocupada.

— E os outros? — a pequena perguntou, séria.

— A *maiorria* conseguiu *fugirr*, pelo que eu vi. — ele a encarou com profundidade — Minha *prrioridade erra chegarr* aqui, *Aahbrran* levou os *outrros* em *segurrança*.

A menina anuiu, parecendo mais aliviada. Assim que todos se alimentaram, Phoebe achou melhor que os homens descansassem e organizou os locais para eles dormirem. Apesar de estarem dentro das montanhas e o vento não passar por ali, estava muito frio. Após avaliar novamente Celebriant, cobriu-a com gentileza e deitou-se ao seu lado. A temperatura da jovem ainda não estava normal, mas Phoebe não encontrava o foco daquilo. Jean assumiu o primeiro turno de vigia, apesar de Phoebe lembrá-lo de quão cansado ele estava. Com a insistência dele, ela concordou e fechou os olhos, sonolenta.

Parecia que se passaram apenas alguns minutos quando sentiu alguém chacoalhá-la com intensidade. Assustada, Phoebe pulou de onde estava, encontrando dois olhos esverdeados encarando-a.

— Phoebe, algo está *errado*.

A voz de Jean a fez ficar completamente alerta em segundos. Olhou-o com veemência, claramente perguntando o que estava acontecendo. Seu primeiro pensamento fora os Ocultos, mas ao ver a urgência no olhar dele, voltou seus olhos para Celebriant. Suor escorria da testa dela e ela parecia tremer.

— Ela *nom* está bem.

— Eu terei que examiná-la novamente.

A médica colocou suas mãos sobre o peito dela e fechou os olhos, concentrando-se em seu poder. O *Curare* percorreu o corpo dela e percebeu que havia algo muito errado acontecendo.

Celebriant estava muito pálida, o suor molhava suas roupas e lágrimas escorriam dos seus olhos. Apesar de seu corpo reagir, ela parecia morta, completamente inerte. Sua respiração acelerada era a única forma de perceber que ainda havia vida ali. Seu poder novamente agiu, percorrendo cada pedaço do corpo dela. A febre começara a subir de maneira rápida e a garota começou a convulsionar.

O desespero de Phoebe era evidente e parecia que Vandreisen começara a ficar assustado. A médica respirou fundo, tentou se recompor e concentrou todas as suas forças, buscando dentro de si focar seu poder na busca da causa. Depois de três tentativas, finalmente encontrou o foco: o corte no ombro estava realmente envenenado, e aquele veneno percorria o corpo de Celebriant, matando-a a cada segundo. Entretanto, não era um veneno qualquer, pois aquilo conseguia se desvencilhar do seu poder de uma forma nunca vista. Olhou para Jean, que a encarava com nervosismo crescente.

— Jean, traga água gelada e um pedaço de pano. Temos que tentar baixar a febre

dela enquanto eu a curo.

O homem ficou alguns segundos olhando para Celebriant, parecendo não raciocinar direito. Phoebe percebeu o pânico nele e gritou para que ele corresse. Parecendo acordar, Jean obedeceu às ordens e olhou novamente para ela, preocupada. Seu poder conseguiu estabilizar as convulsões, mas a febre persistia e os tremores no corpo dela não paravam. Logo convulsionaria novamente, e a cada minuto seu *Curare* travava uma batalha terrível para manter os pulmões e o coração funcionando. Jean voltou com um pano molhado e colocou na testa dela.

— O que está acontecendo, Phoebe? – perguntou ao ver o rosto dela.

— Ela não está bem. – murmurou, aterrorizada – Foi envenenada.

— Veneno? – ele encarou a garota – Qual?

— Eu... – respirou fundo, sentindo-se impotente – Não faço ideia.

Jean ainda ficou olhando para ela algum tempo, como se esperasse que desse outra resposta. Não tinha outra resposta. Nunca vira algo como aquele veneno. Corroía de forma rápida, provavelmente porque estava há muito tempo em processo dentro do corpo de Celebriant. E apesar de tê-la examinado de ponta a ponta quando chegou, não conseguira ver nem vestígio dele.

Ao olhar para Celebriant, percebeu que ela voltara a convulsionar. Céus, o que iria

fazer? Acionou novamente seu poder, tentando usá-lo em sua forma plena, e seu coração não deixava de pular no peito, consciente que de daquela vez não conseguiria salvá-la. As forças de Phoebe estavam esvaindo-se, seu corpo tremia e ofegava a cada respiração. Aquilo parecia estar além de seus poderes. Seu pensamento voou para Samuel, pensando no que ele faria naquele momento.

— Phoebe? – a voz de Jean interrompeu seus pensamentos – *A senhorrita está pálida. Está tudo bem?*

Balançou a cabeça, segurando o choro. Seus olhos queimavam e sentia dores em todos os seus músculos. Lembrou-se do que aprendera com Samuel há muitos anos e aquilo ressoava em seus pensamentos:

*“— O Curare é um dom divino, Phoebe. Mas para usá-lo temos que dar de nós mesmos, nossas forças, nossa vontade, e pode exigir até nossa vida.*

*— Como assim, Samuel? – falou, chocada – Você quer dizer que pode nos matar?*

*— Se você não souber dosá-lo, sim. Somos apenas instrumentos de uma vontade maior e ainda somos seres humanos. Cada vez que usar seu poder, uma parcela de sua energia será utilizada para a cura.*

*— Sim, eu sei, é por isso que ficamos cansados e vulneráveis depois. – resmungou, ainda intolerante.*

— *Sim, mas isso funciona muito mais do que usar o poder por si só, é uma doação.* — *o homem encarou-a com firmeza — Estamos aqui para ajudar os que precisam e há histórias de Curares que já deram suas vidas para alcançar a cura de pessoas que amavam.”.*

Phoebe voltou a si quando sentiu uma dor lancinante em sua cabeça e aquilo a acordou como um choque. Havia perdido a consciência momentaneamente e caíra de cabeça no chão. De imediato, várias mãos a apoiaram e ouviu ao fundo que alguém a chamava. Passou a mão em sua cabeça: estava sangrando. Os olhos de seu irmão encontraram os seus e a fitavam desesperados.

— Phoebe! Irmã! Fale comigo!

— Me ajude a sentar. — disse em um sussurro.

— Não, irmã, você está fraca demais. — Ulisses estava com os olhos marejados.

— Por favor, Ulisses.

Ele a ajudou a sentar e Phoebe fez de tudo para manter a impressão de que estava aguentando, mas sabia que seu corpo cedia. Ainda assim, não podia deixar de tentar. Celebriant era muito mais importante do que ela, e nem que desse sua própria vida, iria fazê-la voltar. Suas mãos tremiam quando as colocou novamente junto ao coração dela. Desejou do fundo de sua alma, como jamais havia desejado, que ela se tornasse uma só com

seu poder.

A luz azul do seu *Curare* se intensificou, percorrendo o corpo de Celebriant de uma forma que nunca usara. Sentia-a vibrar em cada célula do seu ser e invadia o corpo da jovem. A dor era intensa, como se mil agulhas a espetassem por todo o corpo, e suas pernas não paravam de tremer. Buscou mais uma vez a fonte do veneno e a encontrou pulsando viscosamente em verde. Focou todas as suas forças na captura daquele veneno e na estabilização dos batimentos cardíacos de Celebriant, que estavam cada vez mais lentos. Sua respiração era cada vez mais ofegante e seu corpo todo brilhava em azul cintilante. Ao longe percebeu, vagamente, que Jean e os outros se afastaram dela. Cada parte do corpo da garota que estava envenenada pulsava em verde, mas seu poder não conseguia removê-los. Sua frustração se transformou em raiva e Phoebe começou a apertar o peito da paciente com mais força, como se assim fizesse ser diferente.

Lembrou-se então, naquele momento, do primeiro paciente que morreu em suas mãos, ainda quando era ajudante de Samuel. O homem era jovem e fora picado por algum estranho animal das montanhas. Nada do que ela ou Samuel fizessem o teria ajudado, pois ele estava praticamente morto quando procuraram um médico.

Enquanto chorava copiosamente em casa, assim que voltaram, Samuel tomou suas mãos nas dele, sorrindo e acariciando seus cabelos.



— Phoebe, a morte faz parte da vida. Não tem por que chorar.

— Mas... Eu poderia tê-lo salvado! – disse, chorosa.

— Não, Phoebe. Não poderia. Era a hora dele... Apesar de lutarmos entre a vida e a morte, não somos nós quem decide por último. Como vamos competir com o Divino?

Seus olhos voltaram para Celebriant, que não parara de convulsionar. Seu *Curare* procurava englobar toda a pulsação esverdeada e Phoebe respirou fundo, sentindo um gosto ruim em sua garganta. Seu corpo tremia e estava gelada, o suor frio escorria por seus cabelos e sabia que não aguentaria muito tempo, mas usaria todas as suas forças para tentar curar Celebriant.

Determinada como nunca, fechou seus olhos e intensificou a força azul, sentindo que ela se expandia além do que jamais fizera. Estava disposta a dar sua vida e ordenou ao seu poder que drenasse cada fagulha de energia que ainda lhe restava para salvá-la. Seus olhos estavam desfocados e a luz a englobou, mudando seu espectro de azul cintilante para um azul cada vez mais claro, quase branco. Sentiu aquela energia percorrer como um relâmpago o corpo de Celebriant.

A médica caiu sobre o corpo da jovem, exausta, e percebeu que este estava inerte. Phoebe olhou em choque para o rosto que empalidecia: a vida esvaindo-se. Por último, pôde ouvir seu coração diminuir as batidas.

— **Não!** – gritou desesperada, sendo apoiada por Ulisses e Seanna para não cair, mas não conseguia olhá-los – **Não morra!**

As lágrimas escorriam como um rio pela sua face sem nenhum controle. Seu corpo minimamente a obedecia. Com o rosto caído em cima do corpo de Celebriant, ouviu a última batida do coração da jovem.

Sem forças, Phoebe olhou incrédula para a garota, esvaindo-se em lágrimas, enquanto seu *Curare* brilhava em uma tênue e calma luz azul pelo seu corpo.

E então tudo ficou escuro.

\*\*\*

O mundo cinza novamente, pensou Celebriant, olhando com cautela à sua volta. Sabia que aquilo aconteceria e desta vez estava ciente de sua própria morte. A fila era imensa e tentou juntar-se a ela, mas nenhum dos passantes lhe abria um espaço. Estava quase gritando com um deles, pedindo que a deixassem passar, quando sentiu alguma coisa atrás de si, pulsando e brilhando de uma forma estranha.

Curiosa, virou-se, vendo o que parecia ser uma bolha translúcida, que reluzia com todas as cores. Dentro da bolha podia ver uma série de cenas que não conhecia. Um homem

com cabelos e olhos castanhos, com um sorriso gentil e amoroso. Outro homem ruivo, com uma barba e olhos idênticos aos de alguém que ela conhecia.

Apesar de curiosa, sentiu um pouco de medo. O que era aquilo, exatamente?

Afastou-se, mas a bolha pareceu persegui-la, como se fosse algo para ela. Entendendo isso, ela esticou uma mão, com a intenção de tocá-la. Ouviu um zumbido estranho, e então a bolha encostou-se a seu dedo. Desesperada, tentou se livrar daquilo, mas, como se criasse vida, ela rapidamente envolveu sua mão em luz e seguiu em direção ao braço. Em choque, Celebriant balançou a mão, mas a luz a envolveu por completo.

\*\*\*

Seu corpo estava completamente dolorido e mal conseguia se mexer. Passou a mão em seu rosto, com lágrimas secas em todo ele.

Acabara. Celebriant estava morta e ela seria a próxima, pois seu corpo não conseguiria se curar sozinho depois de todo aquele esforço inútil. Tentou se levantar e sentiu que Ulisses a segurou com cuidado, quase chorando:

— Phoebe, você acordou, ainda bem!

Abriu a boca, tentando falar, mas sentia-se muito fraca. Mal conseguia manter os

olhos abertos.

— Não fale, irmã. Passou horas desacordada...

Fez um movimento mínimo de concordância e olhou para o lado, sentindo uma dor insuportável percorrer seu corpo. Ulisses apontava para o corpo de Celebriant e ela não acreditava que ele conseguia sorrir em uma situação daquelas. Ao compreender o seu olhar, Ulisses começou a rir e apontou novamente, pedindo:

— Olhe para ela, Phoebe!

— Está viva! – Seanna apareceu em sua visão, com um esgar de sorriso tentando surgir.

Apesar de fraca, Phoebe conseguiu se soltar de Ulisses e se arrastou até Celebriant, ainda sem acreditar. Olhou para a garota e recomeçou a chorar. Ela não estava mais pálida. Sua respiração normalizara e era apenas levemente trêmula. Suas maçãs do rosto ainda estavam brancas, mas seu pulso estava normal. Olhou por todo o corpo, procurando algum sinal de que ela estava morrendo, mas a única coisa diferente nele era o ombro encharcado pelo seu choro. Trêmula, quase caiu em cima dela de novo, e foi preciso que Ulisses evitasse que isso acontecesse.

— Mas... – sussurrou, em choque – O que significa isso?

— Ela está viva! – murmurou Seanna – Você conseguiu!

Olhou novamente para Celebriant, que tremia um pouco por estar com a temperatura baixa. Ela com certeza melhoraria em horas.

Phoebe se sentia tão fraca, que sabia que não conseguiria usar o seu poder. Somente pensar em seu *Curare* fazia seu corpo vacilar. Seus olhos percorreram os presentes, que pareciam contentes com o desfecho dos esforços dela, mas como explicaria a eles que não fora ela quem salvou Celebriant? Lembrava-se do verde viscoso, pulsante, ganhando do azul do seu poder. Como ele desaparecera?

Antes que pudesse contar a verdade, sentiu uma forte tontura invadi-la e duas mãos fortes a seguraram.

— Phoebe? – murmurou Ulisses, preocupado – Está bem?

— Eu usei meu poder ao máximo. – murmurou, tentando não demonstrar a dor que estava sentindo em seu corpo – Preciso descansar.

— Cuide da sua irmã. – falou Seanna, levantando-se imediatamente e pegando um cobertor.

— Jean... – murmurou ao vê-lo, sentindo suas forças se esvaírem rapidamente – Cuide de Celebriant. Aqueça-a.

E então tudo escureceu.

Celebriant sentia-se confortavelmente aquecida, mas seus olhos relutavam em abrir. Não queria abri-los, na verdade, pois a sensação de bem-estar era grande. Então, lembrou-se de onde estava e seu corpo reagiu instantaneamente, fazendo-a abrir os olhos, assustada.

Seu coração palpitou, em pânico, fazendo o possível para se desvencilhar daquelas mãos. Estava deitada no colo de alguém! E esse alguém só poderia ser... Completamente irada, começou a se debater. Não iria deixar Nicholas tocá-la daquela forma e sentiu que ele lutava para segurar seus braços.

— *Parre, senhorrita!* Sou eu!

A voz estranhamente conhecida fez com que parasse e encarasse quem segurava suas mãos.

Vandreisen olhava para ela com firmeza e vagarosamente soltou-a, fazendo Celebriant perceber que era no colo dele que estava deitada. Ainda sem compreender, olhou em volta, temerosa, mas ele segurou seu rosto com uma das mãos. Ele parecia olhar fixamente para um ponto em seu rosto, e, apesar de parecer tranquilo, sua *Intueri* gritava que ele sentia ódio gigante de alguém que não era ela.

— Está a salvo. – ele falou, ainda olhando-a profundamente.

— Saori? – murmurou, preocupada, tentando olhar em volta.

— Está com *Árrio*, indo *parra* a Base Tecnológica.

Soltou um suspiro de alívio, satisfeita. E então se lembrou da situação em que se encontrava e sentou-se com o susto, agarrando-se ao cobertor e quase caindo no processo. Seu rosto deveria estar completamente chocado, pois Vandreisen colocou as mãos para trás em sinal de rendição. Reparou, então, em seus pulsos, envolvidos em faixas de tecido, e encarou o homem, desconfiada.

— Desculpe-me *porr* isso. – ele murmurou, ainda sem se aproximar – Passei um tempo *parra* *tirrar* as *correntes* da *senhorrita* com água e sabão, mas mesmo assim machucou um pouco.

Celebriant olhou para os pedaços de corrente, jogados no chão, e acenou em agradecimento, sem saber o que fazer.

— Quanto a isso... – ele apontou para onde eles estavam, com ela em seu colo pouco antes – Eu estava *cumprindo orrdens* de Phoebe, ela mandou aquecê-la. – ele pareceu desconfortável e se aproximou da pequena fogueira, pegando um prato improvisado e servindo-a com uma sopa. – Aqui, pegue.

— O que é isso? – resmungou, ainda incomodada e enrolando-se mais no cobertor, sem saber o que estava acontecendo.

— Comida. A *doutorra* disse que assim que *acorrdasse deverria comerr*.

Celebriant olhou desconfiada, mas viu, ao longe, três vultos que dormiam tranquilamente e pôde reconhecer os cabelos ruivos da *Curare* entre eles. Seu estômago reivindicou a comida e, antes que percebesse, pegou-a, e Vandreisen sentou-se ao seu lado.

— Como? – perguntou, assim que estava um pouco saciada – Como eu vim parar aqui?

Ele ficou em silêncio alguns instantes, parecendo controlar algo que ela não compreendeu. Então respirou fundo e começou a contar.

Apesar de um pouco chocada do plano completamente funcional dele e de saber que Ulisses a carregara até ali morrendo, ficou alguns minutos pensativa, tentando processar as informações.

— O que aconteceu no seu *rrosto*? – ele perguntou de repente, parecendo furioso.

Instintivamente, colocou a mão abaixo do olho, onde sentia uma parte levemente dolorida. Lembrou-se então do tapa que Nicholas lhe dera e baixou o rosto, irritada. Aquele maldito!

— Não foi nada. – resmungou, irritada, e ao olhar para o homem, percebeu que ele parecia completamente irado.

— *Sobrrre* aquele *quarrto*, *entrretanto*... – ele grunhiu, ainda olhando-a fixamente.



Celebriant levou alguns segundos para compreender do que ele falava, mas seu corpo se retesou no mesmo instante que lembrou. Encarou-o, sem saber o que falar e não querendo entrar naquele assunto por nada.

— Tudo bem se *nom querr falarr sobrre* isso. – ele murmurou, desviando o olhar e mexendo na fogueira, não conseguindo fazer aquele ódio desaparecer – Mas deixá-la lá para *morrerr* queimada... *Rrealmente* foi algo doentio.

— Não foi ele quem pôs fogo. – murmurou, compreendendo no mesmo instante – Foi minha irmã, Lune.

Vandreisen a contemplou, parecendo querer ler seus pensamentos.

Incomodada com isso, Celebriant terminou de comer sua sopa e limpou o prato, levantando-se para lavá-lo. No mesmo instante sentiu uma tontura muito forte e perdeu a noção do mundo. Antes que pudesse cair, porém, foi amparada.

Assim que conseguiu enxergar novamente, olhou para Vandreisen, que a segurava apoiada nele. Os dois se olharam por alguns instantes, e Celebriant sentiu sua *Intueri* pular no peito, tentando lhe passar algum tipo de informação importante, mas não conseguiu se concentrar. Aquele tanto de sensações era demais para ela e estava sentindo um cansaço imenso corroê-la. De repente, os dois se afastaram, assustados, cada um olhando para outro lado.

— Acho que vou *chamarr* Phoebe. – ele murmurou, parecendo um pouco perdido e evitando encará-la.

Ao vê-lo sair, sentou-se no seu cobertor tentando se desfazer daquelas sensações. Estava tentando compreender o que sua *Intueri* lhe gritava quando seus pensamentos foram interrompidos por alguém sendo carregado até ela. Chocada, sentiu um enjoo invadi-la: Phoebe estava completamente pálida e com olheiras profundas. Seus olhos eram fundos e ela não conseguia andar. Vandreisen a ajudava a dar alguns passos disformes. A mulher sorriu, mas Celebriant não conseguia ver nada de bom naquilo.

— Viva! – ela murmurou quando a colocaram ao seu lado, segurando seu rosto e parecendo examiná-la – Viva!

— Phoebe... – murmurou, sem saber o que dizer.

— Como isso é possível? – a voz dela estava fraca e debilitada.

Atrás dela, Vandreisen parecia tenso, mas não respondeu à sua pergunta muda. Ulisses e Seanna apareceram logo depois, sorrindo para ela, e Celebriant podia sentir o desespero pela situação de Phoebe.

— Acho que vocês *prrecisam descansarr*. – a voz de Vandreisen cortou sua aflição, fazendo-a encará-lo com gratidão – Vou *prreparrar* os leitos aqui, mais *perrto* da *fogueirra*.

Phoebe pediu para se deitar ao lado de Celebriant e dormiu no mesmo instante em que encostou sua cabeça no travesseiro, ainda com um sorriso no rosto. Preocupada, viu quando os outros deitaram e fez o mesmo. Por algum motivo, sentiu-se observada e abriu os olhos novamente, e, antes de fechá-los, ainda pôde ver de relance os olhos estranhos e esverdeados de Vandreisen encarando os seus.

## Capítulo 12 – Alguém com quem contar

Celebriant sentiu que alguém mexia nela levemente e abriu os olhos, assustada. Os olhos verdes de Phoebe a encaravam. Ela ainda estava deitada onde dormira, parecendo pior do que antes, e estendia a mão até sua testa, para verificar se estava com febre. Viu que Ulisses parecia mexer em alguma coisa na fogueira e Vandreisen dormia. Seanna estava perto delas também, mas parecia muito concentrada em seus pensamentos para prestar atenção.

— Phoebe... – murmurou, ainda sem compreender – O que aconteceu?

A mulher abriu a boca para falar, porém Ulisses veio até elas com dois pequenos potes com comida. Entregou um para Celebriant e segurou Phoebe sentada, para poder alimentá-la. Começou a comer, sem sentir fome, e Ulisses a encarou estranhamente.

— Você está bem?

— Sim. – resmungou, mexendo na sua comida sem vontade – O que houve, Ulisses?

— Bem... Phoebe está cansada por tê-la salvado, só isso.

A ruiva balançou a cabeça, parecendo sentir dor, e, assim que terminou de comer o que tinha em sua boca, sorriu para Celebriant.

— Eu *tentei* lhe salvar. — a voz dela estava muito esquisita, como se não estivesse mais ali. — Mas realmente não sei como se salvou.

Celebriant balançou a cabeça em afirmação, sentindo algo muito maior do que culpa atingi-la. Levou outra colherada na boca, e Phoebe apontou de forma fraca para seus pulsos, indicando com o olhar que não compreendia o que havia ali.

— O que são essas faixas? — ela perguntou, observando-as vagarosamente — Não estavam aqui ontem.

— Vandreisen tirou as correntes dos meus braços. — mostrou os pés também enfaixados.

— Se quiser, posso curá-los para você. — ela sussurrou, já levantando as mãos trêmulas para curá-la.

— **Não!** — gritou, assustando a médica — Não, Phoebe. Você já fez o bastante, e esses machucados curam sozinhos.

A médica pareceu não querer compreender a situação e voltou a comer, relutante. Antes de terminar, adormeceu no colo de Ulisses e o homem colocou-a confortavelmente em um dos leitos. Ela não parecia ter melhorado nem um pouco e, ao olhá-la deitada, parecia estar tremendo mais do que o normal.

— Ulisses, isso é normal? — murmurou, preocupada.

— O quê? – ele se aproximou, ficando mais próximo dela.

— Já aconteceu antes? Phoebe ficar assim?

— Bom... Eu nunca vi. – ele pensou um pouco, franzindo a testa – Mas ela usou muito do poder dela e precisa repousar para se recuperar. Teremos que aguardar.

Celebriant mexeu a cabeça ainda sem compreender. Mesmo que a mulher estivesse apenas a um passo da recuperação, aquilo não parecia com alguém que estava somente cansada.

Antes que pudesse aproximar-se de Phoebe para verificar se ela tinha febre, Ulisses apareceu na sua frente, dando um sorriso um pouco diferente, algo entre preocupação e desconforto. Algo não estava certo naquilo. Apesar de sentir-se mal com aquela aproximação, Ulisses se aproximou mais, ficando muito junto a ela. Viu pelo canto dos olhos que Vandreisen saiu naquele instante, sua *Intueri* captando confusão demais para ela compreender, e Seanna logo o seguiu, sem dar maiores explicações, o que a fez se perguntar se Vandreisen estivera realmente dormindo. Voltou os olhos para Ulisses, que estava tão próximo, que podia ver as sardas dele.

— Eu estou feliz que esteja viva! – ele falou, aproximando-se dela, claramente com intenção de beijá-la.

Sua mão agiu tão rápido, que só percebeu quando a manteve no peito de Ulisses,

impedindo-o. Conseguiu ler claramente a dúvida na cabeça dele, sem compreender por que ela estava agindo daquela forma. O único problema era que ele não era o único confuso ali. Celebriant ainda olhava para sua própria mão, perdida. Agora que pensara, percebeu que aquilo era o certo e que não queria beijar o ruivo. Por mais que quisesse esquecer tudo o que o homem fizera e mesmo que ele fosse a primeira pessoa de quem gostara em sua vida, tudo o que ele dissera ainda estava gravado em sua mente, como se fosse um aviso. Não conseguia mais olhá-lo como antes. Percebeu que não queria mais nada dele.

— O que houve? – ele perguntou, aproximando-se dela e não parecendo muito feliz.

Celebriant abriu a boca para contar o que sentia, quando seus olhos perceberam que alguém ao fundo se mexia demais. Era Phoebe, tremendo tanto, que suas cobertas não ficavam em cima dela. Assustada, empurrou Ulisses e foi até a mulher, colocando a mão em sua testa e comprovando o que pensara antes: ela estava com uma febre terrível.

— Oh, céus! – exclamou, terrificada – Phoebe!

A médica abriu os olhos verdes, completamente perdida. Ao reconhecê-la, deu um sorriso débil.

— Celebriant...

— Phoebe, agente firme! Vamos curá-la!

Ulisses já estava ali ao lado da irmã, segurando-a levemente no colo. Levantou-se,

indo buscar algumas faixas para banhar em água fria e tentar baixar a febre da *Curare*, quando ouviu a voz dela, baixa e fraca:

— Não adianta. – os olhos dela a encararam meio desfocados – Eu vou morrer.

— **O quê?** – Ulisses grunhiu, segurando o rosto dela e fazendo-a olhá-lo – Pare de falar besteiras!

— Ulisses... Meu irmão... – ela balbuciou, completamente alucinada pela febre.

— Temos que levá-la à Base Tecnológica! – falou, levantando-se.

No mesmo instante, Seanna e Vandreisen apareceram na clareira, provavelmente por ouvirem Ulisses gritar.

— O que houve? – perguntou Vandreisen, percebendo a tensão.

— Phoebe está morrendo. – respondeu, organizando os pertences de qualquer jeito – Precisamos partir imediatamente.

— Posso usar meu *Speede* e levá-la mais rápido! – falou Ulisses, pegando a irmã no colo.

— **Nom!** – Vandreisen grunhiu, organizando o que faltava – *Nom* podemos *arriscar* com ela assim! Ela pode *terr* um colapso com o impacto do *poderr*.

— É muito longe. – confirmou Seanna, firme – Temos que ir com cuidado.

Celebriant acenou, concordando, e se aproximou de Ulisses, cobrindo Phoebe bem



com um cobertor. A mulher murmurava palavras desconexas e se mexia bastante, completamente delirante. Dos seus olhos escorriam lágrimas e ela não parecia olhar para lugar algum. Prestou mais atenção e percebeu que ela repetia um mesmo nome e se aproximou para ouvi-la melhor.

— Samuel... – murmurou pela última vez e então desfaleceu.

Olhou para Ulisses, mas ele encarava a irmã, chocado e irritado.

— Quem é Samuel? – perguntou, olhando para os outros.

— Sei quem é. – disse Seanna, parecendo longe.

— Vamos logo. – Ulisses cortou o assunto.

Seanna instantaneamente olhou para ela, confusa. Ao ver que Celebrant a olhava também, ela baixou os olhos e voltou ao que estava fazendo, parecendo ignorá-la. A médica voltou a gemer e então Celebrant pegou algumas coisas e pôs em suas costas, usando a mochila que Phoebe carregava.

— Eu conheço algumas ervas que podem baixar a febre dela. – falou, olhando para Ulisses – Como estamos a pé, precisamos de cavalos. Mesmo que não paremos para descansar nem um minuto, demoraremos bastante para chegar. Portanto, preciso tentar pelo menos amenizar essa febre.

— Eu *nom* devia *terr* deixado Hagen para *trrás*... – murmurou Vandreisen,

aproximando-se dela. — É só me *dizerr* os nomes das ervas, que eu busco.

— Muito bem. Vamos partir.

\*\*\*

A passagem era estreita e íngreme e subia quase que verticalmente. Ulisses ficou à sua frente todo o trajeto, carregando uma Phoebe inconsciente no colo. O silêncio entre eles era enorme. Sem conseguir se controlar, pôs-se a pensar em tudo o que acontecera e sentiu seu corpo estremecer.

Ainda se lembrava com clareza do local onde fora aprisionada e dos olhos de Nicholas ao descobrir que estava viva. O homem sentia uma raiva gigantesca dela, mas em seus olhos conseguira ver algo mais sombrio do que poderia imaginar. Sua irmã, ao contrário, sempre fora sombria, e a cada vez que a encontrava, não se surpreendia ao ver que ela não melhorara nem um pouco.

Olhou novamente para seu ombro, por baixo do casaco, onde a irmã a cortara. O corte estava aberto, mas parara de sangrar. Com certeza deixaria uma cicatriz fina e comprida. Bufou, irritada. Como se somente a memória não fosse necessária para lembrá-la do que aconteceu. Seus olhos voltaram-se subitamente para trás e se encontraram com os de

Vandreisen. No mesmo instante, ele desviou o olhar, e Celebriant sentiu uma onda de ódio vinda dele, dirigida especificamente a ela.

Pensou, por alguns momentos, que o que acontecera na noite anterior era fruto de sua mente perdida. Tinha certeza de que imaginara Vandreisen sendo gentil e esfregando seus pulsos com água e sabão para tirar as correntes. Entretanto, ao olhar para as faixas, sabia que não fora uma ilusão. Ele realmente a tratou com gentileza, pelo menos enquanto estava dormindo. Mesmo sabendo, no fundo, que aquele estado de espírito do homem na noite anterior não era normal e que um Vandreisen carrancudo era o verdadeiro, sentia-se estranhamente chateada. Como alguém conseguia ser tão imprevisível? Porém, seria difícil esquecer aquele acontecimento, mesmo sendo uma impressão não totalmente real. Por alguma razão, gostara de ser bem tratada por ele. E quanto mais ele a ignorava, mais ficava emburrada com aquele comportamento rude.

Depois de várias horas, conseguiram alcançar a saída. Ao contrário de Lander, ali estava quente e ensolarado. Apesar de as estações serem as mesmas, o país de Selene era mais quente e entre as duas montanhas, fazendo com que seu clima fosse mais ameno do que o frio da região onde nasceu. Pararam alguns minutos para deixar Ulisses descansar e decidir como iriam fazer o caminho. Teriam que andar sem parar se quisessem salvar Phoebe, e a única forma de fazer aquilo era disfarçá-los. Passou o nome das ervas para

Vandreisen, preocupada.

— Eu vou até a vila mais *próxima* *buscar* alguma coisa *para* *esconder* a *senhorita* e as *ervas* *para* Phoebe.

— Não seja capturado! – ela pediu, o que fez o homem encará-la profundamente, mas Celebrant virou-se para Phoebe, ignorando-o.

A médica não parecia ter melhorado em nada e sua febre não baixara em nenhum instante. Seanna se aproximou dela e não pôde deixar de sentir um calafrio percorrê-la. Às vezes, a menina exalava uma presença assustadora demais para sua idade.

— Phoebe está quebrada. – ela disse, olhando para médica – Não sei quanto tempo seu corpo aguenta.

Apesar de conhecer as frases estranhas dela, Celebrant compreendeu seu significado. Sim, Phoebe se quebrara para poder salvá-la, e se não conseguisse ajudá-la, sabia que nunca iria se perdoar.

— Acha que as ervas vão ajudar? – perguntou baixinho, para que somente as duas ouvissem.

— Talvez. Tudo depende de as peças se encaixarem.

Celebrant respirou fundo, não compreendendo mais nada. Encostou sua cabeça na pedra atrás de si e fechou os olhos, esperando que Vandreisen não demorasse muito.

\*\*\*

Já era tarde da noite, mas Lune não conseguia dormir. Recebera um recado e aguardava ansiosa a presença de Ceres ali.

A prima havia partido no dia em que os Rebeldes invadiram a casa, tentando encontrar Celebriant antes de ela morrer. Contudo, mais de uma semana se passou e nem sinal dela. O que somente poderia significar uma coisa: Celebriant estava morta.

Seu júbilo era imenso. Apesar da raiva que sentira por perder Saori e tudo o que ela representava, acabara se acalmando. Seu maior problema era Celebriant, e agora já não era mais.

Nicholas havia se fechado novamente dentro de si, não demonstrando em nenhum minuto que sentia muito pelo que acontecera, porém sabia que ele estava vulnerável. Seu plano seria orquestrado magnificamente em dias e nada poderia ser mais gratificante do que aquilo. Esperava que Ceres voltasse com a notícia de que sabia onde estava Saori e sua vida estaria realizada. Se ela não descobrisse, teria que colocar seu outro plano em prática.

Quando pensou em retirar-se para seu quarto, ouviu a porta da frente sendo aberta e os passos de seus guardas se aproximando. Sentou-se, curiosa.

— Senhora Moringan. – guarda entrou na biblioteca, fazendo uma reverência – Sua prima Ceres Devoy pede para falar.

— Peça para que ela entre.

Outra reverência e o guarda saiu, fazendo com que Lune sentisse uma comichão nas costas. Era agora: teria a confirmação que tanto esperava.

Ceres parecia ainda mais magra do que o normal. Mesmo tendo tudo o que poderia ter, uma vez que era da sua família, ela ainda preferia usar roupas mais simples e negras, que escondiam sua real beleza e a faziam passar despercebida onde quisesse. Seu poder de *Bloqueio* a ajudava nisso também, mas ela nunca realmente gostara de ser reconhecida.

— Ceres! – falou, dando um sorriso e pedindo que a criada trouxesse comida e bebida para a prima – Você demorou a aparecer.

— Tive uma longa viagem.

As criadas trouxeram vários bolinhos, doces e salgados, os quais ela começou a comer sem nenhuma cerimônia. Lune esperou pacientemente que ela se alimentasse, e quando ela finalmente encostou-se à poltrona, sorrindo, perguntou:

— Então, não vai me dar a boa notícia?

O olhar que Ceres lhe enviou fez com que seu sorriso desaparecesse e seu *Kassan* sibilasse em suas costas com força. Não eram boas notícias.

— Celebriant ainda vive.

Lune grunhiu, tentando se controlar, mas falhou miseravelmente. Com raiva, jogou toda a comida e louça no chão, e Ceres salvou um copo de suco antes que a prima derrubasse a jarra.

— **Como isso é possível?** – Lune bufou, andando de um lado para o outro na biblioteca, sentindo vontade de colocar fogo em tudo aquilo – Aquela garota é imortal, por acaso?

Ceres deu de ombros e bebeu o suco, mas Lune não conseguia mais pensar no que fazer. Sua mente girava em raiva e percebeu que seus braços estavam em fogo, tamanho o ódio que sentia. Virou-se para a prima em sua fúria, encarando-a.

— Como descobriu?

— Os vi na Floresta das Ruínas. Eles estavam bem cientes de que poderiam ser perseguidos e os perdi no meio das árvores. Mas vi Celebriant e uma mulher ruiva quase morrendo. Pelo que consegui captar, ela é uma *Curare* e fez todo o esforço para salvá-la. Pelo jeito, conseguiu.

Lune não queria entrar em detalhes sobre as propriedades do veneno que criara, mas tinha certeza de que ninguém descobriria seu antídoto. Somente a *Curare* não conseguiria reverter o efeito do veneno, precisaria saber exatamente o que fazer para salvar Celebriant.

Sua mente maquinava com essa nova descoberta, tentando compreender como faria para pôr seus planos em prática com aquela notícia.

— Lune, você está bem?

— Era ela, então? – voltou seus olhos frios para a prima – Viva? E Saori?

— Eu a reconheceria em qualquer lugar. E não vi Saori em lugar nenhum. Provavelmente seguiu por outro caminho. – resmungou Ceres, parecendo olhar para a comida no chão com pena – Eu ainda estava com fome.

— Pode pegar mais comida na cozinha. – virou-se para os livros, irada – Tenho que resolver o que farei agora.

Ficou alguns minutos andando de um lado para o outro, com sua mente maquinando furiosamente. Ceres terminou seu suco e colocou o copo na mesa, encarando Lune, pensativa.

— Bom, se o Nicholas tem todo esse *apreço* pela Celebriant, talvez com essa notícia você consiga fazê-lo finalmente comer em suas mãos. – falou Ceres, dando um sorriso – Apesar de eu preferi-la morta, alguém entre nós a prefere viva.

Lune a encarou com evidente interesse. Não havia pensado por aquele ângulo, e sua mente começou a trabalhar em uma nova ideia.

— E se ele souber que ela está viva... – continuou Ceres, sorrindo com prazer ao ver



que ela compreendera a ideia.

— Ele vai sumir de vez daqui. — sorriu Lune, compreendendo onde a outra queria chegar — Ceres, você acaba de comprovar que é realmente a pessoa mais inteligente depois de mim!

A prima sorriu contente e apontou para a comida.

— Agora, quero mais!

Lune bufou, balançando a cabeça.

— Tenho que ir falar com meu marido a respeito dessas notícias. — chamou a criada com um aceno e apontou para a bagunça — Limpe isso e traga mais comida para Ceres. Depois a instale em um dos quartos de hóspedes.

Dando um sorriso leve para a prima, que ficou muito feliz por ganhar mais alimento, Lune saiu da biblioteca, com outro plano formado em sua mente. Não tinha do que reclamar, afinal. Era somente ter paciência e Nicholas com certeza cuidaria de sua irmã por ela.

\*\*\*

Apesar de sua vontade de falar com Nicholas, o marido não saía de seu escritório tão facilmente. Desde que Lune recebera as notícias na noite anterior, o homem não

aparecera no quarto e fizera o possível para não vê-la. Sabia que ele estava muito irritado por ter perdido Celebriant e a culpava por ter dado a ideia do veneno. Portanto, desde o ataque à casa deles e o resgate de Celebriant, ele se ocupara em recuperar o quarto do terceiro andar e se afastava. Provavelmente soubera da visita de Ceres e não queria ouvir a pior notícia.

Quando finalmente conseguiu encontrá-lo no escritório sozinho, ele estava sentado em sua escrivaninha, parecendo perdido em pensamentos. Não reparou em sua entrada, até que ela fechou a porta com força para chamar sua atenção.

— Ah, Lune, é você. – ele murmurou, voltando os olhos para o papel.

— Sim, sou eu.

— E o que quer? Estou ocupado. – ele nem levantou os olhos.

— Ceres voltou ontem à noite.

Nicholas encarou-a com um ar sombrio e seus olhos pareceram escurecer. E então ele respirou fundo, olhando para o papel em suas mãos sem realmente vê-lo.

— Então, ela está morta? – sua voz saiu em um sussurro tenso.

— Por incrível que pareça, não.

O homem voltou os olhos para ela em um estalo, confuso.

— Como assim?

— Eu sei, me senti exatamente dessa forma. — sentou-se na frente do marido, com graça — Como ela conseguiu? Isso é algo que eu deverei pesquisar depois que a capturarmos novamente.

Nicholas mexeu em seus papéis, como se estivesse absorto no que eles diziam. Lune percebeu como a força dele voltara, mas não era algo relacionado ao seu título de Imperador. Era algo ligado à sua irmã.

Como não percebera isso antes? Nicholas era forte e obstinado, mas seu defeito seria sua ruína.

— Você vai capturá-la? — perguntou, inocente.

— É o que mais desejo, Lune. — ele falou, entre dentes, e então apontou para o escritório — Mas olhe para tudo isso! E eu não consigo me concentrar.

— Pois então nós podemos conversar. — falou, quase ronronando, e se aproximou da mesa, encarando-o — Tenho uma proposta.

Os olhos dele cintilaram, mas ele não respondeu. Não precisava responder, pois Lune conseguia lê-lo como se fosse um livro aberto.

— Minha proposta é simples: passe-me suas obrigações... E então você estará livre para ir atrás de Celebriant.

— Como assim? — os olhos dele brilharam, indecisos.

Lune levantou-se, pegando duas taças e preenchendo-as com vinho tinto do armário de bebidas, levando-as novamente para a mesa de Nicholas. O homem pegou sua taça e virou-a em um gole, enquanto Lune bebericou a taça dela lentamente.

— Veja bem, Nicholas. – falou, encarando-o com cautela – Ambos sabemos que você se tornou Imperador por pressão de seus pais e de Eurico. Você queria o posto, obviamente... Mas seu desejo era muito maior pela minha irmã. E continua querendo-a muito mais, não?

O homem estava perplexo. Provavelmente ele nunca esperara que Lune falasse sobre os sentimentos dele assim. Foi um impacto perceber isso. E pelo olhar dele, aturdido, porém firme, percebeu que estava funcionando.

— Eu assumo o posto aqui enquanto você busca Celebriant. Acredito que agora você é o único capaz de capturá-la, visto que muitos tentaram e todos falharam.

— Isso é... – ele fixou seus olhos azuis nela, cauteloso – Isso é sério, Lune?

— É claro que é. Você me indica para seu posto enquanto você se dedica exclusivamente a resolver esse pequeno problema... E depois que você voltar com seu problema resolvido, assume novamente. Mas, dessa vez, assume com minha irmã em seu poder.

Nicholas levantou-se no mesmo instante, com um brilho no olhar que deixou Lune

satisfeita. Ceres merecia um prêmio por ajudá-la a pensar naquilo.

— Vou organizar tudo para passar o cargo a você, mas preciso de um pequeno contingente de Ocultos para ir atrás dela.

— Obviamente. Leve quantos precisar. Duvido que os Rebeldes ataquem novamente nossa casa em sua ausência.

O homem remexia os papéis, nervoso, separando vários deles para passar para Lune. Sorrindo, tomou o restante do seu vinho, colocando a taça em cima da mesa e esperando-o terminar o que fazia.

— Então amanhã de manhã iremos anunciar. — ele deu um sorriso perverso, pegando uma pilha de papéis e colocando em sua frente — E então eu irei atrás *dela*.

\*\*\*

Todos os conselheiros do Imperador e mais seus subordinados fiéis estavam sentados à mesa de reuniões. Lune vestia suas roupas oficiais do Oculto e aguardava ansiosa. Passara a noite com Nicholas, pegando todas as informações necessárias para substituí-lo enquanto ele não estaria presente. Sua ansiedade a corroía de uma forma boa. Sabia que seria apoiada por todos ali. Há meses que se encontrava com eles

esporadicamente, ora para pedir ajuda em algumas funções, ora apenas para conversar. Lune os conquistara e sabia disso. Porém, ali havia duas pessoas que nunca aceitariam o que estava para acontecer: os pais de Nicholas. César com certeza receberia a notícia muito mal, mas com Nicholas determinado do jeito que estava, as chances de ele conseguir convencê-lo do contrário eram nulas.

— Bom dia a todos. — Nicholas iniciou a reunião — Tenho um comunicado muito importante para fazer.

Viu César encher o peito de orgulho e tentou segurar o sorriso. Pobre homem.

— A partir de hoje, irei à busca de Celebriant Devoy para capturá-la. Enquanto eu estiver ausente, vou indicar alguém para ficar em meu lugar.

Parecia que os olhos de César Moringan iam saltar das órbitas. Ele abriu a boca para falar, mas Nicholas o impediu com um gesto, parecendo querer colocar a notícia para fora o quanto antes. Sentiu um arrepio percorrer suas costas: chegara o momento.

— Indico Lune Devoy para o cargo.

O que se seguiu foram gritos e balbúrdia, vindos de César, obviamente. Lune manteve sua expressão neutra, somente aguardando o desfecho. Sabia que ganharia, ao ver o olhar obstinado de Nicholas e dos seguidores, que somente apoiavam a situação olhando para ela com ardor.

— Silêncio! — a voz de Nicholas reboou pela sala, fazendo todos se calarem no mesmo instante — Eu sou o Imperador e, nesse instante, não posso continuar com o cargo! — ele bufou, irritado, e apontou para Lune — Portanto, indico Lune Devoy para o posto de Imperatriz dos Ocultos. Quem é a favor?

César a encarava abertamente e com ódio, mas foi Naiara Dale quem primeiro levantou-se, deixando-a levemente surpresa. Esperava por isso, mas a mulher fora a única que não se aproximara tanto dela.

— Sigo suas ordens, Imperador. — olhou para Lune, sorrindo — Imperatriz.

Os gêmeos Kalipur também fizeram uma reverência, com sorrisos idênticos e murmurando palavras desconhecidas que pareciam concordar com Naiara. Os outros conselheiros aos poucos fizeram o mesmo, levantando-se e curvando-se diante dela. Assim que a grande maioria a apoiou e apenas César e Yone não se pronunciaram, Nicholas deu-se por satisfeito e segurou o braço de Lune para levantá-la, colocando sua capa e seu broche nela.

— A Imperatriz, Lune Devoy.

Lune sorriu, sentindo seu *Kassan* borbulhar em suas costas, enquanto todos se levantavam de suas cadeiras e faziam uma reverência para ela.

\*\*\*

Sentia a urgência pulsando em seu corpo. Precisava encontrá-la!

O cavalo sofria com o terreno difícil da floresta, mas não tinha escolha.

Phoebe precisava dele. Sentia isso! Por que era tão difícil achá-la?

Sabia que estava ali. Só precisava encontrá-la.



## SELO LUMUS

Mundos de fantasias parecem não ter limites.

Através do folhear das páginas, embarcamos em jornadas mágicas, épicas, sombrias, repletas de aventuras e perigos. Mesmo que elas fiquem apenas na imaginação e na empolgação pela leitura, foi um momento de nossas vidas que valeu a pena. Essa magia é única.

A nossa proposta com o Selo Lumus é buscar essa magia nas histórias dos nossos escritores nacionais. Entretanto, não procuramos apenas pelo elemento fantástico. Acreditamos que as histórias precisam ter um algo a mais, que nos conquiste ao ponto de arrastarmos aquele amigo-leitor até a vitrine de uma livraria e exclamarmos cheias de razão “Você precisa ler esse livro!”

Você também procura leituras assim?

Então conheça os outros lidos do Selo Lumus!

**- Lhaisa Andria e Paula Vendramini –**

Caçadoras de histórias fantásticas nacionais da Editora Modo.

\*\*\*

Acesse nossos links e saiba mais sobre o Projeto Selo Lumus:

<http://modoeditora.com.br>

<http://selolumus.com.br>

**blog:** <http://selolumus.wordpress.com>

**Fanpage:** <http://fb/selolumus>